



Mulheres no Jornalismo Desportivo: uma busca por espaço e representação no Brasil e em Portugal.

Mariana Ziccardi Ramires

Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação

Agosto, 2021

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação, realizada sob a orientação científica da Professora Dora Santos-Silva.

Dedicatória

“me levanto
sobre o sacrifício
de um milhão de mulheres que vieram antes
e penso
*o que é que eu faço
para tornar esta montanha mais alta
para que as mulheres que vierem depois de mim
possam ver além*

- legado”

(Rupi Kaur)

Agradecimentos

Aos meus pais, Anderson e Mariangela, pois sem vocês, eu não sou. Devo tudo
a estes dois.

Ao meu avô, o qual gostaria que estivesse aqui para ver sua neta tornar-se
mestre.

À minha irmã e madrasta, que foram meus maiores presentes nesta vida.

Aos amigos que trouxe do Brasil e aos novos que fiz em Portugal; infinito são os laços.

À minha orientadora, a Professora Dora Santos-Silva, pelo seu pragmatismo,
bom humor e ajuda indispensável neste desafio.

Às jornalistas que se dispuseram para ajudar nesta pesquisa; às que ousam
sonhar e desafiar cada vez mais pela conquista do nosso espaço. Vocês me inspiram.

A todos que passaram pelo meu caminho nesta jornada, foi lindo.

Obrigada. Só obrigada.

Mulheres no Jornalismo Desportivo: uma busca por espaço e representação no Brasil e em Portugal

Mariana Ziccardi Ramires

RESUMO

O jornalismo passou por diversas mudanças em suas estruturas e conteúdos nos últimos tempos, principalmente com a entrada da web e o surgimento de novas plataformas para a divulgação da informação. Porém, algumas questões mais enraizadas na sociedade ainda prevalecem e precisam ser discutidas. As questões de gênero e o feminismo se tornaram assuntos de extrema relevância nos últimos 5 anos.

Com este estudo, pretende-se saber quais são as condições laborais das jornalistas desportivas, além de entender as suas percepções em relação à igualdade de gênero nas redações televisivas portuguesas e brasileiras. Buscamos entender quais são as principais portas de entrada para uma mulher nesta área; como as questões de gênero influenciam a carreira dessas jornalistas, tanto de maneira positiva quanto negativa; e quais foram os avanços relacionados a igualdade de gênero na informação desportiva. Para este efeito, usamos a metodologia qualitativa, com entrevistas semiestruturadas a sete jornalistas desportivas de televisão, quatro brasileiras e três portuguesas.

Notamos que a maioria das jornalistas teve seu primeiro contato com o desporto durante a infância e que este contato foi decisivo para sua entrada no jornalismo desportivo, além das questões de gênero influenciarem diretamente não só suas carreiras, mas, também, afetarem a sua vida pessoal. Por outro lado, todas notaram avanços significativos na busca pela igualdade dentro das emissoras. Por fim, há uma grande diferenciação entre o conteúdo desportivo português e o brasileiro por conta da importância dada em cada país.

Palavras-chave: Desporto, Jornalismo, Jornalismo desportivo, Portugal, Brasil, televisão, mulher, questões de gênero.

Women in Sports Journalism: a search for space and representation in Brazil and Portugal

Mariana Ziccardi Ramires

ABSTRACT

Journalism has been through several changes in its structures and contents over these past few years, especially with the arrival of the web and the emergence of new platforms for the dissemination of information. However, some issues are more deeply rooted in society and still prevail, still needing to be discussed. Gender issues and feminism have become issues of extreme importance in the last 5 years.

With this study, it's intended to know what are the working conditions of women in sports journalism, in addition to understanding their perceptions in relation to gender equality in Portuguese and Brazilian television newsrooms. We seek to understand what are the main entrances for a woman in this area; how gender issues influence these journalists' careers, both positively and negatively, and what have been the advances related to gender equality in sports information. For this purpose, we used a qualitative methodology, with semi-structured interviews with seven television sports journalists, four Brazilian and three Portuguese.

We've noted that most journalists had their first contact with sport during childhood and that this contact was decisive for their entry into sports journalism, in addition to gender issues directly influencing not only their careers, but also affecting their personal life. On the other hand, all pointed significant advances in the search for equality within broadcasters. Finally, there's a great difference between Portuguese and Brazilian sports content due to the importance given by each country.

Key-words: Sports, Journalism, Sports Journalism, Portugal, Brazil, television, women, gender issues

Código: GAAD.MD.01.01
Pág. 1

DESPACHO



GABINETE DE APOIO AO DIRETOR | ADAE

Despacho N.º 01/2021

Assunto: Prorrogação do prazo de entrega da componente não letiva

Considerando o artigo 259º da Lei nº 75-B/2020 de 31 de dezembro, relativa ao Orçamento de Estado para 2021, determina-se a prorrogação do prazo de entrega das componentes não letivas de Mestrado e Doutoramento até ao final do presente ano letivo (31 de agosto de 2021), com efeitos a partir de 1 de janeiro de acordo com o artigo 445º da referida lei.

Lisboa, 04 de janeiro de 2021

O Diretor

Prof. Doutor Francisco Caramelo

100.10.600-AS2021/01-01

GAAD.MD.01.01: Despacho

Avenida de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa | Portugal
Tel.: +351 21 790 83 00 | Fax: +351 21 790 83 08 | www.fcsh.unl.pt

Pág. 1/1

Índice

Introdução	1
Capítulo I: Contexto Histórico e Desafios do Jornalismo Desportivo	4
I.1 O contexto internacional.....	4
I.2 O cenário Português.....	8
I.3 O cenário Brasileiro.....	17
I.4 O Jornalismo Especializado.....	23
I.5 O Impacto e Desafios da Televisão para o Jornalismo Desportivo.....	27
Capítulo II: A História e Luta das Mulheres	37
II.1 A visão da mulher na sociedade.....	37
II.2 A entrada e participação das mulheres no desporto.....	39
II.3 As mulheres no mercado de trabalho e a entrada nas redações.....	42
II.4 Mulheres no Jornalismo Desportivo.....	47
Capítulo III: Desenho de Investigação	56
III.1 Objetivos.....	56
III.2 Pressupostos de Investigação.....	56
III.3 Questão de Partida.....	57
III.4 Subperguntas de Investigação.....	57
III.5 Metodologias adotadas.....	58
III.6 A escolha do <i>Corpus</i>	59
Capítulo IV: Análise e Discussão dos Dados Recolhidos	62
IV.1 O percurso para o Jornalismo Desportivo.....	62
IV.2 Inserção e adaptação nas redações desportivas.....	63
IV.3 Igualdade de Género na Informação Desportiva em Portugal e no Brasil.....	67
IV.4 O balanço e o legado das Olimpíadas de Tóquio.....	74
Conclusão	77
Bibliografia	81
Anexos	85

INTRODUÇÃO

O estudo apresentado nesta dissertação tem como objetivo analisar o contexto atual das condições laborais em que as jornalistas da área de desporto televisivo se encontram, principalmente no que respeita as questões de género quer nas redações brasileiras quer nas redações portuguesas.

Nesta investigação, entrevistamos sete mulheres jornalistas da área do desporto, que trabalham exclusivamente com televisão, para testar algumas das hipóteses levantadas: quais são as portas de entrada para uma jornalista no jornalismo desportivo; como as questões de género impactam, tanto positivamente quanto negativamente, a carreira das jornalistas desportivas; e quais passos foram dados, ou não, em prol da igualdade de género dentro das redações ao longo dos anos. Para respondermos a estas questões, foi escolhida a metodologia qualitativa, com entrevistas semiestruturadas feitas a sete jornalistas, sendo as emissoras escolhidas: *A Bola TV, Benfica TV, Canal 11, Rede Globo, Rede Bandeirantes, Record e FLU TV.*

Por muito tempo, as mulheres foram encaradas como pessoas sem muita conexão ao desporto, principalmente por conta das condições impostas pela sociedade nos séculos XIX e XX. Esse estereótipo, porém, vem se modificando ao longo dos últimos anos. Os principais assuntos que eram voltados para o público feminino sempre foram moda, costura, assuntos relacionados com a casa e a família, entre outros, mesmo com o surgimento do movimento feminista, que tentava trazer assuntos como direitos da mulher, abolição da escravatura e direito ao voto.

As atividades realizadas pelas mulheres nessa época estavam relacionadas com os cuidados do lar e dos filhos, e por isso, o desporto não era o lugar para que elas pudessem ter algum tipo de sucesso. A prática desportiva era exclusiva do público masculino, não havendo possibilidade da inserção das mulheres nas competições por causa da imagem delicada e “fraca” do corpo feminino (Alexandrino, 2011), desmotivando, assim, participação feminina nas competições internacionais.

Por conta dessa falta de incentivo para as mulheres, houve um desinteresse de ambos os públicos para as notícias do mundo desportivo feminino. Podemos ver que, até hoje, os homens ainda acompanham mais os eventos desportivos do que as

mulheres, embora este cenário esteja se modificando com o tempo. Por isso, neste estudo faremos um breve resumo dos séculos XIX e XX, para conhecermos mais sobre o papel das mulheres brasileiras e portuguesas e o combate à discriminação sexual e sua afirmação na sociedade de igual para igual, criando movimentos feministas para reclamar o direito ao voto, ao trabalho, salários equitativos e igualdade de direitos e deveres (Pêgo, 2015).

Apresentamos nesta dissertação, também, uma breve história do jornalismo desportivo em Portugal e no Brasil, do seu início no século XIX até a atualidade. Passamos por conceitos desde a primeira notícia desportiva registrada na Idade da Pedra até o desenvolvimento do jornalismo especializado e o surgimento dessa segmentação de cunho desportivo, formando então audiências específicas (Monteiro, 2018) para cada tipo de jornalismo nos diversos media, que perceberam que o desporto era uma grande aposta para atrair um público mais fiel e apaixonado, principalmente na televisão.

Após sabermos do contexto do jornalismo desportivo dos dois países, vamos entender um pouco mais da participação das mulheres jornalistas desportivas dentro deste cenário. Veremos que, até hoje, ainda continua sendo “visto como algo curioso uma mulher que parece entender de esportes” (Coelho, 2004) e que isso acontece pelo histórico de afastamento das mulheres do desporto, uma vez que eram proibidas de praticar atividade física, além de se acreditar que as mulheres que não dominam a prática esportiva, não fariam um bom papel como jornalistas (Pêgo, 2015).

Para respondermos à questão de partida, utilizamos uma pesquisa qualitativa para o nosso estudo de caso. A entrevista foi o método escolhido, pela razão de nos permitir conhecer o ponto de vista das participantes, sendo as entrevistas realizadas via *Zoom*, face à situação atual do mundo com a pandemia e pela praticidade na recolha de informação. As entrevistas foram realizadas de uma forma não formal, sem nenhum tipo de rigidez ou viés, com o intuito de deixar as jornalistas confortáveis para partilharem suas experiências profissionais.

Este trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos. No primeiro, damos conta do contexto histórico do surgimento do jornalismo desportivo no Brasil e em Portugal, além de um aprofundamento no jornalismo desportivo como área de especialização e os desafios da televisão. No segundo, falamos sobre a inserção e os

desafios das mulheres nesta área predominantemente masculina. O terceiro capítulo aborda as questões de metodologias usadas nesta dissertação e, por último, apresentamos os resultados dos dados recolhidos.

Capítulo I: O CONTEXTO HISTÓRICO E DESAFIOS DO JORNALISMO DESPORTIVO

I.1 O contexto internacional

“Sports journalism is an important part of the news media, but it is fair to observe that it is not among its most prestigious disciplines (Boyle, 2005, 2006 *apud* Rowe, 2007, p. 386).

A cultura do esporte e tudo que a envolve não é nova para a sociedade moderna, e com o jornalismo não seria diferente. Esta área começou a ganhar espaço e voz no início do século XIX, no Reino Unido, veiculado pelas revistas *Bell's Life* e *Weekly Dispatch* (Boyle, 2006). Do outro lado do Atlântico, nos Estados Unidos, os primeiros suspiros do jornalismo esportivo também ganhavam vida com periódicos como o *Boston Gazette*, de 1733, que já abordavam assuntos como corridas de cavalo, *cricket* e lutas com apostas (Boyle, 2006).

Já no final do século XIX, os ingleses já tinham estabelecido um padrão completamente comercial em relação aos jornais. Assim, com a implementação de uma seção esportiva nos periódicos, as vendas aumentaram de maneira exponencial. Foi, inclusive, assim que a devoção ao esporte e os atletas profissionais começaram, também, a tomar forma (Boyle, 2006).

“While the growing popular press in the UK at the turn of the 20th century certainly did not invent sport, their engagement with it, their ability to create and shape meaning around it, and the process of widespread dissemination of ‘news’ associated with sporting events all began to transform what was understood to be the position of sport in society” (Boyle, 2006, p. 37).

Porém, esse modelo de negócio dos periódicos não era novidade para os norte-americanos. Boyle (2006) afirma que foi nos Estados Unidos que o jornalismo esportivo como conhecemos hoje começou a ser constituído. Mesmo com o Reino

Unido sendo pioneiro no quesito conteúdo esportivo, os americanos conseguiram encontrar uma forma de lucrar com o esporte nos veículos de comunicação, investindo em ações privadas. O modelo de negócio, por consequência, foi rapidamente implementado no resto do mundo (Boyle, 2006).

No que diz respeito ao resto da Europa, o início do século XX foi marcado pela emergência de cada vez mais veículos de comunicação voltados para o esporte. A França, seguindo os passos do Reino Unido, também começou a movimentar-se para consolidar o âmbito esportivo no público. O periódico *Le Sport*, lançado em 1854, foi uma das primeiras publicações do gênero, seguidos mais tarde pelo *Le Sportsman*, *La Vie Sportive*, *Les Sports Modernes*, e *La Gazette des Sports* (Ferreira, 2017).

Damos destaque, principalmente, ao *L'Auto*, criado em 1903, o qual desde o início já demonstrava personalidade na escrita, com um estilo de linguagem único quando se tratava de crônicas esportivas. Em 1946, o *L'Auto* se transformou no *L'Equipe*, um dos jornais esportivos mais renomados da Europa, além de ser considerado um marco nos periódicos esportivos do mundo (Dantas M. , 2015).

Os Jogos Olímpicos de Paris em 1924, por exemplo, foram um grande impulso na propagação da comunicação esportiva, fazendo com que fosse criada a primeira organização internacional de jornalistas desportivos, a *L'Association Internationale de la Press Sportive* (AIPS), a qual existe até hoje (Ferreira P. M., 2017). Além disso, os veículos de comunicação na França consideravam importantes a conscientização da população quanto à prática esportiva, uma vez que fazem bem à saúde e incentivam a socialização em cidadania (Dantas, 2015).

Outros destaques relevantes também aconteceram em Itália e Espanha. No primeiro, ao mesmo passo dos norte-americanos, surgiu a *Gazzetta dello Sport*, que teve sua criação a partir de dois outros jornais (Boyle & Hayes, 2009).

“Today the Gazzetta enjoys an unprecedented position in the Italian press having embedded itself in the daily culture of Italian newspaper readers and it has gained in recognition abroad with the spread of interest in Italian football which has been facilitated by increased television coverage.” (Boyle e Haynes, 2009, p. 25)

Já em Espanha, os primeiros aparecimentos de jornais voltados para o desporto são datados no fim do século XIX, um pouco mais tardio que o resto da Europa, com o *El Sport Español*, além dos *Crónica del Sport*, *El Sport*, *El Campeón e Deportes* e *Los Deportes*, sendo a maioria destes periódicos concentrados em Barcelona e Madrid (Ferreira, 2017). Sendo muito influenciado pelo jornalismo francês e britânico, o jornalismo desportivo na Espanha teve diversas revistas, boletins e panfletos que eram distribuídos pela cidade e fomentavam a discussão sobre os esportes (Dantas, 2015).

Segundo Andújar (2013), a *El Cazador*, inaugurada em 1856 e distribuída quinzenalmente, é considerada a primeira revista voltada exclusivamente para o esporte. Nela, assuntos como o direito dos caçadores e protestos contra a fiscalização das leis de caça eram frequentes, por exemplo. Só mais tarde, por volta do início do século XX, que a imprensa espanhola passou a dar mais relevância para o futebol, com o surgimento do jornal *El Mundo Deportivo*, em 1906 (Andújar, 2013).

Andújar (2013) também argumenta que os Jogos Olímpicos de 1896 foram criados com a intenção de propagar que eventos esportivos eram o caminho para o entendimento e a paz mundial. O esporte, então, foi consolidado como uma atividade voltada para a população e, além disso, algumas modalidades foram transformadas em espetáculo pelos meios de comunicação, aumentando ainda mais o consumo das crônicas esportivas (Dantas, 2015).

John Slater (1998), inclusive, separa em quatro momentos distintos a relação dos Jogos Olímpicos com os media: a primeira fase, marcada entre 1896 até 1932, foi focada na transmissão por rádio; a segunda, entre 1936 e 1964, teve o surgimento da televisão ainda antes dos satélites; a terceira fase aconteceu entre 1968 e 1988, um

pouco antes do advento da internet; e por último, a partir de 1992, o futuro das transmissões olímpicas estava traçado a ser como o conhecemos hoje.

Com essa tese em mente, é importante destacar a importância do surgimento da televisão para o jornalismo esportivo. Nos anos 50, a cobertura esportiva dos eventos mudou completamente, e logo em seguida, nos anos 60, no Reino Unido. Para Del Rio e Penã (2011), por mais que a rádio tenha tido sua relevância no século XX, a televisão vinha para abalar completamente as estruturas do jornalismo de rádio e impresso, fazendo com que eventos locais se tornassem mundiais, ajudando a difundir os valores do esporte. Além disso, com a chegada da televisão, a exclusividade de algumas reportagens impressas acabou por ficar obsoleta. Por isso, uma forma de contornar a situação nos jornais foi começar a demonstrar um interesse no *backstage* da vida desses atletas, além dos bastidores dos eventos esportivos, os quais o público nunca teria acesso (Silva, 2019).

“O estatuto de estrelas/celebridades atribuído a jogadores de futebol e a treinadores intensificou-se nos anos 80 e levou a que, por força de um mercado cada vez mais competitivo e orientado para o sensacionalismo, a linha entre facto/notícia e comentário desportivo se tornasse mais cinzenta. Foi desde esta altura que o desporto, e em particular o futebol, cimentou a sua importância como o produto dos media, importância que mantém até aos dias de hoje” (Boyle, 2006 *apud* Silva, 2019).

O conteúdo das publicações esportivas também sofreu grandes mudanças ao longo dos anos. Na época, os esportes mais comentados eram os mais praticados na altura, como boxe, caça e equitação. Apenas no início do século XX que o futebol, como gigante que conhecemos hoje ao redor do mundo, começou a ganhar relevância nas coberturas desportivas. A partir desse momento, o futebol e os Jogos Olímpicos trouxeram um forte apelo ao público, fazendo com que as transmissões esportivas fossem alargadas para todo o mundo (Dantas, 2015).

I.2 O cenário Português

A situação em Portugal aconteceu de forma mais disfarçada e tardia. Segundo Pinheiro (2009), os primeiros relatos de uma publicação com o cunho esportivo são datados por volta de 1870. Nessa época, os portugueses ainda não eram familiarizados com os conceitos de exercícios em geral, por isso, as atividades acabam por serem totalmente elitistas e, na maioria das vezes, importada de Paris.

Em 1875, ainda com pouco interesse na área, surge o primeiro periódico com uma temática esportiva português, o *Jornal dos Caçadores*, sediado em Lisboa. Conforme afirma Pinheiro (2009), o jornal era dedicado para as práticas tradicionais da época, como a caça e tauromaquia. A primeira edição do jornal contou com oito páginas, e o seu conteúdo era algo exclusivo para a elite portuguesa, os quais eram os únicos que podiam ter dinheiro e tempo para se dedicar ao esporte.

Com o objetivo de implementar a educação física nas escolas primárias, em 1876 houve uma reforma feita pela Câmara Municipal de Lisboa para promover o esporte. A ginástica foi o esporte escolhido para recolher esforços em prol da atividade física, deixando Paulo Lauret no cargo de professor de ginástica em colégios lisboetas. Lauret, dois anos mais tarde, em 1878, lançou o primeiro periódico dedicado à educação física em Portugal, o *Gymnasta*, e esclareceu que o jornal iria preencher uma “lacuna sensível” no país (Pinheiro, 2009).

“O *Gymnasta* publicou regularmente notícias sobre outros desportos, como por exemplo a esgrima e o tiro com arco. Seria o primeiro periódico a alargar o seu conteúdo noticioso, embora centrando os seus artigos em numa perspectiva histórica e educacional dos desportos, e não propriamente noticiosa” (Pinheiro, 2009, p.56).

Nos anos seguintes, algumas revistas dedicadas a tauromaquia e a caça também foram inauguradas em Porto e Lisboa. O jornal *A Caça* teve sua primeira edição publicada em 1883, e tinha a intenção de atingir um público mais acessível, diferente do *Jornal dos Caçadores*, citado acima. Já em 1890, quem tomou a cena foi o periódico *O Toureiro*, uma revista semanal que abordava histórias da tauromaquia, além de biografias dos toureiros. Além desta, outras revistas como *A Bandarilha* (1888), *O Toureiro Portuguez* (1890) e *A Trincheira* (1892) também emergiram nesta época, todas abordando assuntos como caça ou tauromaquia. Contudo, a maioria dos jornais e revistas da época sofreram muito com a má administração, publicidade precária, a falta de pagamento proveniente das assinaturas, além de um público muito restrito, o que fez com que as mesmas não durassem por tantas publicações (Pinheiro, 2009).

Com as dificuldades financeiras e administrativas, Portugal se encontrou num momento em que conteúdos esportivos demasiado restritos, como a caça, a ginástica e a tauromaquia haviam de ficar no passado. De acordo com Pinheiro (2009), foi, então, que em 1888 houve a primeira partida de futebol em solo lusitano, esporte já praticado na Inglaterra e com grande relevância por lá. Esse primeiro encontro foi considerado um marco tanto para o jornalismo esportivo quanto para o generalista, que não viu outra alternativa a não ser implementar em suas matérias os encontros entre os portugueses e ingleses nas competições futebolísticas. Por consequência, o primeiro jornal generalista a incluir permanentemente uma secção esportiva em seu periódico foi o *Diário Ilustrado*, já no final do século XIX (Ferreira, 2017).

Seguindo os passos do *Diário Ilustrado*, o jornal seguinte a anunciar sua própria área esportiva foi o *Diário Popular*, em 1893, intitulada como *Sport*. Além disso, outros periódicos que contribuíram para a consolidação da secção desportiva nos jornais foram o *A Tarde* e *O Século*, que publicaram diversas matérias sobre artigos esportivos de maneira regular. A partir desse marco, começou uma nova fase no jornalismo com a “chegada de um novo género de periódico: o jornal generalista desportivo” (Pinheiro, 2009, p. 65).

“De hoje em diante, começaremos a informar os nossos leitores, em locais de pura especialidade, de todos os factos, sucessos e assuntos que digam respeito a todos os géneros desportivos. A ideia tem atualidade. Não é demasia a imprensa ocupar-se dela.” (Secção Sport, 1894 *apud* Pinheiro,

No início do século XX, mesmo com alguns avanços na consolidação da cultura do esporte em Portugal, o povo português ainda não havia se acostumado com as atividades desportivas. Por consequência, o jornalismo de desporto nessa época era visto como uma ação de boa fé, uma vez que sua missão era incentivar a prática esportiva nos cidadãos, sem muitas vezes não receber lucro nenhum. “(...) queremos sim prestar um serviço ao Sport nos seus diferentes ramos, que felizmente vai ganhando adeptos, levando-nos assim à regeneração physical, e enfileirando-nos ao lado das nações mais cultas da Europa. Se isto conseguirmos, dar-nos-emos por bem pagos do nosso trabalho”, afirmava a *Revista do Sport*, em 1903, na sua coluna intitulada *Educação Physical* (Pinheiro, 2009). Essa situação financeira dos periódicos fez com que diversos deles, como a *Revista do Sport*, *O Tiro Civil*, *O Sport*, entre outras, todas datadas nos primeiros anos do século XX, fossem extintas após poucos anos de publicações.

Segundo Pinheiro (2009), com o objetivo de erradicar esse problema, a *Revista do Sport* e *O Tiro Civil* fundiram os dois jornais e, em 1904, criaram o *O Tiro e Sport*. Esse novo periódico investiu numa nova forma de alargar o seu público, fazendo com que o jornal fosse acessível tanto para a elite quanto para a classe operária. Tendo na direção do jornal nomes de peso para a época, como o Anselmo de Souza, Senna Cardoso e Pinto da Cunha¹, o *Tiro e Sport* passou a ser a melhor revista desportiva em Portugal por quase toda a primeira década do século XX. Além disso, abrangeu seu conteúdo incluindo reportagens de diversos esportes, como tiro, caça, automobilismo,

¹ É importante ressaltar que, nesta época, as redações contavam com mais de 30 funcionários e que, em todos os veículos de comunicação, não há registros de mulheres jornalistas (Pinheiro, 2009, p. 84). Isso acontecia porque os desportos noticiados na época e o ambiente esportivo eram estritamente masculinizados, não só em Portugal, mas em toda a Europa.

vela, futebol, tênis e velocipedia, e também notícias que falavam não só de Portugal, mas de toda a Europa. Mesmo com todo o prestígio, após quase uma década de publicação, a revolução republicana e os constantes obstáculos financeiros deram fim à um dos mais renomados jornais desportivos portugueses.

Caminhando para a segunda década do século XX, a imprensa generalista portuguesa se rendia cada vez mais às colunas de desporto. Os principais jornais do país, como *O Século*, *Diário de Notícias*, *Jornal do Comércio*, *O Mundo*, *Jornal de Notícias*, *Jornal da Noite*, entre outros, começaram a implementar com regularidade os mais diferenciados assuntos referentes ao esporte (Pinheiro, 2009). Quem teve mais destaque foi, de fato, o *Jornal da Noite*, que teve sua secção de *Sports* vista como a mais relevante coluna desportiva do país. Foi ela, também, que ajudou a criar a imagem do primeiro “atleta-herói” de Portugal, o halterofilista Manuel da Silveira, considerado “um dos maiores atletas portugueses da história” (Pontes, 1944, p. 42 *apud* Pinheiro, 2009).

Com cada vez mais veículos de comunicação dando espaço para os eventos desportivos em seus editoriais, o interesse do público, da mesma forma, foi crescendo de maneira gradual. Algumas modalidades ficavam cada vez mais populares, como a tauromaquia, caça e o ciclismo, mas outras também começavam a ganhar os holofotes, como era o caso do futebol. A popularidade desses novos esportes foi tanta que, assim, nasciam os primeiros clubes de futebol portugueses, como os lisboetas *Sport Lisboa e Benfica* (1904) e *Sporting Clube de Portugal* (1906), e o *Futebol Clube do Porto* (1906). (Coelho & Pinheiro, *A Paixão do Povo: História do Futebol em Portugal*, 2002). Logo em seguida, foi evidente que o desporto se tornou um dos assuntos mais populares entre os cidadãos, dando a oportunidade perfeita para a imprensa consolidar o gênero em suas redações (Coelho, 2001).

Contudo, a falta de portugueses nas competições internacionais ainda era gritante nas primeiras décadas do século XX. Isso fez com que uma grande campanha a favor da democratização do esporte em Portugal fosse posta em prática, com o objetivo de expandir os horizontes do esporte para além das elites. O periódico *Os*

Sports foi um forte contribuidor dessa democratização, afirmando que “o sport não deve ser apanágio das classes favorecidas; ricos e pobres, todos nos podemos entregar à prática dos exercícios físicos” (1907 *apud* Pinheiro, 2009). O futebol, devido a sua alta popularidade na época e com regras de fácil entendimento, foi o esporte escolhido para impulsionar essa democratização (Coelho & Pinheiro, 2002).

Porém, algo muito mais potente e relevante para a Europa estava prestes a se instalar: a 1ª Guerra Mundial. A importância desse evento histórico para o contexto do jornalismo esportivo é bastante alta, uma vez que o futuro incerto em Portugal e a guerra em si foram avassaladores para os periódicos desportivos portugueses. Um dos principais obstáculos nessa época foi justamente a falta de papel para a impressão das revistas, o que fez com que diversos jornais tivessem que aumentar o intervalo de publicações, além de cortar propagandas e algumas secções. Não só isso, a imprensa portuguesa também teve perdas nos atletas ingleses e franceses que residiam em Portugal, os quais eram essenciais para as competições e movimentação das notícias (Ferreira, 2017).

“Nesse momento conturbado da vida portuguesa, além de *O Sport de Lisboa*, só existia mais um jornal desportivo generalista em atividade em Portugal: o *Norte Desportivo*, com sede em Braga. Publicado semanalmente entre 27 de Janeiro e 6 de Junho de 1916, o *Norte Desportivo* apresentou uma linha editorial idêntica ao *O Sport de Lisboa* quanto à questão da guerra defendendo que todos os portugueses tinham ‘o dever sagrado de sacrificar-se em holocausto à Pátria’. E a educação física era ‘tão necessária como a própria alimentação’, uma vez que só através dela se podia salvar ‘uma raça anêmica, enfezada e raquítica’ como era a portuguesa em 1916” (Pinheiro, 2009, p. 161-162)

Apesar das dificuldades, a guerra, eventualmente, chegou ao seu fim. Logo em seguida, surgiu *Os Sports*, criada em 1919. O periódico apresentava um conteúdo bem diversificado, além de colunas especializadas nas artes e cultura, como o teatro, e manteve-se em alta por vários anos, sendo considerado o jornal com mais influência e

expansão no país. Entretanto, *Os Sports* tinha sua hegemonia ameaçada apenas por um outro jornal, intitulado de *O Sporting*, criado em 1921. O sucesso dos dois periódicos deveu-se à importância dada pelas redações em dedicarem-se ao grafismo e sempre em constante atualização, deixando sempre as publicações mais atrativas ao público. (Ferreira, 2017).

De acordo com Pinheiro (2009), outro evento histórico relevante para a linha temporal do jornalismo esportivo em Portugal é a Ditadura Militar de 1926. Em um tempo de completa instabilidade política, a sociedade portuguesa como um todo se encontrou numa encruzilhada, que foi refletida pela imprensa na época. O jornal *O Sporting*, citado acima, foi um dos primeiros a ter uma publicação sobre o golpe militar, comentando em seu editorial que “mais uma revolução acaba por modificar por completo a direção política da nossa terra, não se sabendo ainda, o que seguirá” (*O Sporting*, 1926 apud Pinheiro, 2009). E o que aconteceu em seguida foi, justamente, a implementação de uma censura prévia à imprensa. O pequeno periódico *Sports de Funchal* foi um dos grandes atacados pela censura, tendo diversas publicações confiscadas. Mas, não poupou palavras para desabafar e reivindicar sua razão sobre a situação em suas publicações, e, por consequência, fez com que a relação entre os censores e a imprensa ficasse abalada (Pinheiro, 2009).

Apesar das dificuldades que o país enfrentava, tanto a nível político quanto financeiro, podemos destacar três periódicos que se mantiveram relevantes entre os anos 1927 até quase 1945, estes foram: o *Jornal dos Sports*, a *Stadium* e *A Bola*. O primeiro, mesmo sendo um jornal extremamente relevante, não suportou a crise econômica instalada no país e teve sua última edição em 1927. Já a *Stadium* conseguiu se estabelecer no mercado português como uma revista de influência, a qual defendia ser uma “revista para todos os sports”, e se manteve em atividade até 1942. Porém, foi o jornal *A Bola* que realmente triunfou naquele momento crítico. O periódico seguia a doutrina de se manter imparcial, sem bandeiras políticas nem desportivas, mantendo sua independência editorial. O seu sucesso devia-se, também, a realização de diversos eventos esportivos, como provas de ciclismo e de futebol, que atraíam a atenção do público para as colunas da revista. Contudo, assim como seus

companheiros da época, *A Bola* também foi vítima de uma má administração financeira, e não viu outro caminho a não ser encerrar suas atividades em 1935. Como se não bastasse todos os obstáculos evidentes, começou-se uma “guerra” entre os periódicos do Norte e Sul do país pela dominação editorial na imprensa portuguesa. Não havia quase comunicação nem colaboração nenhuma entre os jornalistas desportivos do Porto e Lisboa, que brigavam por lugares exclusivos nas competições esportivas, o que gerou uma grande insatisfação na população portuguesa, além de um sentimento permanente de rivalidade (Coelho & Pinheiro, 2002).

Somente na metade da década de 1930 que alguns eventos, todos ligados ao futebol, iriam trazer paz ao mundo esportivo português: primeiro, a morte de um dos jogadores mais renomados de Portugal, o José Manuel Soares, também conhecido como “Pepe”; segundo, a criação da Comissão de Jornalistas, com o objetivo de mediar os conflitos entre os times portugueses; e, por último, os Jogos Olímpicos de Berlim, que obteve uma cobertura jornalística focada no nazismo de Hitler² (Coelho, 2001).

Após alguns anos, Portugal assistia mais uma guerra a ser instalada na Europa. No momento da 2ª Guerra Mundial, haviam quatro publicações que detinham a hegemonia no país: *Os Sports* e *Stadium*, revistas lisboetas, além dos jornais *Sporting* e *O Norte Desportivo*, ambas com sede no Porto. Repetindo as histórias do passado, mais uma vez a imprensa portuguesa se encontrou numa crise financeira, e a falta de papel para a impressão dos periódicos veio para derrubar todos os citados acima, um por um, entre 1940 e 1946 (Ferreira, 2017).

Levando em consideração que Portugal ainda atravessava uma ditadura, houve diversas reformulações nas estruturas jornalísticas esportivas no país, não só na linha editorial dos jornais, como também a definição profissional do jornalista desportivo. O

² No que diz respeito ao desporto feminino, as Olimpíadas sediadas na Alemanha fascista de Adolf Hitler faziam ecoar os valores do conservadorismo por toda a Europa, e Portugal não foi exceção. Em um periódico pequeno, intitulado *Lisboa Gimnásio Club*, uma matéria com o título “A mulher de sempre e o desporto de hoje” foi enfática ao afirmar que “entre a mulher masculinizada e o homem efeminado não existe diferença, ambos são para repudiar, ambos a sociedade condena e escarnece”, além de deixar claro que a mulher não deveria esquecer seu lugar de inferioridade numa sociedade patriarcal. (Pinheiro, 2009, p. 307-308).

incentivo ao aumento de organizações públicas cresceu de forma significativa, levando a criação da Direção-Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar e outras associações. Além disso, as questões deontológicas do jornalismo desportivo eram discutidas pela primeira vez na história, e uma das grandes mudanças no cenário da época foi a conquista do direito à carteira profissional de jornalista para os que eram da área do esporte, que sempre foram deixados de fora (Pinheiro, 2009).

“Em toda a luta de desporto, mesmo quando não parece, há sempre uma alma. O jornalista desportivo é aquele que a sabe descobrir e descrever, dando aos leitores nas suas considerações a nota impressionante da beleza da pugna que se travou” (*Os Sports*, 1942 *apud* Pinheiro, 2009, p. 347).

Por consequência dessas mudanças, em 1945 surgiu uma das novas apostas para o mundo do jornalismo esportivo: *A Bola*. Apesar do mesmo nome do periódico lançado em 1932, este vinha sob nova direção e com um jornalismo progressista e inovador para a época, além de ter como objetivo claro a conquista dos leitores do, até então, seu maior competidor, *Os Sports*. O sucesso de *A Bola* foi tanto que os diretores do seu concorrente não viram outra opção a não ser encerrar suas atividades independentes e fundirem-se com *O Diário de Notícias*, para que formassem um novo jornal a altura de seus competidores no mercado português, dando vida ao *Mundo Desportivo*. O encerramento do *Os Sports* foi um marco para o jornalismo desportivo português, uma vez que era o jornal desportivo com mais tempo em atividade no país, conquistando a marca de 26 anos (Aguiar, 2015).

A competição “invisível” que se criou dentro do mercado jornalístico português em busca da soberania de leitores fez com que outro jornal fosse lançado em 1949, *O Record*. Segundo Aguilar (2015), com o objetivo de sair da zona de conforto que o futebol havia instaurado nas redações portuguesas, o periódico procurou dar destaque, também, a diversas outras modalidades que não tinham tanta notoriedade na imprensa. Isso fez com que o *Record* expandisse seu número de leitores pelo país inteiro, juntando-se ao seu rival *A Bola* no patamar de periódicos mais lidos no país.

Entretanto, o que os profissionais não esperavam era que o panorama do jornalismo, como um todo, ia ser totalmente reconfigurado com a chegada de um novo veículo de comunicação no fim dos anos 50: a televisão. Mesmo com a rádio já ocupando um espaço na imprensa com narrações de partidas de futebol e ciclismo desde o início dos anos 30, foi a chegada da televisão (e, principalmente, das imagens) que mudou o jogo para os jornalistas. A Rádio Televisão Portuguesa (RTP1 e RTP2) foi o primeiro canal nacional que apostou numa estratégia pesada em desporto com diversos programas voltados para a área, como o *Revista Desportiva*, *Vida Desportiva* e *Imagens de um Domingo Desportivo* (Aguiar, 2015). Depois de anos após a chegada da televisão, os media impressos se viram em um momento delicado e, especialmente, de aceitação das condições que se encontravam. A televisão acabou por virar uma aliada, fazendo com que uma nova trindade surgisse: “A rádio anuncia, a TV mostra e a imprensa explica”, sendo que “nenhuma delas dispensa a outra” (Pinheiro, 2009, p. 418). Este assunto será abordado com mais detalhes em outro tópico.

Outro momento importante para a história do jornalismo em Portugal foi a Revolução de 25 de Abril de 1974. O período conturbado fez com que a população voltasse seu foco para as questões políticas e sociais do país, acabando por deixar o desporto em segundo plano entre os primeiros anos após o fim do Estado Novo. Contudo, os jornais *A Bola*, *Mundo Desportivo*, *o Record* e *O Norte Desportivo* continuavam sendo os principais veículos de comunicação desportiva do país, além de terem surgido outros 60 periódicos desportivos num intervalo de 3 anos (Aguiar, 2015).

Avançando para o fim do século XX e início do século XXI, os jornais *A Bola* e *O Record* passaram a ser distribuídos diariamente, dominando o cenário português em termos de vendas, chegando a uma tiragem de 100 mil exemplares em 1996 (Pinheiro, 2009). Além disso, por mais que o ciclismo tenha tido um aumento em suas publicações e jornais voltados para a modalidade nos anos 2000, a influência do futebol para o jornalismo esportivo era clara e irrefutável (Aguiar, 2015).

“O desporto, e especialmente o futebol nos últimos anos, desempenha o papel de compensação simbólica, na medida em que proporcione e satisfaça os desejos imediatos da desperiferização do país. Também, por isso, se compreende a substituição dos investimentos nas prioridades sociais pelas obras de prestígio nacional e internacional, na construção de estádios e na realização de provas internacionais” (Gomes e Freitas, 2002, p. 3 *apud* Aguiar, 2015).

Por fim, desde o início do século XXI até os dias de hoje, o objetivo dos jornais tem sido de bater recordes de vendas e de público, fazendo com que a linguagem usada nas peças jornalísticas de desporto fosse sempre pensada na aproximação dos leitores. Por isso, o uso do *vox Populi*, uma maneira mais informal de usar a opinião pública, é uma das abordagens mais utilizadas pelos periódicos atuais (Aguiar, 2015). No que diz respeito as questões deontológicas do jornalista esportivo em Portugal, Coelho (2004) defende que a imparcialidade nas modalidades é fundamental para a construção de uma boa peça jornalística.

I.3 O cenário brasileiro

No outro lado do Atlântico, quando se fala em jornalismo esportivo no Brasil, o espaço para o esporte era muito pequeno. Bahia (1990) defende que o primeiro periódico voltado para a atividade física foi o *O Atleta*, em 1856, o qual abordava assuntos sobre como melhorar o condicionamento físico dos cidadãos do Rio de Janeiro, seguidos dos jornais *Sport* e *Sportman*, ambos de 1886. Já em São Paulo, o jornal *O Sport* circulava a mensagem da conexão entre o físico e a mente, comprovando seu editorial com conceitos científicos.

Em contrapartida, Coelho (2004) argumenta que foi só em 1910 que o esporte foi tema pela primeira vez nos jornais. Neste período, a comunidade italiana no Brasil crescia cada vez mais na cidade de São Paulo, o que fez com que o jornal *Fanfulla* fosse criado para publicar partidas de futebol amador com times italianos. Ele se

diferenciava por não ser um jornal com muita opinião e por ter seu público-alvo fora das elites, além de ter tido forte influência na criação de um dos clubes mais famosos do Brasil, o Palmeiras.

Assim como no resto do mundo, o futebol ganhava cada vez mais predominância nos países onde se instalava. No Brasil, a modalidade foi trazida por imigrantes europeus e, em primeira instância, ficou bastante popular na elite brasileira. Contudo, com a chegada do século XX, o esporte foi se tornando cada vez mais popular entre as massas (Dantas, 2015), tendo como consequência a criação dos clubes de futebol Flamengo, Vasco da Gama e Botafogo (Silveira, 2009). De acordo com Dantas (2015), o surgimento do jornalismo desportivo como gênero jornalístico no Brasil pode ser considerado, também, em 1910, uma vez que a *Folha de São Paulo* já publicava uma coluna inteira dedicada ao esporte, trazendo ao público notícias sobre as partidas de futebol, além da escalação dos times e as previsões de cada jogo.

“O jornalismo esportivo, como se sabe, se desenvolveu no Brasil concomitantemente à popularização do futebol. Desde o início, foi uma especialidade menos relevante dentro do jornalismo, nitidamente subalterna em relação ao jornalismo político, por exemplo, e atraía profissionais com menos habilidades e ambições que os redatores políticos e/ou literários” (Stycer M. J., 2007, p. 4)

Nos anos 30, o futebol já havia se espalhado por todo o Brasil. Mas, com a criação de campeonatos esportivos no Rio de Janeiro e em São Paulo, os periódicos da época começaram a publicar sobre os resultados das partidas de forma tendenciosa, fazendo com que uma disputa acirrada se iniciasse entre os cariocas e os paulistas. Essa disputa entre os estados resultou na criação de duas federações, a Federação Brasileira de Futebol, em São Paulo, e a Federação Brasileira de Sports, no Rio de Janeiro. Apenas anos mais tarde, em 1979, houve uma trégua entre as duas potências que resultaria na formação da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) (Stycer, 2009).

Com a consolidação e profissionalização do futebol no país, Mário Filho, que trabalhou como jornalista esportivo no jornal *A Manhã*, inaugurou o carioca *Jornal dos Sports*, em 1931. Apesar do periódico *A Gazeta* ter um suplemento dedicado ao esporte desde 1927, a *Gazeta Esportiva*, a publicação de Mário Filho é considerada o primeiro diário voltado totalmente para esporte (Pedroza, 2017). Nos anos seguintes, a partir da década de 40, a *Gazeta Esportiva* e o *Jornal dos Sports* tornaram-se os periódicos de maior influência no país.

A *Gazeta Esportiva*, que fazia parte do jornal *A Gazeta*, foi fundada em 1906 e logo após alguns anos em circulação, transformou-se numa revista renomada no estado de São Paulo na primeira parte do século XX. Foi a partir dos anos 20 que o fundador do periódico, Cásper Líbero, assistiu a uma corrida pela cidade de Paris e decidiu focar-se em eventos desportivos. Com essa ideia, Líbero fundou no Brasil a famosa Corrida São Silvestre, realizada pela primeira vez em 1925. A *Gazeta Esportiva* tinha seu foco voltado para o futebol, dedicando 12 páginas inteiras a notícias sobre os mais diversos clubes do cenário brasileiro. Com a saída de Cásper Líbero da direção do jornal, quem assumiu foi o italiano Tomáz Mazzoni, considerado um dos jornalistas esportivos mais renomados da época (Stycer, 2009). Mazzoni teve como objetivo deixar claro que a paixão pelo futebol era uma das maiores virtudes de um jornalista, com a intenção de se aproximar do público e torna-lo fiel ao seu jornal. Porém, com uma forte crise financeira tomando conta do Brasil, *A Gazeta Esportiva* teve seu fim em 1999 (Dantas, 2015).

Já no Rio de Janeiro, ao passo do seu rival em São Paulo, nascia o *Jornal dos Sports* em 1931, fundado por Mário Filho. Com as páginas rosas como marca registrada, o periódico tinha o costume de ter uma linguagem mais informal, dando apelidos aos jogadores e as partidas de futebol. A mais famosa foi o “Fla-Flu”, que diz respeito aos times Flamengo e Fluminense, teve sua história iniciada em 1925 e é considerado uma clássica disputa carioca até hoje. Além disso, foi no *Jornal do Sports* que a petição por uma construção de um estádio no Rio de Janeiro foi promovida, fazendo com que o Estádio Jornalista Mário Filho, o mundialmente famoso Estádio do Maracanã, fosse inaugurado em 1966 (Dantas, 2015). Em concordância com Stycer

(2007, 2009), os três jornalistas citados acima podem ser considerados um dos pilares para a consolidação do jornalismo esportivo na primeira metade do século XX.

A vitória do Brasil na Competição Mundial de 1958 causou um impacto gigantesco na imprensa, que não viu outra alternativa a não ser criar um espaço para o esporte em todos os periódicos, sendo *O Estadão* o último jornal de grande porte a implementar uma seção esportiva no país. A partir disso, nas décadas de 50 e 60, novos jornais foram emergindo e se desenvolvendo, ainda muito concentrados em São Paulo e no Rio de Janeiro, como os periódicos *O Jornal*, *Caderno de Esportes*, *Jornal da Tarde* e a *Revista do Esporte*. Conforme Silveira (2017, p. 22-23), o conteúdo desses jornais era considerado “em todas essas publicações, o que se faz é uma crônica esportiva. O futebol é retratado com dramaticidade, há uma idolatria aos jogadores e um escrito que tem por finalidade motivar o torcedor. Impreciso, sem muito comprometimento com a realidade, com a objetividade e a imparcialidade, questiona-se se tais veículos podem ser considerados jornalísticos”.

Em 1970, a revista *Placar* foi inaugurada com o objetivo de reverter a dramatização do esporte na imprensa, com uma linguagem mais precisa e com um compromisso com a verdade, sendo considerada a única revista esportiva com regularidade na época (Coelho, 2004). Logo em seguida, em 1997, surgia nas bancas de jornais o diário *Lance!*, criado pelo jornalista Paulo Vinícius Coelho. Apenas dois anos depois de ser lançado, o jornal se tornou a publicação esportiva mais lida no país, derrotando anos de hegemonia do *Jornal dos Sports* e a *Gazeta Esportiva*, os quais não viram outra alternativa a não ser fecharem suas redações em 2002 (Stycer, 2009).

Outro veículo de comunicação que surgiu na época e é uma parte extremamente importante para a consolidação do jornalismo desportivo no Brasil foi o radiojornalismo. O primeiro gênero que se estabeleceu na rádio brasileira foi justamente o esportivo, o qual continua vivo até hoje na programação das grandes emissoras. Soares (1994) afirma que a primeira transmissão de uma partida de futebol foi realizada em 1931, na Rádio Sociedade Educadora Paulista. A chegada da rádio foi um sucesso instantâneo para a comunicação de massas, uma vez que a linguagem

cativante dos narradores fazia dos jogos um espetáculo, fazendo o ouvinte sentir como se estivesse presente na partida.

“Nessa época, o rádio funcionava como um clube, uma associação sustentada por pessoas que tinham condições de pagar por isso, não existia a publicidade. Depois que o governo, em 1932, através do decreto 21.111 autorizou a veiculação de publicidade no rádio, tornou-se necessário à reformulação da programação das emissoras e a criação de gêneros que atingissem a massa. O futebol tinha este apelo, portanto as transmissões esportivas conquistavam cada vez mais audiência” (Bezerra, 2008, p. 39).

Reynaldo Tavares (1999 *apud* Bezerra, 2008) descreve que a primeira transmissão radiofônica a nível nacional foi alcançada pelas rádios *Cruzeiro do Sul do Rio de Janeiro*, *Cruzeiro do Sul de São Paulo* e *Clube de Santos*, as quais fizeram a transmissão da Copa do Mundo em Paris, realizada em 1938. Essa foi considerada, também, a primeira transmissão internacional em rádios brasileiras, trazendo ao povo o que se passava no Campeonato Mundial de Futebol do outro lado do Atlântico.

A partir da metade dos anos 50, uma padronização das emissões radiofônicas foi criada no Brasil, com o objetivo de baratear os custos de transmissão e dar as mesmas condições para todos. Em São Paulo, as rádios em maior evidência eram a *Record*, *Rádio Bandeirantes*, *Rádio Capital*, *Jovem Pan*, *Difusora* e *Excelsior*, que competiam entre si para obter uma maior audiência com a transmissão de jogos em simultâneo. Na época, o locutor Osmar Santos foi um dos principais jornalistas esportivos nos anos 70, além de ter sido o narrador mais bem pago do Brasil ao trocar a *Jovem Pan* pela *Rádio Globo* (Silveira, 2009).

Já nas rádios cariocas, as transmissões esportivas mais influentes eram a já citada *Rádio Globo*, além da *Super Rádio Tupi*, as quais começaram a incluir o esporte na sua programação nos anos 50 e continuam no ar até os dias de hoje. A *Rádio Globo* foi a única emissora que transmitiu, em 1954, a Copa do Mundo na Suíça, o que garantiu sua hegemonia no país por décadas, sendo considerada a rádio mais ouvida no Brasil nas Copas do Mundo de 2002 e 2006. A *Rádio Tupi* também teve grandes influências entre as décadas de 60 e 80, principalmente com o programa *Seleção*

Brasileira do Rádio, que trazia vários comentaristas renomados para a cobertura dos jogos nos Campeonatos Mundiais (Dantas, 2015).

Com as inovações tecnológicas, não demorou muito para que a televisão fosse inserida no cenário brasileiro. Em concordância com Bravo (2009), da mesma forma que o jornal impresso e a rádio tiveram seu papel na construção do espetáculo esportivo, a televisão trouxe, com o advento da imagem, a propagação do esporte e dos seus atletas. A primeira transmissão televisiva no Brasil foi feita pela *TV Tupi*, em 1950, com uma partida de futebol de dois times paulistas. Quatro anos depois, veríamos a criação do programa *Mesa Redonda*, pela emissora *TV Record*.

A primeira emissora a transmitir em direto uma Copa do Mundo foi a *Rede Bandeirantes*, que foi realizada em 1970 no México. O canal ficou conhecido como o “canal do esporte”, uma vez que detinha os direitos de transmissão do campeonato brasileiro de futebol no final do século XX. Porém, o que nenhuma emissora na época esperava era que a *Rede Globo*, para não repetir o erro da Copa de 1970 e ser ultrapassada por uma possível concorrência, comprasse todos os direitos televisivos do Campeonato Mundial de 1998. Esse marco consolidou a empresa como líder no jornalismo desportivo no Brasil, que aproveitou o sucesso para embalar ainda mais programas dedicados ao esporte como o *Esporte Espetacular*, *Globo Esporte* e o *SporTV*, todos com mais de 40 anos no ar e com enorme apelo ao público até os dias de hoje. (Bravo, 2009). Abordaremos mais sobre o impacto da televisão para o jornalismo desportivo no próximo tópico.

Avançando para os anos 90, a Internet chegava no Brasil para mais uma vez mudar o panorama do jornalismo. Já tendo feito sucesso na Europa e nos Estados Unidos alguns anos antes, era claro o movimento migratório dos periódicos e até mesmo das emissoras televisivas para o novo fenômeno (Coelho, 2004). O jornalismo desportivo, desde a chegada da internet, passa por diversos obstáculos até os dias de hoje, uma vez que esse veículo de comunicação provou ser um dos mais rápidos meios que existe. Porém, a falta de apuração dos fatos e a “corrida” para ser o primeiro a dar

uma notícia fez com que os sites perdessem credibilidade quando comparados aos jornais impressos.

I.4 O Jornalismo Especializado

Antes de prosseguirmos, vamos entender a definição de jornalismo especializado e suas diferentes áreas. Em primeiro lugar, é necessário destacarmos que vivemos numa sociedade altamente mutável, na qual diferentes assuntos surgem como novos interesses para os leitores. Por isso, é possível considerarmos que o jornalismo especializado é uma espécie de “evolução” do jornalismo tradicional, com a intenção de abranger as diferentes especialidades (Monteiro, 2018). Atualmente, o jornalismo já se expandiu para áreas especializadas como o nacional, internacional, regional, política, economia, cultura, desporto, entre outros (Ferreira, 2004).

“A especialização jornalística é uma forma de organizar a informação tanto do ponto de vista dos conteúdos como do ponto de vista laboral. Numa sociedade fragmentada, em que as pessoas se interessam cada vez mais por diversos temas, o jornalismo teve que adaptar-se ao que a sociedade procura. Além de se ajustar às inovações tecnológicas, o jornalismo teve de se especializar de forma a responder aos interesses dos leitores” (Léon, 2013 *apud* Monteiro, 2018, p. 22)

Contudo, a definição de jornalismo especializado não foi sempre a mesma entre os vários autores que discursaram sobre o tema. Segundo Conde (2005), o conceito parte do princípio que a contextualização, apreciação, análise e explicação são as principais particularidades do jornalismo especializado (*apud* Dantas, 2017). Já Idoina Markina (2010) acredita que o a especialização funciona como um novo *gate-keeper* da informação, além do jornalista ascender a um patamar de *expert* quando se trata da seleção, documentação e análise dos acontecimentos noticiosos.

Mais além, em concordância com Ramirez (2010), o jornalista especializado não só deve conhecer muito bem as características e particularidades da sua área, como também funcionar como uma espécie de perito naquele assunto, passando uma profunda segurança como profissional para os seus leitores. Montse Quesada (2012), outra autora no campo, divide de forma clara as diferenças entre um jornalista generalista e o especializado. Para ela, o jornalista necessita obter estudos complementares e aprofundados na área de seu interesse para que possa falar sobre o assunto com notoriedade, ou seja, a experiência profissional do jornalista naquele assunto não se sustenta por si só.

De acordo com Monteiro (2018), um jornalista especializado é aquele que se adapta às diferentes necessidades de uma redação, com o intuito de transmitir uma informação com um nível profundo de entendimento. Além disso, o jornalismo especializado também cumpre a função de oferecer recursos, como a interpretação dos acontecimentos pelo ponto de vista do jornalista e suas contextualizações, para o auxílio na formação da opinião do próprio leitor.

Partindo desses princípios, podemos assumir, então, que um jornalista especializado “terá de possuir, inevitavelmente, um leque de competências singulares que o diferenciem de outros profissionais. Deverá, então, deter um conhecimento profundo e holístico da área científica em questão, dominar a linguagem técnica implicada, realizar uma planificação cuidada da agenda de acontecimentos destinados a cobertura, efetuar uma interpretação, contextualização, explicação e publicação da informação, possuir uma rede de contactos de fontes credíveis e ter a capacidade de adaptar convenientemente os conteúdos ao formato característico de um determinado órgão de comunicação” (Dantas, 2017, p. 40).

Com essa tese em mente, podemos aprofundar mais sobre a especialização que é tema desta dissertação, o jornalismo desportivo. Quando falamos desta área, é inerente pensar que precisamos ter o conceito de esporte bem definido. A Carta Europeia do Desporto, escrita pelo Conselho da Europa em 1992, definiu que é considerado um desporto quando uma ou mais pessoas praticam atividades físicas

com a intenção de melhorar suas condições físicas, aprimorar as relações sociais e/ou conquistar resultados em todos os tipos de competição.

Outro autor relevante para essa definição foi Jean Giradoux, o qual afirma que o esporte é uma forma de “aquecer os países frios”, além de afirmar que “el deporte delega en el cuerpo alguna de las virtudes más fuertes del alma: la energía, la audácia, la paciencia”. Ou seja, para o autor, o desporto vai além do exercício físico, não havendo outra atividade mais democrática e mais unificada (Silveira, 2009). Seguindo esse pensamento, podemos acrescentar também a ideologia de Alcoba (2005), um dos autores-chave para a informação esportiva, que aponta uma particularidade à definição: no momento em que a atividade física envolve mais de um participante, automaticamente há uma competição.

A partir do conceito de esporte, podemos, então, passar para o jornalismo esportivo como gênero jornalístico. Ainda segundo Alcoba (1979), a relação entre o desporto e a comunicação é praticada desde as civilizações antigas, nas quais é possível encontrar vestígios de um processo de informação, ainda muito primitivo, para divulgar os eventos da época. Além disso, para o autor, a informação desportiva oferece um tipo de informação diferente de outras áreas de especialização como, por exemplo: o fato de serem matérias de fácil compreensão a todos os públicos; servir como um guia de virtudes, condutas e normas sociais e a oportunidade de colocar frente à frente tanto amigos quanto inimigos em situações de competição (Camargo, 2005).

Nesta perspectiva, entendemos que os veículos de comunicação em massa são essenciais para a implantação e divulgação de uma cultura do esporte, e essa relação é de grande interesse para essa dissertação. Por isso, podemos aprofundar como Alcoba percebia as etapas comunicacionais em cada fase de uma estruturação de um jogo, as quais são denominadas comunicação primária e secundária.

“Uma dá-se através dos meios massivos, em virtude de suas ações e, de maneira diversa, gera impactos nos grupos sociais, podendo ser instrumentos manipuladores de ações nos governos ou para os clubes, federações e entidades privadas e públicas. Estas ações comunicacionais são denominadas por Alcoba como a comunicação secundária, em virtude das transformações comunicacionais provocadas pelos meios de comunicação de massa. Já a comunicação primária, o autor explica que ocorre através do contato pessoal entre os competidores e espectadores, que relatam suas experiências sobre o processo. É uma mensagem direta” (Camargo, 2005, p. 6).

Camargo (2005) ainda realça que a parte mais importante dessas etapas é o impacto dos meios de comunicação em massa no esporte. Em outras palavras, os jornalistas especializados incentivam o crescimento do desporto como um espetáculo ao transmitirem um conteúdo de qualidade. Silveira (2009) também complementa que “a especialização e profissionalização do esporte só ocorreram devido ao interesse que ele despertou em diversos setores econômicos da sociedade, que perceberam os variados benefícios que ele gera. Benefícios de tudo quanto é tipo, desde os físicos proporcionados pela prática, quanto os econômicos proporcionados pelo grande negócio que se tornou o mundo esportivo”.

Dentro do jornalismo desportivo, encontramos algumas particularidades atreladas à essa especialização. O jornalista, além de precisar realmente entender sobre diversas modalidades, também precisa adaptar seu linguajar ao mundo esportivo. A linguagem deste gênero é muito característica e já se tornou familiarizada entre os cidadãos, sendo inclusive incorporada no cotidiano. Um exemplo claro disso é a expressão “aos 45 do segundo tempo” que, no Brasil, significa algo que é feito de última hora. Por esse motivo, é compreensível pensar que esse tipo de jornalismo exige quase uma “superespecialização”, uma vez que seu nível de complexidade suprime outras áreas da comunicação (Alcoba, 1979).

Não podemos deixar de citar que, dentro desta complexidade toda, há também divisões específicas dentro de uma redação esportiva. “Transportados do formato tradicional para o online, os gêneros jornalísticos característicos da editoria de desporto

permaneceram intactos, podendo ser sintetizados na notícia, antevisão, crónica, reportagem e entrevista. Criado pelo ciberjornalismo de desporto, surgiu ainda o relato escrito ao minuto” (Dantas, 2017, p. 44).

Outro ponto relevante foi o surgimento de novas tecnologias e, conseqüentemente, a entrada da televisão como meio de comunicação. Esta teve um papel fundamental no processo de interligar o esporte com todos os cantos do mundo, principalmente com os Jogos Olímpicos. Isso fez com que os veículos passassem a investir em jornalistas especializados em desporto, que forneciam notícias e conteúdos mais detalhados sobre os eventos, disponibilizando uma transmissão de qualidade dos eventos. Contudo, o advento da televisão trouxe não só possibilidade de um maior alcance, mas também trouxe novos desafios não vistos antes com os media impressos. Vamos aprofunda-los no próximo tópico.

I.5 O Impacto e Desafios da Televisão para o Jornalismo Desportivo

É evidente que o jornalismo praticado pelos media impressos são completamente diferentes daqueles praticados na televisão. O casamento perfeito entre a imagem e o som fez com que a televisão ganhasse a atenção de milhões de espectadores ao redor do mundo, fazendo com que a informação trazida por ela sempre seja mais interessante para o público. De acordo com Li-Chang Sousa (2005, pp. 42-43), “a televisão é massiva porque seu público é medido sempre em milhões de espectadores. Uma mensagem televisiva é abrangente e não conhece limites, a não ser os técnicos, para a recepção. Hoje não há quem não assista à TV, que também é um meio intimista porque, apesar de se dirigir a um público heterogêneo e numeroso, o discurso é dirigido a cada telespectador em particular. Desta forma, a televisão se coloca na articulação entre os níveis individual e coletivo”.

Além disso, por atrair um grande número de pessoas, a linguagem da televisão deve sempre ser a mais clara e a menos repetitiva possível. Como os telespectadores tem acesso às imagens do que estão a ouvir, não é necessário que alguém repita o que

está sendo visto, ou seja, as imagens e o som são complementares um do outro (Martins & Monteiro, 2008). Por isso, a televisão pode ser vista não só como um compilado de programas e conteúdos, mas como uma forma de cultura social para os cidadãos que as assistem (Vilches, 1996 *apud* Sousa, 2005).

Outro ponto importante a ser destacado é o nascimento do telejornalismo, que é diferente do que a criação da televisão em si. O telejornalismo é algo relativamente recente, e com particularidades que contribuem para um estilo próprio de se fazer jornalismo. Assumindo um padrão completamente norte-americano, o Brasil acompanhou a estreia do primeiro telejornal transmitido para o país inteiro, o *Jornal Nacional*, pela *Rede Globo*, em 1969. Com um caráter inovador, o *JN* foi o primeiro jornal brasileiro a trazer matérias em cores, além de reportagens em direto do exterior (Martins & Monteiro, 2008). Segundo Jorge Pedro Sousa (2008), o telejornalismo em Portugal aconteceu alguns anos antes, em 1957, com a *Rádio Televisão Portuguesa* (RTP). A *RTP* apresentava um jornalismo de caráter mais formal e propagandista, uma vez que se encontravam em um período ainda ditatorial.

Com esta tese em mente, o telejornalismo desportivo não demorou muito para aparecer nas programações em todo o mundo. Como já citado nos tópicos anteriores, o surgimento da televisão para o esporte mudou completamente a dinâmica da imprensa, tanto em Portugal quanto no Brasil. Essa nova dinâmica faz com que o jornalista desportivo, numa era televisionada, precisasse sempre estar atento a tudo que envolve o esporte, desde os bastidores do evento até fatores externos que possam vir a interferir no evento esportivo em si (Martins & Monteiro, 2008). Em concordância com Prado (1996):

“O profissional do esporte tem que ser especializado para adaptar as normas gerais ao tratamento específico. Ele lida com todas as faces do jornalismo dentro de um mesmo segmento. O dia-a-dia do mundo esportivo reúne política, polícia, economia, show e até notícias internacionais (...) (Prado, 1996, p.101)

Ou seja, é exigido do jornalista esportivo uma pesquisa de campo que seja feita para uma melhor cobertura dos eventos televisionados, uma vez que uma das condições básicas da linguagem na TV, como referido acima, seja a relação complementar entre a imagem e o que é dito. Como o telespectador espera encontrar lazer dessas peças jornalísticas, fica a cargo dos jornalistas especializados nesta área conduzir as matérias de uma forma em que o público se sinta atraído pelas informações interessantes e de caráter descontraído (Sousa, 2005).

Resumidamente, o advento da televisão e, conseqüentemente, do jornalismo televisivo fez com que a busca por inovação e diferenciação clara sobre a rádio e o jornal impresso impulsionasse as emissoras para produzir conteúdos cada vez mais apelativos para o público, principalmente quando falamos de jornalismo esportivo. A adesão cada vez maior ao desporto fez com que os meios de comunicação tivessem que se adaptar a uma enorme demanda de espectadores apaixonados por esse tipo de conteúdo. Entretanto, a linha tênue entre a informação jornalística e o entretenimento podem se tornar algo complexo, ainda mais quando tratamos da espetacularização que o jornalismo desportivo sofreu e sofre até os dias atuais.

O telejornalismo esportivo é um gênero da profissão que cada vez mais tem conseguido espaço nas emissoras de todo o mundo. Se considerarmos o esporte como um produto de consumo, a televisão é o veículo que melhor se apropria deste produto, além de ter o dom de conseguir transforma-lo em algo interessante (Silva & Júnior, 2008).

Na década de 70, o telejornalismo estava ainda na sua infância e não obtinha as tecnologias avançadas que temos hoje para divulgar e transmitir os eventos esportivos. Com o passar do tempo, esse veículo de comunicação se desenvolveu para não apenas ter uma estrutura para apresentar esses eventos, mas também conseguiu torná-lo, de fato, um espetáculo a parte, no qual o telespectador tem suas emoções afloradas e uma percepção diferenciada dos acontecimentos.

“O jornalismo desportivo na televisão tem como objetivo informar, mas ao mesmo tempo consegue ser um espetáculo, seguramente mais espetáculo que informação. Os programas e espaços dedicados ao desporto, convertam-se hoje em dia num verdadeiro espetáculo” (Monteiro, 2018, p.36)

Para entendermos melhor este ponto, precisamos dar alguns passos para trás e entender como o entretenimento se encaixa no contexto jornalístico. É necessário separarmos bem os termos “importante” e “interessante” no vocabulário do jornalismo, uma vez que os dois acabam por se contradizer. Dando mais relevância ao que é interessante, os *fait-divers* – histórias que abordam situações de curiosidade humana – além de notícias sobre catástrofes, crimes e outros acontecimentos ocupam os jornais desde o século XIX. Na televisão, a situação do mercado não poderia ser diferente. Neste ambiente, as notícias são categorizadas pelo seu conteúdo, o que chamamos de *hard news*, *soft news*, *general news* e outras (Sousa, 2005).

Ainda de acordo com Sousa (2005), as notícias brandas têm como principal característica justamente a distração que elas trazem ao espectador. Isso faz com que:

“Se a principal característica da notícia branda é a distração que ela proporciona, se tal característica é o valor número um do entretenimento e se o jornalismo moderno dá às notícias brandas a primazia na hora de selecionar os acontecimentos (...), é pertinente imaginar que todo o fluxo informativo na televisão se não é entretenimento puro, é parte dele” (Sousa, 2005, p. 74).

Por isso, no contexto televisivo, há uma dificuldade enorme em diferenciar o que é jornalismo e o que pode vir a ser entretenimento, justamente pela forma como são apresentados nos noticiários. Como o jornalismo se baseia, também, em conteúdos de caráter universal, o entretenimento pode facilmente virar notícia (Sousa, 2005). É exatamente neste ponto que o esporte se encaixa, uma vez que estão inseridos na área de *soft news*.

Considerando o raciocínio acima, o telejornalismo desportivo é uma área de interesse para todas as classes sociais, permitindo que as pessoas se identifiquem com as histórias contadas sobre os atletas e os esportes que praticam, sejam histórias de sucesso ou de fracasso (Martins & Monteiro, 2008). Isso gera uma das maiores argumentações feitas por autores da área, que é justamente a forma como o esporte pode servir de espetáculo para o seu público. Para Paulo Vinícius Coelho (2004), um dos grandes obstáculos que o jornalismo esportivo na televisão enfrenta é a mistura entre sensacionalismo e a informação, uma vez que a maior parte das emissoras utiliza do sensacionalismo para atrair cada vez mais audiência. “Esses assuntos são áridos, não agradam todos os leitores – nem todos os jornalistas. Mas há os que se especializam nessas histórias” (Coelho, 2004, p. 87).

Não só isso, mas Betti (2003) acrescenta que a televisão mudou completamente a forma como os espectadores veem os esportes, considerando que a transmissão televisiva dos jogos é totalmente voltada para fascinar o público, usando de artifícios como a filmagem das torcidas, *replay* em câmera lenta dos relances com maior destaque, recursos infográficos sobre estatísticas do jogo, e outros. Desta forma, os torcedores, de forma intuitiva, associam os eventos esportivos como uma espécie de show, chamado por Betti de “esporte telespectáculo”.

“Por isso, é a televisão a mídia mais importante para entendermos as relações entre as duas instâncias. De fato, o esporte não teria alcançado a importância política, econômica e cultural de que desfruta hoje não fosse sua associação com a televisão, associação esta que criou uma “realidade textual autônoma”: o esporte telespectáculo” (Betti, 2002, p. 1)

O autor também ressalta que, uma vez que o esporte está nos media, ele é, na verdade, um “esporte dos media”. Isto é, mesmo se os veículos de comunicação colocassem o foco dos eventos esportivos em componentes como a cooperação, sociabilização, autoconhecimento e outros, substituindo o atual panorama de vitória-

derrota, rivalidade entre times, fama e dinheiro, ainda assim o estaria descontextualizando dos megaeventos esportivos. Ou seja, todos os esportes mediatizados são, de alguma forma, sempre regulados pelos interesses dos meios de comunicação (Betti, 2002).

Além disso, quando se trata da construção de uma notícia esportiva, o jornalista pode inserir vinhetas, música, efeitos especiais e outros mecanismos criativos e tecnológicos porque o público está acostumado a receber esse tipo de material. Dessa forma, o jornalista esportivo trata a matéria como algo que beira a informação, mas também o entretenimento (Sousa, 2005).

No entanto, devemos ter em consideração que o esporte é um evento que mexe com a paixão e devoção de uma população, o que torna ainda mais difícil a desvinculação do espetáculo de uma notícia (Bravo, 2009). Como afirma Silva & Júnior (2008), “as mídias utilizam elementos que marcam de alguma maneira a sociedade, reforçando imagens que podem estar atreladas às mais variadas mensagens e produtos. Desta forma, a imagem toma vida, começa a adquirir significado e representações. Através do poder de suscitar emoções, a televisão encontra nos eventos esportivos momento bastante adequado para explorar o imaginário do indivíduo”.

Tanto no Brasil quanto em Portugal, o futebol foi o esporte que ajudou a consolidar o emocional da audiência em relação às práticas desportivas, sendo considerado uma extensão da cultura brasileira e portuguesa, ajudando a formar a cultura desportiva nos dois países ao redor do futebol. Porém, isso nem sempre pode ser sinônimo de algo positivo, uma vez que a “futebolização” dos jornais esportivos desenvolve uma barreira para que qualquer outra modalidade vire notícia. Coelho (2004), neste ponto, defende que o esporte não é sinônimo de futebol, e que o problema do mercado esportivo é justamente o espaço enorme dado aos jornalistas especializados no futebol.

No Brasil, o primeiro encontro com o esporte – mesmo que resumido ao futebol – e o telejornal foi realizado em 1954, com a criação do programa *Mesa Redonda*. De acordo com André Ribeiro, o “Mesa Redonda passou a ser o programa precursor das atuais mesas de debates esportivos exibidos nos finais de semana” (Ribeiro, 2007). Em Portugal, é possível enxergar essa predominância futebolística até hoje, levando em conta que os canais de informação como a *RTP*, *Sic Notícias*, *CMTV*, *TVI24* e outras dão muito mais destaque ao futebol do que qualquer outro esporte (Monteiro, 2018).

Com o desenvolvimento acelerado das novas tecnologias, os métodos de trabalho e o mercado comunicacional em si precisam se adaptar. De acordo com Neveu (2005), a profissão de jornalista passou a ser mais valorizada e requisitada pelo mercado de trabalho entre os anos de 1980 e 2000, o que levou a uma maior oferta de mão-de-obra, dando a possibilidade aos veículos de comunicação de se arrisarem e inovarem o seu conteúdo, principalmente no universo digital. Ao mesmo tempo, ultrapassamos um momento de crise no jornalismo, tanto na questão financeira como no modelo de negócio. Porém, essa crise abriu portas para novas oportunidades na comunicação digital, principalmente em relação ao desporto (Borges, 2019).

“A abertura dos mercados de telecomunicações na Europa fez aumentar a concorrência. Para atrair o público, houve uma corrida por direitos de transmissão, elevando os preços de conteúdos desportivos, sobretudo no futebol. Isso fez com que o desporto passasse a ser explorado, em sua maioria, por canais privados e especializados. Apesar de haver concorrência entre diferentes tipos de media, a abundância de informação desportiva pode acabar sendo benéfica. A televisão detém o papel na transmissão dos jogos, enquanto rádios e online conseguem dar as notícias de maneira mais rápida e o impresso tem espaço para análises mais aprofundadas” (Boyle, 2006 *apud* Borges, 2019, p. 121).

De acordo com Borges (2019), essa expansão no mercado fez com que os setores comerciais, editoriais e desportivos produzissem conteúdos cada vez mais inter-relacionados. Um exemplo disso é a adaptação de alguns veículos impressos à essa nova era, onde podemos observar a criação de canais de televisão ou páginas especializadas na web com o intuito de se segurar numa posição relevante no mercado

editorial, como a *A Bola TV* em Portugal, o *Times* no Reino Unido e o *L'Équipe* na França.

Partindo desse princípio, e como já referido anteriormente, a popularização do futebol como indústria e espetáculo, combinada com o crescimento da oferta de jornalistas especializados e a expansão do mercado, transformaram por completo a cobertura esportiva. Isso se dá porque, segundo Borges (2019, p. 122), “o reposicionamento do futebol como parte da indústria do entretenimento e dos espetáculos faz com que algumas das práticas sejam incorporadas ao ambiente desportivo, tornando, também o jornalismo desportivo, mais semelhante ao jornalismo feito sobre setores das indústrias culturais”.

Seguindo este raciocínio, é possível afirmarmos que a ligação entre a parte financeira colocada a disposição do jornalista e o seu nível de profissionalização é proporcional à notoriedade e influência de uma modalidade esportiva (Frandsen, 2016). Sendo o futebol um dos esportes mais populares e rentáveis do mundo, os clubes de futebol se depararam com a oportunidade de investirem num jornalismo feito de dentro para fora, com a criação de canais de televisão próprios. O clube Manchester United foi o primeiro a estreiar um canal pago com conteúdos exclusivos sobre o time, e não demorou muito para servir de exemplos para outros países seguirem a mesma ideia (Borges, 2017).

Com esse novo cenário, os clubes de futebol acabaram por transformar a maneira como a informação desportiva pode ser passada pelos meios de comunicação generalistas. Uma dessas transformações é o controle ao acesso de informações do clube, criando, assim, informação exclusiva em suas plataformas. A outra é a publicação de uma informação oficial, que acaba por ser muito valorizada por conta da credibilidade.

Dois exemplos relevantes para serem trazidos neste cenário são o *Benfica TV* e o *Botafogo TV*, clubes de futebol de Portugal e do Brasil, respectivamente, que criaram canais de comunicação próprios dos times. Em Portugal, o *Benfica TV* não só detêm

toda a informação do time principal e acaba por ser a fonte das notícias para outros veículos, mas também apostou em se diversificar com os conteúdos exclusivos do time, que saem primeiro em seu canal para depois serem distribuídos entre os meios de comunicação. Já no Brasil, o *Botafogo TV* passa por uma situação um pouco diferente. Como a equipe de comunicação do time não consegue evitar que os jornalistas consigam informações exclusivas do clube, a imprensa acaba por continuar sendo a principal fonte de informação para os torcedores. Contudo, eles afirmam que o ideal é encontrar uma forma modificada de se comunicar e apostam em “novos ângulos para falar com os jogadores e no acesso aos balneários para produzir vídeos sobre os bastidores dos jogos” (Borges, 2019, p. 126).

Porém, uma questão a ser levantada neste tipo de conteúdo realizado pelos clubes de futebol tem a ver com a deontologia jornalística (Brin, Charon e Bonville, 2004). Enquanto a formação e a experiência profissional ainda sejam relacionadas ao jornalismo esportivo, é possível enxergarmos cada vez mais uma forte influência vinda do Marketing, principalmente quando os veículos têm o interesse de tratar o seu público como cliente e estarem focados no seu número de audiência.

Em consequência disso, segundo Brin, Charon & Bonville (2004), os valores e éticas do jornalismo de informação passam a ser substituídos pelo chamado “jornalismo de comunicação”. De acordo com os autores, um jornalismo de comunicação tem o propósito de fortalecer uma relação com o público, além de juntar diferentes tipos de discurso, tendo como principal a mistura entre informação e entretenimento. Essa mudança na prática jornalística é confirmada quando vemos que os clubes de futebol produzem conteúdos que estão de acordo com os valores e a marca do time, além de tratar todo o seu público como adepto para uma maior audiência.

Por fim, o telejornalismo esportivo é muito mais complexo do que poderíamos pensar. O impacto que o esporte traz na nossa sociedade, desde os primórdios da humanidade, faz com que o ser humano seja movido por histórias que o comovem de alguma forma. Por causa disso, o jornalismo esportivo engloba um universo muito

maior do que a simples narração do que aconteceu em determinado jogo, tendo que um jornalista esportivo estar sempre atento a tudo que acontece a sua volta nos eventos que cobre.

Capítulo II: A História e Luta das Mulheres

“A história da mulher não é somente sobre sua opressão. É também uma história de luta e resistência, na tentativa de banir preconceitos, recuperar sua condição de vida como ser humano igual, autônomo e digno” (Matos & Gitahy, 2007, p. 74)

II.1 A visão da mulher na sociedade

A diferença entre os direitos e deveres dos homens e das mulheres já é discutido há séculos. Durante esses séculos, vimos mulheres sendo apertadas em seus espartilhos, submetidas ao patriarcado vivenciado por toda a sociedade, lutando todos os dias por um lugar no qual, no mínimo, houvesse voz. Lutando por alguém que as escutasse.

Além disso, o sexo feminino foi considerado, por muito tempo, como o sexo frágil e inferior, assumindo que a submissão fosse algo natural para uma mulher. Duby e Perrot (1990) argumentam que desde a antiguidade – uma época na qual os filósofos e moralistas eram as pessoas que ditavam o que era suposto ser feito e dito – a mulher era tratada como submissa. De acordo com alguns desses registros históricos, elas eram destinadas a ter uma vida doméstica, sem qualquer envolvimento com a vida pública ou política.

Já Simone de Beauvoir (1970), em seu livro *O Segundo Sexo*, discursa que a opressão sofrida pela mulher não é nem nunca foi uma questão natural, mas uma questão social. Para entendermos melhor o papel da mulher na sociedade em cada época, abordaremos a visão de Friedrich Engels em *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, ressignificada por Beauvoir em sua obra. De acordo com o filósofo, os primeiros registros de uma divisão entre homens e mulheres ocorreu na Idade da Pedra. O homem caçava e pescava, já a mulher permanecia no lar

com tarefas mais domésticas, como jardinagem e tecelagem, mas havia um equilíbrio entre eles.

Com a evolução natural da sociedade, o aparecimento da propriedade privada foi considerado por Engels “a grande derrota histórica do sexo feminino” (*apud* Beauvoir, 1970, p. 74) e, a partir desse momento, a opressão começava e a mulher perdia o seu valor. Com essa evolução, as tradições também foram abaladas: se a transmissão de propriedade era feita através da mulher ao seu clã, agora o direito passou a ser paterno, de pai para filho.

A propriedade privada faz com que surja, então, o início da família patriarcal. O homem passou a ser o chefe de família, enquanto a mulher reduziu-se a ser um objeto de satisfação sexual ao marido, deixando de fazer parte da vida fora do ambiente doméstico. Segundo Beauvoir (1970, p. 75), a igualdade só poderia voltar a se restabelecer “quando os dois sexos tiverem direitos juridicamente iguais, mas essa libertação exige a entrada de todo o sexo feminino na atividade pública”.

Com a chegada do século XIX, a Revolução Industrial tomou forma e ofereceu uma maior liberdade às mulheres. Mesmo que não fosse uma igualdade em todos os sentidos, essa época foi marcada pela luta entre as diferenças salariais dos sexos, uma vez que as mulheres, por serem do sexo feminino e proletariados, recebiam menos do que os homens. Por consequência, começava-se um combate pelos direitos básicos de cidadania e condições de trabalho, que só foi ter uma resolução em 1920, após 72 longos anos de luta, ao conseguir adquirir o direito ao voto. Essa batalha pelos direitos e pela igualdade dos sexos é conhecida, desde então, como “feminismo” (Bravo, 2009).

“Na busca da superação das relações hierárquicas entre homens e mulheres, alinha-se todos os movimentos que lutam contra a discriminação em suas diferentes formas” (Alves & Pitanguy, 1982, p. 74)

A batalha, porém, estava longe de terminar. Com a volta das mulheres ao mercado de trabalho depois do impulso da Revolução Industrial e com o movimento feminista cada vez mais forte, outros dilemas surgiram para oprimir as mulheres. O sexo feminino passou a ter que conciliar sua vida doméstica com a sua jornada laboral, uma vez que a sociedade ainda designava não só as atividades do lar às mulheres, mas também as lembrava do seu papel como mãe (Silva, 2019). Quase na metade do século XX, o lado materno ainda era visto como a principal função de uma mulher na sociedade, mesmo com o avanço dos métodos contraceptivos. Com essa tese em mente, Beauvoir (1970) acredita que essa relação desigual entre o papel familiar e o trabalho é o que define a condição de ser mulher na sociedade contemporânea.

Além disso, nos anos 50 ainda era socialmente aceito e esperado que as mulheres aceitassem o casamento como uma escolha entre a vida profissional e a vida familiar. Nessa época, com a dependência financeira devido à falta de oportunidade de trabalho para as mulheres, o casamento era visto como a melhor alternativa para um mundo no qual o sexo feminino não tinha chance de triunfar. Por isso, a sociedade ainda acreditava e perpetuava, em plena metade do século XX, os estereótipos em que o papel da mulher resumia-se em ser mãe e dona de casa (Silva, 2019).

II.2 A entrada e participação da mulher no Desporto

Para continuarmos a falar das mulheres em sua reinserção no mercado de trabalho e, conseqüentemente nas redações, temos que, em primeiro lugar, aprofundar a sua relação com a prática esportiva. É evidente que a atividade física, como já vimos nos pontos acima, é praticamente inerente aos cidadãos, sendo considerado algo de caráter natural para o ser humano.

De acordo com Pereira (1980), os egípcios foram os primeiros a realizar uma atividade esportiva, por volta dos anos 4.000 a.C, que deram lugar nas antigas civilizações. Mais tarde, os gregos vieram com a primeira Olimpíada, por volta de 776

a.C, sendo um dos eventos esportivos mais grandiosos até hoje. Contudo, quando voltamos no passado e observamos as competições, a história nos indica que quase todas as modalidades eram praticadas pelo sexo masculino. Isso se dava porque não só os homens eram criados com a intenção de serem mandados para a guerra, mas o esporte e seu desempenho eram uma forma de impressionar as mulheres.

“Durante séculos, as proezas atléticas feitas pelos homens eram comemoradas com inscrições em monumentos dedicados às suas habilidades físicas, porém essas ações inexistiam para as mulheres. Como o sexo feminino era destinado à procriação e aos fazeres domésticos, até recentemente, a exibição da forma física era domínio exclusivo masculino. Ao sexo feminino era permitido atuar apenas em atividades como a dança” (Bravo, 2009, p. 13).

Quando olhamos para a História Antiga, há poucos registros de mulheres em um ambiente desportivo. No Antigo Egito, a evolução da civilização fez com que houvesse uma reestruturação da educação, que passou a incluir o desporto como algo essencial. A partir desse momento, as egípcias praticavam esportes que envolviam bolas e raquetes, se tornando cada vez mais regular a participação do sexo feminino. Já na Grécia Antiga, a entrada das mulheres no esporte era incentivada para que as mesmas pudessem treinar seus corpos para gerar uma criança mais saudável, para servir ao Estado no futuro, ou seja, a participação delas ainda era pensando no melhor para o masculino (Klafs, 1981).

Com essa tese em mente, podemos entender que a presença das mulheres na atividade física era escassa, quando não era nula. A participação masculina nas práticas desportivas também era pequena, mas nada se comparava à participação feminina. Na época da Idade Média, logo após o fim do Império Romano, a atividade física foi considerada um pecado pela sociedade e o cessou-se a participação de praticamente os dois sexos. Apenas por volta dos séculos XVII e XVIII que podemos ver a mulher a voltar a praticar esportes (Bravo, 2009).

Segundo Klafs (1981), depois de séculos de luta para que as sociedades pudessem aceitar a coexistência dos dois sexos na prática esportiva e ir contra os

preconceitos, o sexo feminino passou a ter seu espaço assegurado no desporto e nas competições esportivas, como os Jogos Olímpicos de 1900. Além disso, a entrada definitiva das mulheres nas práticas físicas acabou por modificar todos os valores envolvidos no conceito de esporte, por isso, “deixaram de existir restrições ou barreiras” (Klafs, 1981, p. 9).

Mesmo com o direito de praticar esportes estabelecido por volta dos anos 1900, a mulher ainda estava longe de não passar dificuldades no âmbito esportivo, que ainda era completamente dominado pelo masculino. Em 1917, um pouco antes do final da 1ª Guerra Mundial que suspendeu todas as competições mundiais, a francesa Alice Melliat fundou a *Fédération Sportive Féminine Interionacionale*, uma organização que lutou para que o Comitê Olímpico Internacional voltasse a permitir mulheres nas competições.

Em Portugal, a primeira participação feminina aconteceu somente em 1952, nas Olimpíadas realizadas em Helsinque, enquanto a primeira medalha de ouro só foi conquistada 36 anos depois, em 1988. De acordo com o Instituto Português de Desporto e Juventude, as participações de mulheres nos treinos desportivos, em 2013, eram de apenas 16%, e a situação não mudou muito desde então. As mulheres em Portugal ainda são uma minoria assustadora quando se trata de esportes, sendo que “a realidade atual é que estão sub-representadas em todos os níveis, funções e esferas de competência do desporto e da prática desportiva” (Saraiva, 2019, p. 29).

No Brasil, Heloisa Bruhns relata que em 1941 foi aprovada uma lei que discriminava a mulher do esporte, a qual dizia que: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições da sua natureza” (Bruhns, 2000, p. 73). Isso mostra que o governo brasileiro em si, em metade do século XX, ainda não reconhecia a participação feminina na prática física. Apesar dos desafios, 40 anos depois foi criado o primeiro time feminino de futebol do Brasil e a Liga Carioca de Futebol Feminino, em 1981. Já em 2016, vimos a história ser feita no Brasil. Os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro tiveram uma marca histórica de 45% dos atletas serem do sexo feminino, sendo o maior número registrado até hoje. (Bravo, 2009).

Como podemos observar, a luta por condições, no mínimo, iguais para os dois sexos no desporto foi longa, mas hoje conseguimos ver a participação feminina em praticamente todas as categorias de competição. Mas os problemas de igualdade de gênero não acontecem só no esporte, e é no próximo tópico que veremos a dificuldade enfrentada pelas mesmas no mercado de trabalho.

II.3 As mulheres no mercado de trabalho e a entrada nas redações

Quando olhamos para o passado, podemos perceber que a mulher necessitou, em diversas situações, lutar para conquistar direitos que deveriam ser básicos e igualitários. Alguns desses direitos merecidos foram os de votar, estudar, praticar esportes e conseguirem seu lugar no mercado de trabalho reconhecido como profissionais.

Como já referido anteriormente, a entrada das mulheres no mercado de trabalho teve seu início por volta dos anos 1770, durante a Revolução Industrial na Inglaterra. Desde então, o sexo feminino foi considerado uma força de trabalho, fazendo com que a nova jornada de trabalho tirasse as mulheres da vida doméstica. Contudo, essa inclusão nas fábricas não tinha nenhum interesse em possibilitar direitos iguais aos trabalhadores, mas sim pelas transformações do tipo de trabalho manual que era requisitado.

Num contexto internacional, o mercado de trabalho abriu-se para as mulheres no início do século XX. Assim como na Inglaterra, a necessidade de mão-de-obra, além da vontade das próprias mulheres em sair da vida doméstica e ter algum tipo de realização profissional foram algumas das razões pelas quais as mulheres quiseram adentrar a este espaço. O comércio não só necessitava do trabalho manual das mulheres, principalmente pela sua mão-de-obra ser a mais barata do mercado, mas Rocha (2004, p. 77) ainda afirma que, quando se trata do Brasil, “na prática, a inclusão

de mulheres de classe média na força de trabalho mais beneficiou a economia do país do que as próprias mulheres”.

Segundo Bravo (2009), mesmo com a mulher inserida no mercado, o sexo feminino ainda encontrava diversas dificuldades para avançar nas suas carreiras. Nessa época, era pouco provável que uma mulher conseguisse um emprego em cursos que necessitavam de ensino superior, como medicina, advocacia e outros. Foram apenas em carreiras conectadas com áreas de humanidades e artes, como poetas, escritores e jornalistas eram aceitas pela sociedade, uma vez que eram profissões mais associadas às mulheres.

Por causa disso, o jornalismo se tornou uma profissão praticamente automática para as mulheres. De início, como se era esperado, essas mulheres eram contratadas pelos jornais, mas sem qualquer tipo de investimento pensado no futuro. Elas estavam ali para substituir os homens, que eram maioria nas redações, enquanto as guerras aconteciam. Era considerado o trabalho delas somente escrever para outras mulheres, em assuntos mais fúteis e ligeiros. Esse panorama só foi se modificar com a entrada da propaganda e publicidade, uma vez que se tornou necessária para a sobrevivência dos jornais (Silva, 2019).

“As jornalistas eram contratadas para escrever para mulheres, sobre assuntos considerados de mulheres. Eram, na maior parte das vezes, conduzidas para áreas mais ligeiras das notícias, como a moda e notícias sobre celebridades, por exemplo, o que em muito contrastava com os assuntos atribuídos aos colegas, que escreviam sobre economia, política, em suma, as chamadas hard News” (Silva, 2019, p. 20).

Além disso, ao longo do século XX, Chambers, Steiner e Fleming (2004) argumentam que o gênero do jornalista era relevante quando se abordava o seu desempenho. Por isso, uma mulher ficava condenada a escrever para somente outras mulheres, enquanto, ao mesmo tempo, se um homem escrevesse sobre algo feminino, era fortemente julgado. Nessa altura, houve jornalistas homens que manifestaram contra as mulheres nas redações, afirmando que o trabalho era fácil demais e que o

nível de estresse enfrentado por elas faria com que as mesmas perdessem sua feminilidade.

Mesmo com suas semelhanças, Portugal e Brasil tem suas particularidades na entrada da mulher no jornalismo. Em concordância com Muzart (2003 *apud* Alexandrino, 2011), a imprensa feminina no início do século XX foi um dos fatores mais importantes para que o sexo feminino conseguisse lutar não só pelos seus direitos, mas pela sua aceitação em diversas outras partes da sociedade, que ainda as enxergavam como inferiores. “Dessa forma, o surgimento da imprensa feminina no Brasil está interligado ao movimento de emancipação feminina” (Alexandrino, 2011, p. 33-34).

Regina Ramos (2010) destaca que o *Jornal das Senhoras: modas, literatura, bellas-arts, teatro e crítica* pode ser considerado o primeiro jornal dirigido por uma mulher no Brasil. Fundado no Rio de Janeiro em 1852, pela jornalista argentina Juana Paula Manso de Noronha, o jornal era feito todos os domingos e teve uma vida curta, com apenas 3 anos de circulação. Alguns anos mais tarde, por volta dos anos 20, vemos uma onda de escritoras e jornalistas nas redações de todo o Brasil.

Um nome importante para a história das escritoras dessa época é a poetisa Cecília Meirelles, que colaborou por um tempo no *Diário de Notícias*, no Rio de Janeiro, além de escrever diversas crônicas sobre sua experiência no jornalismo feminino antes da sua morte. Mesmo com avanço lento, a imprensa voltada para as mulheres não era considerada um tipo de jornalismo, uma vez que abordavam assuntos como moda, culinária, programas de televisão etc, ou seja, eram vistos como uma forma de alienação e não de informação. (Dantas, 2015).

Em Portugal, o cenário também tomou um percurso lento e gradual. De acordo com Silva (2019), mesmo com algumas mudanças leves por volta dos anos 60, foi apenas na revolução de 1974 que a situação começou a mudar no país. O 25 de Abril – que marca o fim da ditadura e o início da vida democrática em Portugal – foi um divisor de águas para a profissão de jornalista.

Em consequência, cada vez mais estudantes ingressavam nos cursos de Jornalismo ou Comunicação nas universidades. Depois da Revolução, as universitárias que escolhiam o curso formavam uma parte pequena de suas turmas, com apenas 29,5% do total. A partir disso, os números foram crescendo ininterruptamente, atingindo mais de 60% no final do século XX (Subtil, 1995).

O panorama português se diversificou muito com o aumento dos veículos de comunicação e com os novos tipos de media, fazendo com que a entrada de jornalistas para as redações fosse facilitada, o que permitia dar um novo ar a uma profissão já muito engessada:

“Foi nos anos 80 que aconteceu uma grande entrada de jornalistas mulheres. Este maior ingresso na profissão aconteceu, numa primeira fase, em condições de precariedade através de estágios que, em alguns dos casos não eram remunerados. Há, nesta altura, uma diferença da escolaridade entre homens e mulheres no jornalismo. As mulheres chegam à profissão depois da faculdade, ou seja, com um grau de escolaridade maior” (Silva, 2019, p. 27).

Por consequência, considerando que as mulheres tiveram uma entrada mais tardia no jornalismo, houve um debate sobre os anos de experiência a mais que os homens teriam em vantagem às mulheres dentro da profissão. Filipa Subtil (1995) explica que essa forte entrada nas universidades portuguesas não refletiu no mercado de trabalho, principalmente nas posições de maior cargo nas redações. Essa diferença implicava que as mulheres teriam muita dificuldade em chegar a esses cargos, não só pelo machismo no ambiente de trabalho, mas pela falta de oportunidades.

Mesmo com as dificuldades, é importante destacarmos aqui as primeiras jornalistas de renome em Portugal. São elas: Alice Vieira, Edite Soeiro, Diana Andringa, Leonor Pinhão, Maria Antónia Palla e Maria Teresa Horta. Essas mulheres merecem destaque porque, numa época em que não apenas o jornalismo sofria com o período político que atravessava, mas também pelo sexismo que dominava a opinião pública

de que a mulher só podia ter o papel de dona de casa ou mãe, essas jornalistas conseguiram um grande êxito no mercado de trabalho (Alvarez, 2013).

A dominância masculina não tinha poder só na área de trabalho, mas também no conteúdo que os media geravam. Na época, a imagem das mulheres era de extrema relevância para o seu aparecimento nas televisões, uma vez que sua beleza era considerada a única qualidade para o trabalho. O estímulo ao desejo sexual do público heterossexual era o objetivo principal dos media que trabalhavam com mulheres, incentivando e criando a cultura da objetificação do sexo feminino. Eram conteúdos pensados especificamente no sexo masculino, mesmo que as mulheres assistissem os programas como uma forma de inspiração. Com essa adoração ao corpo, já não importava as competências profissionais e intelectuais de uma mulher, uma vez que seu trabalho se resumia a sua aparência (Araújo, 2017).

No cenário atual³, de acordo com pesquisas feitas pela Comissão da Carteira Profissional de Jornalista, em 2014 as mulheres somavam mais de 50% do total de jornalistas em Portugal. Em concordância com João Miranda (2017), ainda há uma grande disparidade entre as meninas licenciadas em Jornalismo com aquelas que realmente praticam a profissão. No próximo tópico, veremos como a situação funciona quando se trata de um jornalismo especializado, o jornalismo desportivo.

³ De acordo com um estudo feito pela London School of Economics e apresentado pela *Women in Banking & Finance (WIBF)* em 2021, muitos homens no ambiente de trabalho apresentam uma “falsa” empatia com as mulheres e para a igualdade de gênero como uma forma de “boa política”. Segundo o relatório, eles visam conseguir agir como alguém que incentiva o sucesso das mulheres como forma de sucesso próprio, conseguindo oportunidades de crescer profissionalmente só por terem sido “empáticos” com as colegas. “When exposed to leaders who faked empathy, the women described moments that were akin to suffering at the hands of ‘bad politics’, echoing the necessity to distinguish truly emphatic leaders” (Women in Banking & Finance, 2021)

II.4 Mulheres no Jornalismo Desportivo

“Sports news is home to one of the most intense and most historically enduring gender divisions in journalism, in terms of who is permitted to cover which sports as journalists, how athletes are covered as well as in terms of which genders are served as audiences” (Chambers *et al*, 2004, p. 99).

Por mais que o número de mulheres jornalistas venha aumentando ao longo dos anos, as profissionais que decidem seguir a carreira no desporto são ainda poucas, além dos departamentos especializados em esporte em vários países continuarem a ser, quase em sua totalidade, preenchidos pelo sexo masculino. Isso acontece porque, até hoje, a secção esportiva ainda é considerada como um “male field”, no qual as mulheres ainda são subestimadas e atreladas aos estereótipos de cada país. (Frank & O'Neill, 2016; Organista & Mazur, 2019).

Por isso, o jornalismo esportivo é uma das especializações desta profissão que, assim como outras profissões, uma mulher dificilmente conseguia algum tipo de destaque e, principalmente, credibilidade quando o assunto era o desporto. Podemos associar este conceito com o abordado por Gaye Tuchman (1978), denominada de “aniquilação simbólica”. Tuchman explica que essa aniquilação se deu ao fato do papel das mulheres na sociedade ser constantemente “trivializado e desvalorizado pelos media, quer no eixo da produção, quer da representação” (Martins & Cerqueira, 2018, p. 2).

Num contexto histórico, Boyle (2006) argumenta que uma das primeiras jornalistas desportiva reconhecida pela sociedade é Middy Morgan, por volta de 1869. Contratada pelo *The New York Times*, nos Estados Unidos, a jornalista já cobria corridas de cavalos para o periódico, mesmo com todo o preconceito enraizado desta época.

Além disso, avançando para o século XX, nos anos 70, diversas jornalistas norte-americanas apontavam que não as designavam peças jornalísticas com maior

relevância dentro dos jornais, além de não serem tratadas com seriedade pelos colegas de trabalho. Elas conseguiram algum espaço na televisão em meados dos anos 80, como apresentadoras, repórteres e, também, comentaristas de golfe, tênis, basquete e outros esportes, mas não sabiam o que era estar livre das dificuldades (Siqueira, 2005).

“Em meados de 1984, a então repórter esportiva Claire Smith foi expulsa do vestiário de um time de beisebol profissional durante o Campeonato da Liga Nacional. De acordo com Smith, a Associação dos Cronistas de Beisebol dos Estados Unidos protestou veementemente, mas não por ter sido uma mulher quem foi expulsa, mas sim uma cronista (Siqueira, 2005, p.41).

No Brasil, a situação já era um pouco diferente, uma vez que as mulheres não eram bem-vindas nas redações esportivas na década de 70. Segundo Coelho (2004), era praticamente impossível encontrar mulheres no esporte e, antes disso, a representatividade feminina era voltada para áreas que tinham como público-alvo somente as mulheres, ou seja, não podiam escrever nem participar de outras editorias. O autor também argumenta que “é possível que o índice feminino reflita o interesse da população. Se em estádio de futebol, autódromo ou ginásio há mais homens do que mulheres, é normal que haja também índice diferente de homens e mulheres na redação (...) Mas é sempre visto como algo curioso uma mulher entender de esportes” (Coelho, 2004, p. 34-35).

Pensando também no viés cultural, é evidente que encontremos mais homens do que mulheres assistindo aos eventos desportivos. É possível observar, ao mesmo tempo, o reflexo desse comportamento cultural dentro das redações, uma vez que as oportunidades de trabalho no campo jornalístico esportivo não são iguais para homens e mulheres. Contudo, ao longo dessa trajetória ainda curta, já há mulheres que se destacaram num ambiente praticamente sem espaço para as mesmas. Ao pesquisarmos sobre as pioneiras do jornalismo esportivo no Brasil, alguns autores trazem nomes que valem a pena serem mencionados neste trabalho.

Uma das primeiras mulheres a participar do *Globo Esporte*, um dos principais programas de televisão esportivos do Brasil, foi a jornalista Isabela Scalabrini. Com esse feito, Scalabrini chegou na emissora no início dos anos 80, pelo programa de estágio da *Rede Globo* e era a única mulher na secção de esportes (Siqueira, 2005). Seus primeiros trabalhos foram reportagens para o programa, mas a jornalista confessa que teve dificuldades em cobrir o futebol, modalidade que ainda era destinada apenas para os jornalistas homens:

“Não pegava matéria do “Jornal Nacional” e nem pegava futebol. Eu notava que tinha essa resistência mesmo sabe! Uma mulher em campo? O que ela vai poder fazer?! Isso demorou bastante, eu entrei em 80, mas só consegui começar a fazer matéria boa, de rede, em 83” (Scalabrini *apud* Siqueira, 2005, p.42)

De fato, Scalabrini só conseguiu uma grande oportunidade dentro da redação em 1983, nos Jogos Pan-Americanos na Venezuela. Com esse destaque, o trabalho da jornalista começou a chamar mais atenção da audiência e ser cada vez mais importante para o programa. Logo em seguida, conseguiu trabalhos relevantes nas Olimpíadas de 84, em Los Angeles e na Copa do Mundo de 1986, no México. A relevância de Scalabrini no telejornalismo esportivo do Brasil é enorme, sendo considerada por muitos autores no campo como a primeira mulher a apresentar um programa esportivo na *Rede Globo* (Bravo, 2009).

Outra jornalista importante a ser destacada nessa trajetória é a irreverente Mariana Becker, também da *Rede Globo*. A jornalista esportiva, especializada em automobilismo e Fórmula 1, comentou sobre sua carreira e os preconceitos encontrados no ambiente de trabalho. Becker argumenta que já recebeu muitos olhares “atravessados” de homens, mas complementa que, por ser mulher, pode trazer novos ares as transmissões. Coelho (2004) ainda traz nomes como a Isabel Tanese, que assumiu por anos a secção desportiva do jornal *Estado de S. Paulo*, além da Kitty Balieiro, que foi chefe de redação da *ESPN Brasil*.

Mesmo com essas mulheres se destacando numa época que era quase impossível se destacar, as jornalistas persistiram e conseguiram um pouco mais de espaço com o passar dos anos. Entretanto, o preconceito ainda é muito enraizado, ainda sendo sentido por todo o país. De acordo com Coelho (2004, p. 35), “as mulheres na maior parte são encaminhadas para as editorias de esportes amadores. É mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis do que sobre futebol e automobilismo. Territórios onde o machismo ainda impera”.

Coelho (2004) ainda continua dizendo que há esportes que ainda se encontram quase inalcançáveis para as mulheres. Áreas como o futebol e até o automobilismo, ambos já ditos acima, ainda são preenchidos pelo machismo estrutural das emissoras, uma vez que são poucas as mulheres que dominam completamente as modalidades. Estimava-se que, por volta dos anos 2000, apenas 10% dos profissionais no jornalismo esportivo eram mulheres.

Um assunto relevante a ser tratado quando falamos do Brasil é a utilização da imagem como atrativo para o público. Como o uso da imagem é essencial para o funcionamento da televisão, os profissionais que trabalham como apresentadores ou repórteres são beneficiados por conta da sua boa estética. Segundo Righi (2006), a mulher participava dos programas sem qualquer tipo de opinião, apenas para ler os roteiros já produzidos (quase sempre por homens).

“Pouquíssimas mulheres realmente podem exercer um cargo de emitir opiniões de verdade, não vomitar um script), principalmente quando têm contato direto com o público. No futebol, então! Nós somos o país do futebol, porém julgamos as mulheres incompetentes no assunto. Muitas garotas já o praticam, mas falar sobre técnica e tática? Discutir se dá para a seleção jogar com dois centroavantes ou se meia é posição em extinção no Brasil? As entrelinhas do cinismo expressam o seguinte: Mulheres podem jogar, mas que não se profissionalizem nem tentem entender o assunto. Namorem jogadores, criem sites sobre galãs como Beckham e o Morientes, sejam assistentes de palco de programas (usem decotes) ou façam matérias de biquíni, mas, por favor, não se metam em território onde só o macho tem competência para opinar, gerir e praticar” (Bessa, 2006, p. 1)

Somente em 2002 que uma mulher foi o rosto de um grande evento esportivo. Fátima Bernardes, na *Rede Globo*, se destacava pelo profissionalismo e credibilidade na Copa do Mundo de 2006, a jornalista Martina Franz, muito conhecida no México, era sempre questionada e descredibilizada pelas perguntas feitas aos jogadores no final da partida, o que levantou discussões sobre a competência feminina para abordar matérias de cunho esportivo (Oliveira & Oliveira, 2017).

Além disso, Bravo (2009) e Alexandrino (2011) apresentam dados sobre programas de televisão esportivos brasileiros, e afirma que a ideia de que as mulheres são designadas ao jornalismo esportivo por possuírem um diferencial como a emoção e o envolvimento do conteúdo elaborado. Essa sensibilidade é muito utilizada como manobra emocional pela *Rede Globo* e pela *Rede Record*, passando ao telespectador uma sensação de humanização das matérias jornalísticas de desporto. Além disso, no que toca as diferenças entre as peças produzidas pelos dois gêneros, “as mulheres têm mais leveza e humor ao produzir uma matéria; fazem reportagens mais detalhadas e são imparciais. Por outro lado, os homens dominam mais o assunto e conseguem produzir matérias mais criativas e atrativas” (Bravo, 2009, p. 48).

Atualmente, o Brasil vivenciou um evento inédito e histórico. A jornalista Renata Silveira, contratada pela *Rede Globo* para o canal *Sport TV*, foi a primeira mulher na história a comandar as transmissões de futebol da emissora. “O espaço para as mulheres vem crescendo bastante. Isso depende de oportunidades, porque a gente tem muitas mulheres capacitadas para estarem ali, mas às vezes não tem a oportunidade”, declarou a jornalista para o *Globo Esporte* online⁴. Formada em Educação Física e com pós-graduação em jornalismo desportivo, Silveira começou sua carreira como narradora em 2014, ao vencer um concurso da *Rádio Globo*. Seu prêmio foi a narração de jogos da Copa do Mundo daquele ano, com o jogo Croácia x México.

⁴ Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/globo-contrata-renata-silveira-primeira-narradora-da-historia-da-emissora.ghtml>.

“Antes tinha a questão do preconceito, de que o futebol era um lugar exclusivo para homens, não só na televisão, mas também nos estádios. Isso a gente está quebrando aos poucos, mostrando que somos capazes através do nosso trabalho e do esforço de falar sobre futebol, comentar e narrar” (Renata Silveira, 2020, *Globo Esporte*).

Quando falamos de igualdade de gênero em Portugal, mesmo que a feminização da profissão esteja cada vez mais forte, não podemos ver essa mesma evolução no âmbito desportivo. Como defende Ventura (2014, p. 14), “o cenário na comunicação social portuguesa alterou-se radicalmente, pelo menos em termos numéricos, com o sindicato a registar um número maior de mulheres inscritas do que homens. Mas a questão numérica não é tudo. (...) isso não quer dizer que não haja segregação sexual, lembrando que essa relação numérica não tem espelho nos cargos de chefia. Rebelo aponta para o facto de, a esse nível haver um ‘ADN claramente machista’”.

João Miranda (2014), Filipa Subtil e Maria João Silveirinha (2017) tratam o mesmo processo de feminização como algo mais complexo, justamente pelo destaque nas assimetrias das condições e cargos dentro das redações em relação aos dois gêneros. Segundo os autores, ainda há uma segregação e uma “inegável desigualdade”, principalmente no que diz respeito ao “desempenho de tarefas profissionais e socialmente menos valorizadas e que exigem menos mobilidade e exposição pública, um cenário que se completa com a persistência de níveis salariais díspares” (Subtil & Silveirinha, 2017, p. 128).

Analisando o estudo feito por Martins e Cerqueira, em 2018, havia em Portugal 456 jornalistas desportivos por todo o país, sendo 388 homens (85%) e 68 mulheres (15%). Elas afirmam também que, em referente aos veículos de comunicação disponíveis no país:

“O meio com menor presença feminina é a rádio – 3 mulheres e 28 homens –, a televisão segue-se com 15 mulheres e 73 homens e a imprensa escrita é a que possui mais mulheres, sendo também o setor que apresenta mais jornalistas: 267, 37 mulheres e 230 homens. Se compararmos estes dados, (...) percebemos a distância que existe entre as percentagens que se referem à profissão em geral – 51,8% de homens jornalistas e 48,2% de mulheres jornalistas – o que comprova que a feminização da profissão não se verifica quando falamos numa temática específica como é o desporto” (Martins & Cerqueira, 2018, p. 8).

Ainda de acordo com as autoras, o jornal especializado em desporto com o maior número de mulheres em cargos superiores é o *Record*, com o total de 7 mulheres. Quando falamos de um dos únicos canais televisivos dedicados somente ao esporte em Portugal, a *SporTV*, que tem no total 30 jornalistas, 5 dessas são mulheres. Duas dessas mulheres são apresentadoras, enquanto as outras 3 cumprem o papel de repórteres (Martins & Cerqueira, 2018).

Mais recentemente, vivenciamos, igualmente ao Brasil, um feito histórico em Portugal, realizado pela *SporTV*: a jornalista desportiva Rita Latas foi a primeira mulher a narrar um jogo na 1ª Liga de Futebol. Em entrevista ao periódico *O Jogo*⁵, Latas declarou que "a ideia de eu narrar um jogo da Liga NOS estava pensada há alguns meses e já andava a treinar para isso. Falei com algumas pessoas mais experientes na área e da própria Sport TV, pois sei que se trata de um momento importante e diferente" (Latas, 2020).

Atualmente, contamos com o nascimento de mais um canal totalmente desportivo em Portugal, o *Canal 11*. Dos 5 programas apresentados na página inicial do site canal, 3 deles tem mulheres como apresentadoras, sendo os programas “Amor à Camisola” e “Futebol a Sério” apresentados somente por mulheres, denominadamente as jornalistas Sara Freitas e Maria Inês Pedroso no primeiro, e Sofia Oliveira no segundo.

De acordo com o estudo intitulado *Global Media Monitoring Project (GMMP)*, o maior estudo sobre a monitorização dos órgãos de comunicação social em todo o mundo, na sua última edição realizada em 2020, 48% das notícias televisionadas foram

⁵ Disponível em: <https://www.ojogo.pt/futebol/noticias/esta-feita-historia-ritas-latas-a-primeira-mulher-a-narrar-um-jogo-da-i-liga-13113012.html>

feitas por mulheres, o que é um grande avanço comparado ao penúltimo relatório realizado em 2015. Nesse penúltimo, quando o assunto era temas menos prováveis de serem abordados por mulheres no jornalismo, em primeiro lugar aparecia o “desporto, eventos, jogadores, instalações, treino e financiamento” (Martins & Cerqueira, 2018).

Não podemos deixar de comentar sobre como a era digital veio para tentar mudar o panorama atual, tanto para o bem quanto para o mau. Segundo Antuvonic (2018), após várias denúncias de sexismo e assédio nas redes sociais, a organização independente *Just Not Sports* lançou uma campanha intitulada #MoreThanMean. A campanha produziu um vídeo de homens jornalistas lendo mensagens enviadas pelo Twitter para suas companheiras de trabalho, as jornalistas desportivas. A campanha foi visualizada por milhões de pessoas, e tornou-se um exemplo de alerta para a forma como, até hoje, em pleno século XXI, as mulheres ainda são discriminadas pelo gênero.

“The Tweets include abusive language, derogatory sexual comments, and death threats. The men hesitate to read, stumble upon their words, and apologize to the journalists. [...] Within weeks the #MoreThanMean video reached over 3.7 million views on YouTube. [...] Mainstream media outlets in the USA and the UK, as well as online-only media outlets, shared the video and engaged in the conversation about the issue. The campaign received overwhelmingly positive coverage” (Antuvonic, 2019, p. 433).

Em suma, podemos observar que a representação feminina no jornalismo desportivo ainda está nos seus primeiros passos, havendo uma pequena transformação dentro das redações. É evidente que, se compararmos com a situação de algumas décadas atrás, onde as mulheres sequer podiam entrar e exercer o papel de jornalistas, a mudança já está acontecendo. Porém, é de extrema importância continuarmos a lutar para quebrar essas barreiras enraizadas pela sociedade, para que

consigamos cada vez mais equidade em todas as áreas da vida, profissional ou privada.

Nas palavras de Bibiana Bolson⁶:

“Eu gostaria de ver uma mulher na FIFA ou mesmo na CBF. Quando isso começar a acontecer, as coisas vão começar a mudar. Nós já rompemos a barreira de que a mulher não podia fazer futebol. Esse preconceito já foi quebrado, agora é o dentro e o meio. É entender o porquê que você está ali, de igual para igual. Acho que os colegas já entendem, mas em alguns momentos há aquela coisa do preconceito inconsciente, que é uma coisa cultural, que a gente já carrega. Por isso que é um processo, não é da noite para o dia. Por isso que vai ser sempre passo por passo, mas a passos largos assim espero. Tempos melhores estão vindo, mas a gente precisa falar sobre isso na Universidade e na mídia também. Nós também não podemos ficar só nesse argumento que se defende: “isso é cultural do futebol, isso é assim”. É cultural, mas está errado. Temos que questionar o por que é assim” (Bolson, jornalista do *Esporte*

⁶ Entrevista concedida às autoras Oliveira & Oliveira (2017), em 2016, pela jornalista esportiva Bibiana Bolson, que na época trabalhava no *Esporte Interativo* (EI). O EI foi um canal esportivo de televisão por assinatura que teve seu nome aposentado em 2021, sendo agora conhecido como *TNT Sports*.

Capítulo III: Desenho de Investigação

III.1 Objetivos

Esta investigação tem como objetivo principal entender quais são as condições laborais atuais das jornalistas desportivas brasileiras e portuguesas, além das suas percepções sobre a igualdade de género dentro das redações televisivas. Após observarmos a revisão bibliográfica dos capítulos acima, é possível entender as dificuldades e opressões que as mulheres enfrentam há séculos em diversas áreas da sociedade, principalmente numa área ainda predominantemente masculina, o jornalismo desportivo.

Além disso, é evidente que as informações sobre o papel da mulher jornalista em ambientes desportivos ainda é rasa, sobretudo quando falamos de Brasil e Portugal, países cuja a história da mulher no jornalismo ainda é recente.

Por isso, no que diz respeito a esta investigação, pretende-se entender, junto de algumas profissionais que trabalham na área nos dois países, como foi o processo de integração nas redações, quais são seus papéis principais na função, qual a percepção que elas tem sobre o jornalismo esportivo e se sentem, hoje, algum tipo de impasse ou preconceito dentro das emissoras, e, por fim, qual a percepção do público face ao crescimento da mulher nas peças jornalísticas, quando se trata de credibilidade.

III.2 Pressupostos de Investigação

Tendo em conta os conceitos aqui trazidos e no que diz respeito a esta investigação, os pressupostos são os seguintes:

- O jornalismo desportivo em Portugal e no Brasil ainda é um território predominantemente masculino (Alexandrino, 2011; Bravo, 2009; Silva, 2019);

- Os estudos de gênero mostram que, historicamente, há uma desigualdade entre homens e mulheres no que toca ao mercado de trabalho nos *media* (Miranda, 2014; Pedroza, 2017; Rocha, 2004)
- O número de mulheres jornalistas vem crescendo cada vez mais nos dois países (Miranda, 2014; Pêgo, 2015);
- Há cada vez mais mulheres interessadas e se profissionalizando em jornalismo desportivo (Alexandrino, 2011; Alvarez, 2013; Antunovic, 2018; Bravo, 2009)
- Ainda existe preconceito dentro e fora das redações em relação à presença da mulher no jornalismo desportivo (Chambers, Steiner & Fleming, 2004; Dantas, 2015; Martins & Cerqueira, 2018).

III.3 Questão de Partida

Define-se como questão de partida a seguinte: quais são as condições laborais das jornalistas desportivas e a sua percepção em relação à igualdade de gênero nas redações televisivas portuguesas e brasileiras?

III.4 Subperguntas de investigação

Para responder à pergunta de partida, formulamos algumas subperguntas para auxiliar a investigação:

- Quais são as principais portas de entrada no jornalismo para uma jornalista desportiva?
- Como as questões de género impactam, de forma positiva ou negativa, a carreira das jornalistas desportivas?
- Quais são os obstáculos que ainda existem nas ascensões?
- Quais são as diferenças laborais entre as mulheres e os homens?
- Como é o ambiente da redação desportiva hoje? Qual a percepção das jornalistas em relação ao seu papel dentro das emissoras?
- Quais passos foram dados em relação a igualdade de género na informação desportiva?

III.5 Metodologias adotadas

Os dois métodos reconhecidos no universo da investigação são as pesquisas qualitativa e quantitativa, duas formas que se podem vir a se complementar, apesar de serem diferentes no que diz respeito ao processo de recolha e análise de informação. A pesquisa quantitativa “prevê que a recolha de dados possa ser quantificada, e posteriormente traduzida em números ou dados estatísticos. Já a pesquisa qualitativa é o mais indicado, para estudos em que o pesquisador se envolva num contato mais direto com o objeto de estudo, para entender os fenómenos sociais por trás da problemática inicialmente identificada” (Dalfovo, Lana, & Silveira, 2008 *apud* Pêgo, 2015, p. 61).

Já a pesquisa qualitativa, a melhor indicada para este tipo de estudo de caso, trata-se de um processo que tem maior nível de envolvimento com os objetos de estudo, com o intuito de respondermos as questões de partida e pressupostos implicados nesta dissertação, já que é pretendido trabalhar com as respostas das entrevistas e não com números (Neves, 1996).

No caso desta tese, temos o intuito de realizar uma atualização de um assunto em concreto, deixando a cargo do investigador analisar os resultados após um contato direto e interativo com o objeto de estudo, na qual “o pesquisador procure entender os fenómenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí, situe sua interpretação dos fenómenos estudados” (Neves, 1996, p. 1).

Contudo, o método qualitativo não é totalmente vantajoso, uma vez que ele reflete uma análise de dados solitária e cansativa, no que diz respeito à grande quantidade de informação agrupada pelo investigador (Neves, 1996). Com esta tese em mente, acreditamos que a entrevista possa ser uma forma de obter dados que abrangem não só a experiência das amostras de estudo, mas também seus sentimentos, motivações e opiniões (Pereira, 2013).

Nesta pesquisa, temos como objetivo estudar como as mulheres se integram e se comportam num ambiente que sempre foi e ainda continua a ser maioritariamente masculino. Mesmo havendo um avanço progressivo, a área de jornalismo desportivo ainda tem sua minoria composta por mulheres. Para tentarmos entender onde nos encontramos nesses avanços, é necessário falarmos com estas profissionais para compreender sua jornada num universo ao qual mal tinham acesso.

Com o intuito de manter a entrevista simples e informal, as questões foram pensadas para uma maior compreensão e de não influenciar as respostas das entrevistadas neste processo.

III.6 A escolha do *Corpus*

Para esta dissertação, a escolha do *corpus* foi caracterizada por um veículo de comunicação e área do jornalismo específico, ou seja, todas as jornalistas entrevistadas trabalhavam para uma emissora de televisão, diretamente com a secção desportiva nos *media* que representavam. A relação com as entrevistadas era inexistente antes deste estudo, sendo uma forma de evitar qualquer tipo de influencia nos resultados. As entrevistas ocorreram dos dias 20 de julho a 28 de agosto, via plataforma de reuniões *Zoom*, havendo o contato com quatro brasileiras e três portuguesas.

Sete jornalistas aceitaram participar desta dissertação e ajudar com as suas experiências nesta área da profissão:

Carolina Couto, de 26 anos, é jornalista, correspondente e narradora do Canal 11, trabalhando na profissão desde 2018. Desde a licenciatura, realizada na Universidade Nova de Lisboa, Couto sempre teve interesse nas áreas do desporto e de economia quando se tratava do jornalismo. Ao mandar candidaturas para conseguir um trabalho, foi sucedida e conseguiu uma vaga no *Jornal Record Desportivo*, que na

altura precisavam de alguém para trabalhar com televisão. Couto conseguiu a marca de ser a primeira mulher a narrar um jogo de futebol masculino em Portugal.

No mercado do jornalismo desportivo há mais de 10 anos, Joana Miranda é apresentadora, coordenadora de redação e produção d'*A Bola TV*. Licenciada em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira, Miranda se apaixonou pelo desporto, mais especificamente o futebol, desde os seus 7 anos. Sabia desde cedo que era com desporto que queria trabalhar, só precisava descobrir uma forma de fazê-lo. Por isso, acredita que “foi mais o jornalismo que escolheu a mim do que eu propriamente ter escolhido o jornalismo, porque eu queria trabalhar com desporto, não sabia bem o que fazer... eu sabia que gostava de escrever, então acabei por associar dois mais dois”.

Marta Grácio não foi a procura do jornalismo, mas o jornalismo desportivo a encontrou. Apaixonada por audiovisual desde criança, Marta sabia que gostaria de trabalhar com câmeras e edição de peças. Foi no atelier de jornalismo televisivo na Universidade da Beira Interior, em Covilhã, o local onde ela encontrou o que faria até hoje. Há 17 anos trabalhando com televisão, a jornalista é apresentadora e coordenadora de conteúdo e programação da *Benfica TV*.

Cristiane Dias, ou Cris Dias para sua audiência, é apresentadora e repórter há mais de 20 anos. Começou sua carreira substituindo um outro jornalista na área desportiva, e de lá nunca mais saiu. Mais conhecida pela sua passagem na *Rede Globo*, no *Esporte Espetacular*, Dias migrou para a *Rede Bandeirantes*, na qual continua sua carreira de apresentadora numa das emissoras mais relevantes do Brasil.

Rayssa Moura começou por trabalhar num pequeno *blog* voltado apenas para jornalistas mulheres terem um espaço para falar de futebol, o “*Bendito Seja o Futebol!*”, e a partir dali, nunca mais saiu desta área. Licenciou-se em Jornalismo pela Universidade Federal Fluminense, no Rio de Janeiro, e conseguiu um estágio na *Rede Globo* logo em seguida. Com 24 anos, Moura já passou pela gestão das redes sociais da emissora, e hoje encontra-se como analista de conteúdos dos programas desportivos,

como o *Esporte Espetacular*, *Globo Esporte* e o *Segue o Jogo!*, e com o planejamento dos eventos desportivos.

Tendo o marco de ser a primeira jornalista no Brasil a falar de futebol numa rádio, Carla Matera tem 48 anos e mais de 20 em experiência profissional. Por mais que não tivesse uma paixão pelo jornalismo desportivo, Matera não desiste de um bom desafio que lhe é lançado e, assim, substituiu um colega numa partida e nunca mais saiu dos campos. Hoje, a jornalista trabalha como apresentadora e repórter na *FLU TV*, veículo de comunicação que trata apenas sobre notícias do time carioca Fluminense.

Uma das criadoras da campanha #DeixaElaTrabalhar, realizada em 2018 no Brasil, Bruna Dealtry ficou conhecida no país por uma das piores situações que uma mulher e profissional pode enfrentar. Sendo ex-atleta e sempre tendo o sonho de participar de uma Olimpíada, a jornalista hoje pode realizar seu objetivo de uma outra forma, fazendo parte da emissora *Record* e sendo repórter e apresentadora especializada em modalidades olímpicas.

Capítulo IV: Análise e discussão dos dados recolhidos

IV.1 O percurso para o Jornalismo Desportivo

Dando continuação à dissertação após as entrevistas, chegou o momento de discutirmos os dados apresentados pelas jornalistas. Todas as entrevistadas possuem no mínimo uma licenciatura, com alguns casos possuindo pós-graduação ou mestrado. As graduações alteraram entre Jornalismo e Comunicação, Ciências da Comunicação e Marketing e Propaganda.

A maioria das entrevistadas começou seu percurso durante a universidade, tendo seus primeiros contatos através de estágios dentro da área. A partir deste ponto, quando falamos da jornada profissional, as jornalistas têm entre 4 e 25 anos de experiência, dando-nos a oportunidade de enxergar uma janela geracional e observar as mudanças que podem ter vindo a ocorrer quando falamos de representatividade feminina no jornalismo desportivo.

Para que esta pesquisa tivesse coerência, precisávamos entrevistar jornalistas que trabalhassem especificamente num veículo televisivo, mais precisamente na secção desportiva. Por isso, as entrevistadas ou trabalham na frente das câmeras – como pivô, repórteres ou apresentadoras, ou trabalham no *backstage* – na produção, redação, análise de conteúdos e eventos desportivos.

As emissoras portuguesas escolhidas para realizar esta pesquisa foram *A Bola TV*, *Benfica TV* e o *Canal 11*. Já as emissoras brasileiras, foram selecionadas a *Rede Globo*, *Rede Bandeirantes*, *Record* e, para englobarmos novas formas de veículos de comunicação desportivo, a *FLU TV*.

IV.2 Inserção e adaptação nas redações desportivas

Como já referido acima, era necessário que todas as entrevistadas fossem, de fato, jornalistas, independente do veículo que representam. Carolina Couto faz parte da equipe de jornalistas do *Canal 11*, afirmando que faz “de tudo um pouco” dentro da redação, passando por apresentadora, narradora e repórter. “Tudo que há para se fazer dentro da redação de desporto na televisão, eu faço.”, afirma.

Joana Miranda e Marta Grácio são as duas entrevistadas que ocupam um cargo de chefia dentro das suas respetivas emissoras. Joana é coordenadora de produção, redação e responsável pelo alinhamento dos telejornais d’*A Bola* e ela afirma que não é algo tão comum assim no país, mas que devia ser transformado em realidade.

“Em Portugal, ver mulheres na chefia... não há muitas. Há uma que foi a primeira jornalista de desporto conhecida em Portugal, que é a Cecília Carmo, ela esteve em desporto por muito tempo e, se não estou em erro, ela chegou a um cargo de chefia na *RTP*. Agora, chefia mesmo de desporto... se houver meia dúzia é muito”

Marta Grácio, jornalista e coordenadora de conteúdos da *Benfica TV* há mais de 13 anos, diz que o jornalismo escolheu a ela e conseguiu misturar sua paixão por audiovisual e desporto numa profissão só. Anteriormente na *TVI*, Grácio admite que não encontrou problemas na adaptação nas emissoras, tendo a oportunidade de fazer “mais de 80 peças num estágio de 6 meses”, no qual “já havia algumas mulheres, poucas, mas havia”.

Do outro lado do Atlântico, Bruna Dealtry teve de tomar a decisão de sua vida ao chegar na faculdade: seguir seu sonho de ser atleta profissional de vôlei de praia ou mudar de carreira para o Jornalismo. Passando anteriormente pelo *Esporte Interativo*, Dealtry hoje compõe a equipe da *Record* e conta que, além de repórter, “gosta de participar de todas as etapas” do processo de uma peça.

Já Rayssa Moura, jornalista representante da *Rede Globo*, explica suas funções dentro da emissora:

“Hoje em dia, eu trabalho com o planejamento dos eventos esportivos e com a análise dos conteúdos do portfólio esportivo da *Globo*. É um trabalho relacionado à área de eventos e também relacionado a todos os programas da grade esportiva da emissora: *Esporte Espetacular*, *Globo Esporte* e hoje em dia, também, o *Segue o Jogo!*”

Cris Dias, que entrou para a *Rede Globo* em 2006 e agora encontra-se na *Rede Bandeirantes*, é apresentadora e repórter, e relembra que o desporto sempre fez parte de sua vida, além de considerar sua entrada na televisão algo “orgânico”.

“Porque, em TV ao vivo, é tudo meio matemática. Às vezes, a gente perde tempo, ganha tempo... mas, hoje em dia, sou apresentadora, faço os programas ao vivo no estúdio e como eu gosto muito de ir pra rua fazer reportagem, eu faço isso em paralelo também”.

Carla Matera, já há mais de 20 anos na área, foi a primeira mulher a falar sobre futebol em rádio, onde foi seu primeiro contato com o jornalismo desportivo. Hoje, Matera integra o time de jornalistas da *FLU TV*, especializada em desportos dos quais o Fluminense faz parte.

Ao observarmos os dados recolhidos das entrevistas, é possível afirmar que o futebol, considerado o esporte mais importante nos dois países, é a modalidade mais relevante e rentável dos veículos de comunicação em geral. Por causa disso, as entrevistadas afirmam ter mais trabalho relacionado a este jogo do que o desporto em concreto.

Com esta tese em mente, podemos entender que as jornalistas desta dissertação realizavam funções entre conteúdos em direto, trabalho na redação, produção, organização de eventos desportivos, análise de conteúdo desportivo, programação desportiva das emissoras, em diversas modalidades, mas com um foco

voltado para o futebol pelo contexto de cada país. Ou seja, todas as entrevistadas tiveram um grande contato com o jornalismo desportivo durante o seu percurso profissional e as suas respectivas emissoras.

Além desses quesitos, também nos interessa para o tema desta dissertação saber como foi a adaptação destas mulheres dentro de ambientes maioritariamente masculinos. Cris Dias, com mais de 20 anos de carreira, conta que sempre teve que “provar muito mais vezes que eu não era só bonitinha”, porque o seu valor se resumia a sua imagem.

“O meu chefe não precisava nem falar, era claro. Eu te pago menos, você aparece bonitinha para a minha audiência, que é majoritariamente homens e agrada todo mundo. Então, durante muito tempo isso foi... na verdade, até hoje eu acredito que isso não mudou. Se você reparar os apresentadores homens, você vê que eles não se encaixam em padrão nenhum, podem ser carecas, barrigudos, que ninguém vai dizer nada. As meninas, no geral, precisam ter alguma presença, ser bonita, de preferência, para ingressar nessa carreira”.

Rayssa Moura confessa que entende que passou por uma experiência privilegiada no seu primeiro contato com o jornalismo desportivo, além de ter sentido muita diferença entre as gerações de jornalistas, assim como Dias e Dealtry. Ou seja, as profissionais abordaram que, em sua experiência pessoal, homens mais velhos tendem a ter mais dificuldade em quebrarem seus paradigmas em relação à homens mais novos. Moura conta que:

“O veículo que comecei era um veículo muito jovem. Embora fosse um veículo, em sua maioria, composto por homens, ainda era um veículo muito jovem. Por isso, a chance de homens jovens entenderem que as mulheres também têm seu espaço no jornalismo esportivo era um pouco maior do que com homens mais velhos. Eu só fui encontrar mais dificuldade quando entrei para a *Globo*, quando me deparei com homens mais velhos e com uma cabeça mais fechada. Ali eu pude entender que o problema era muito maior do que eu imaginava, porque tive uma experiência privilegiada no meu primeiro contato com o jornalismo esportivo”.

Dealtry também realça que acredita que tenha tido “sorte” na sua primeira oportunidade. “Então, entrar foi até fácil, porque consegui na primeira tentativa, mas, me tornar uma repórter conhecida foi bem mais complicado. Eu tive vários desafios no início, precisei fazer muita fonoaudióloga, não acreditavam que eu ia conseguir dar conta... o início das entradas ao vivo também foi um momento muito desafiador da minha vida”, conta.

Carla Matera sequer se interessava muito por desporto. Foi seu chefe que, no dia Internacional da Mulher em 1999, a pediu para fazer uma cobertura desportiva no Maracanã sem nenhum entendimento do assunto:

“Eu falei para o meu chefe: ‘Seu Armando, eu não sei nada de futebol. Como que eu vou lá?’ Ele me respondeu com uma frase que eu levo até hoje: ‘Você não já entrevistou bandido? Você é bandida? Já entrevistou médico, sabe alguma coisa de medicina? Já entrevistou políticos, sabe alguma coisa sobre a política deles? Então, vai lá, entrevista jogadores de futebol e não enche meu saco’. E eu fui, nunca tinha ido ao Maracanã sequer, não sabia nada, mas eu fui. Entrevistei as mulheres que inauguraram o banheiro feminino, ganhei rosas, fiz tudo que tinha para fazer... Na segunda, quando voltei para o trabalho – eu era noticiarista e locutora da *Tropical* – o meu chefe me chamou e falou: “a partir de hoje você vai pro esporte”.

Joana Miranda também relembra que não teve, propriamente, uma experiência ruim, por nunca ter se visto fora do desporto. A jornalista argumenta que as questões culturais que envolvem o género ainda estão muito enraizadas em Portugal, e que “só hoje em dia que olhamos para o feminino de uma maneira mais séria, comparado a uns anos atrás”. Ou seja, a profissional defende que ainda é muito normalizado este tipo de comportamento nos portugueses. Quem também não passou por muitos obstáculos foi Marta Grácio. A jornalista acredita que “se tu provares o teu valor e se mostrares que sabes e que queres mesmo estar ali para aprender, fizer tudo igual aos homens, acredito que não tenha muita dificuldade”.

Carolina Couto relatou que seu processo de contratação na sua antiga emissora, a *Record*, foi realizado de forma rápida, o que a deixou surpresa:

“Tive a sorte na altura de estarem precisando de uma pessoa para trabalhar com televisão de imediato, porque a *Record* tem um programa à noite, que se chama o *Hora Record*, e estavam a precisar de alguém para esta equipa. Eu fui a primeira entrevista, eles gostaram do meu perfil e, entretanto, fui fazendo testes de televisão. Eu, que nunca tinha feito nada parecido! Eles acabaram por gostar de mim e acabei por ser contratada. Por isso, comecei a trabalhar no início de Janeiro e no final de Fevereiro já estava a apresentar”.

No geral, as entrevistadas não foram mal recebidas nas respectivas redações, mas todas chegaram com um receio de errar ou serem mal vistas por serem mulheres, ou como o “sexo frágil”. Isso pode ser compreendido de forma clara, no momento em que mulheres são duvidadas o tempo todo por “não saberem do que estão falando”, de acordo com Rayssa Moura, ou por não serem escolhidas para eventos desportivos que possam envolver algum tipo de confusão e violência, como explica Joana Miranda.

IV.3 Igualdade de Género na Informação Desportiva em Portugal e no Brasil

Partindo do princípio que, durante o percurso da história, os homens dominavam as redações desportivas, esta dissertação tem como objetivo fazer uma atualização deste panorama, tentando entender os relatos dados pelas nossas entrevistadas nas suas respectivas emissoras e como estas se comportam hoje em dia.

A maioria das jornalistas entrevistadas sente que passos importantes foram dados nos últimos anos quando se fala de igualdade de género na informação desportiva. Joana Miranda, ao longo da sua carreira, diz que consegue ver a diferença dentro das redações desde quando foi estagiária.

“Para te dar um exemplo, acabamos de fazer um processo de recrutamento aqui n’A *Bola TV* e as duas pessoas contratadas foram mulheres. Lá está, não queremos saber se são homens ou mulheres, quem foi bem nas entrevistas conseguiu a vaga. Elas, inclusive, foram muito melhores do que vários rapazes que aqui já estiveram. Agora, sinto que quando eu entrei na emissora, eram muito mais homens... hoje em dia continua a ser assim, atenção, não vamos dizer que chegou em um ponto de equilíbrio, porque isso não existe ainda. Mas, já vem acontecendo algo mais... aceitável”

Marta Grácio acredita que as coisas já andam mais equilibradas, pelo menos na *Benfica TV*. A jornalista relata que, em quantidade de trabalhadores, as mulheres estão bem representadas. Contudo, não exclui o fato de que ainda pode haver entraves para a entrada das mulheres nesta área. “Se pode haver entraves ao início, sim, com certeza. Mas, se tu provares o teu valor e se mostrares que sabes e que queres mesmo estar ali para aprender, fizer tudo igual aos homens, acredito que não tenha muita dificuldade”, comenta.

De acordo com Carolina Couto, a jornalista acredita que Portugal já avançou em algumas etapas, mas ainda estão longe de alcançar uma equidade. Ela explica que:

“Vai além da quantidade de mulheres nas redações, o que acontece é que as poucas mulheres que estão lá, não entram nas grandes decisões. Por exemplo, se existe um grande evento desportivo, ainda não se pensa em ‘vamos enviar a jornalista tal’. Acho que ainda se olha muito para as mulheres no jornalismo desportivo associado à beleza. E isso é um facto, o público alvo do jornalismo desportivo é maioritariamente masculino, contra isso nada a discutir. Mas ainda se olha muito para esse lado, o lado do ‘é bonita, então faz-se um bom boneco na televisão’. Por isso que eu acho que temos muito a evoluir”.

Cristiane Dias, uma das jornalistas com mais anos de carreira dentro das entrevistadas, compartilhou uma das histórias mais preocupantes em relação ao preconceito dos colegas de trabalho, relevando a frustração por esta situação estar a acontecer em pleno 2021. Ela conta que, muitas vezes em direto, seu colega e coapresentador a coloca em situações chamadas de “saia-justa”:

“Eu vivenciei isso há pouco tempo, já com mais de 20 anos de carreira (...) Teve uma vez que eu estava com o mesmo uniforme já há vários dias e já não estava arrumado, eu não queria apresentar em pé justamente por isso. Chegou um atleta no estúdio para explicar sobre canoagem, a diferença das pás, essas coisas, e eu já sabia que não queria levantar por conta da minha roupa. O que aconteceu? No ar, claro, ele já falou “Levanta aí, Cris!”. E aí, obviamente, para não ficar chato para o convidado, para não virar um desprestígio ao atleta, eu me levantei para fazer a demonstração. Ok, seguimos em frente e, durante uma das demonstrações, eu estava pedindo auxílio ao atleta em como se fazia o movimento certo, e o meu colega vira e fala “é como se você estivesse varrendo, Cris”. Em rede nacional! Foi tudo errado, desprestigiou o esporte do convidado, ainda foi machista, além de ter sido extremamente deselegante, porque eu claramente tinha pedido para não fazer as demonstrações. Então, a gente entra na onda do *mansplanning*, do *maninterrupting*, ninguém liga pro que você pensa. Ele não ouve nem vai ouvir... Ou até ouve, mas continua fazendo do jeito que quer. E o principal de tudo: ele não me deixava falar. Teve vários comentários no Twitter, inclusive, de homens mais jovens reclamando disso. Isso foi agora, tá? Só para você ter uma ideia.

Carla Matera acredita, assim como Marta Grácio, que a situação está muito equilibrada comparada há 20 anos. Porém, ela relembra que “já aconteceram coisas absurdas, que se acontecessem hoje poderiam virar manchete, processo” e que, por ter sido pioneira em sua área, recebeu muitas críticas e que se sentia como um “ponto turístico”, uma vez que as pessoas se questionavam o que uma mulher fazia em campo.

“Por exemplo, eu sempre conseguia exclusivas com os jogadores, isso acontecia várias vezes. Eu sempre gostei de puxar pelo lado humano, sempre defendi a teoria de que se você mostrar que aquele homem não é uma máquina, que aquele atleta tem família, tem limitações, tem os fantasmas dele, na hora que as pessoas fossem fazer um comentário maldoso dele, iam lembrar que ele é ser humano. Então, eu sempre tentei fazer matérias especiais. Invariavelmente, uma coisa impressionante, me dá até nojo de lembrar, eu acabava a matéria e meus colegas diziam: ‘lá vem a Carla com as matérias de menina dela’, o que hoje é supervalorizado, né? A matéria mais humana era matéria de menina (...) Ou seja, nunca foi por mérito meu, é porque eu sou mulher”.

Contudo, as brasileiras entrevistadas pareciam estar mais esperançosas do que as portuguesas, tendo a grande maioria das brasileiras concordando com o – pequeno, porém – progresso feito nos últimos anos. Rayssa Moura relembra que:

“Eu acho que a gente já caminhou muito, muito mesmo. Eu lembro que em 2017, quando eu era estagiária do *Esporte Interativo*, teve uma super campanha para as mulheres, chamada *#DeixaElaTrabalhar*, uma campanha que aconteceu aqui no Brasil e foi muito forte entre as jornalistas que trabalham com conteúdo esportivo (...) Mesmo antes de eu trabalhar com jornalismo esportivo, eu já tinha uma vivência do futebol, dos estádios, eu sempre via que existia uma resistência dos homens com as mulheres. Eu sempre via essa resistência até de amigos, que não estavam acostumados a ver uma mulher falando e gostando de futebol. Hoje em dia, eu vejo que crescemos muito aqui no Brasil desde essa experiência”

Inclusive, o grande estopim para a campanha *#DeixaElaTrabalhar*, mencionado por Rayssa Moura, foi quando Bruna Dealtry foi assediada, em direto, numa transmissão de um jogo de futebol do time Vasco da Gama. No ar, Dealtry foi beijada a força por um dos torcedores que passava pela jornalista e, se sentindo impotente

perante a situação, foi às redes sociais para desabafar sua raiva e teve um acolhimento tão grande que se transformou num movimento.

“Dali, a gente aprendeu a não colocar as coisas para debaixo do tapete e se fazer de vítima. A gente queria se fazer de forte, de alguém que aguenta tudo e não se abala por nada, e por causa disso a gente acabou por deixar passar muitas situações como essa. A gente entendeu que precisávamos mostrar pros homens, para os nossos colegas de trabalho, para os jogadores, pros assessores de imprensa o quanto aquilo incomodava e o quanto nós não aguentávamos mais passar por aquilo. Foi um divisor de águas muito importante, que foi a nossa geração que iniciou e que eu acho que vamos deixar as portas ainda mais abertas para as jornalistas que ainda estão por vir”.

Pode-se concluir, então, de acordo com as entrevistadas, que houve um avanço significativo no espaço dado às mulheres no jornalismo desportivo nos dois países, mesmo que os homens ainda continuem sendo a maioria nas redações do nosso *corpus*. Entretanto, com cada vez mais mulheres formadas em Jornalismo nas universidades, interessadas em desporto e, a princípio, com menos entraves para adentrar à área, precisávamos entender porque, até hoje, as mulheres ainda são minoria dentro das emissoras.

Carolina Couto e Rayssa Moura compartilharam a mesma visão sobre este tema. Ao serem questionadas sobre ainda serem minoria, lembraram que o desporto não é incentivado para o público feminino, o que faz com que as mulheres se sintam indiferentes ao assunto e, conseqüentemente, não representadas.

As duas relataram, também, que durante a graduação, “havia quase 100 pessoas, apenas duas ou três colegas minhas gostavam de futebol” e que “sentia que as outras meninas tinham uma repulsa pelo jornalismo esportivo do que uma indiferença. Porque elas não se viam ali, não gostavam do esporte, não queriam falar de alguma coisa que claramente não eram bem-vinda”. Moura completa que “a bolha do jornalismo esportivo é muito maior do que vivemos no mundo profissional, vêm desde casa, desde a sociedade não aceitando mulheres dentro dos estádios, ou que pratiquem esportes... é muito maior do que só a redação”.

Cristiane Dias também destaca que o problema não está “dividido em nichos”, e sim em toda a sociedade. “Eu acho que acontece muito dentro do esporte porque é um reflexo da nossa sociedade, nós ainda somos muito machistas, além de ser uma sociedade patriarcal, ainda temos que quebrar isso pela raiz. As mulheres não podiam jogar bola até 1980, por lei mesmo. Hoje em dia, eu tenho no meu programa semanal só uma comentarista mulher, porque eu tenho um chefe - que é homem - mas não é *esquerdomacho*⁷, ele é, de fato, um homem desconstruído. Se não fosse por ele, eu não teria espaço. Você entende como ainda estamos muito presas na estrutura?”, afirma.

Joana Miranda considera que seja, ainda, uma mistura de “uma questão cultural” com um incentivo familiar, ou a falta dele:

“No primeiro jogo de futebol que eu fui, tinha 7 anos, ou seja, eu cresci com o desporto. E eu acho que na maneira como nós crescemos, tanto meninas quanto rapazes, existe uma distinção na forma como os educamos. Porque, mais tarde, isso modifica as nossas escolhas”.

Carolina Couto também traz outro ponto relevante para termos cada vez mais mulheres, não só desinteressadas em desporto em si, mas que desistem de seguir carreira na área:

“Há órgãos de comunicação social que estão a evitar contratar mulheres porque, por exemplo, no momento em que a mulher escolhe que quer seguir com a maternidade, a qual tem direito, elas acabam por desistir da profissão. Isso acontece, talvez, porque a maioria das modalidades são realizadas à noite e no fim de semana. Isso faz com que as mulheres não vejam os filhos. Portanto, nós, às vezes, desistimos da nossa carreira para passar mais tempo em casa”

⁷ A palavra *esquerdomacho* é uma construção informal no Brasil das palavras *esquerda* e *macho*, usada para referenciar homens que utilizam das bandeiras e conquistas feministas para benefício próprio. Ou seja, é um homem que finge ser progressista, sensível, conhecedor das causas feministas, mas que, na realidade, quer usufruir das mulheres.

Bruna Dealtry realça que ainda faz pouco tempo que as mulheres conseguiram conquistar o pequeno espaço que tem. “É uma mudança radical em pouco tempo, então é natural, infelizmente, que seja um processo da gente mostrar que esse é o nosso lugar”, comenta. Carla Matera considera que a mentalidade sobre a mulher no jornalismo desportivo ainda é relacionada como um *“bibelot”*, se referindo ao início das mulheres nos programas desportivos, as quais “não tinham voz nem opinião, elas tinham as coxas bem definidas, um rosto bonito e um corpo padrão, era mais uma atração para quem consumia o esporte”.

Em suma, todas as entrevistadas acreditam que ainda estão em minoria nas redações por questões que tocam à sociedade como um todo, como a falta de incentivo na prática, discussão e audiência do desporto para crianças e jovens mulheres, fazendo com que estas cresçam e não tenham uma ligação mínima com o assunto a ponto de escolherem o jornalismo desportivo como carreira.

Além disso, com os dados recolhidos das entrevistas, as jornalistas que participaram desta tese tiveram a mesma percepção sobre este tópico, concordando que a participação da mulher nas emissoras continua em menor número por questões externas às empresas em si, como já referido acima, e não por algum tipo de obstáculo imposto para as mulheres em específico. Fica evidente, ao mesmo tempo, que para estas profissionais, o gosto pela área é essencial para ter sucesso no jornalismo desportivo.

Outro tópico importante desta entrevista era descobrir se as mulheres, não só estavam em desvantagem como profissionais no jornalismo desportivo, como também não eram sequer o público-alvo das peças desportivas realizadas nas emissoras das entrevistadas. Marta Grácio e Carla Matera foram as únicas entrevistadas que acreditam que, dentro das suas respectivas emissoras, as notícias e programas não são pensados exclusivamente para um público masculino. “Eu acredito que nós somos o canal que mais passa modalidades femininas, inclusive”, afirma Grácio.

Rayssa Moura aborda que, antes de tudo, o jornalismo não deixa de ser um negócio, ou seja, a mentalidade das redações ainda é voltada para o que pode gerar mais lucro. As mulheres, segundo a jornalista, não estão incluídas nesta conta:

“Quando a gente fala de televisão, as pessoas precisam vender o *break* e, quando falamos de *online*, elas precisam vender publicidade. E para quem elas estão vendendo? Por enquanto, o público majoritário dos programas esportivos na *Globo* ainda são homens, e eu tenho um lugar de fala para dizer esta informação justamente por eu ser analista de conteúdos esportivos. E eu digo no modo macro, não só a manchete, mas o programa que está sendo feito pensando num público masculino, porque sabe-se que ele ainda é assistido por homens. Então, ainda tem muito interesse comercial pela situação. Quando a chave virar de que as mulheres também assistem, aí talvez mude um pouco”

A questão da imagem nas peças desportivas é um ponto relevante para a Joana Miranda, argumentando que as emissoras ainda “tem muito a mentalidade do ‘mete aí umas miúdas giras na imagem’”, já tendo ouvido de cargos de chefia a justificativa de que tanto homens quanto mulheres “gostam de ver coisas bonitas”, independente do género. “Ah, mas as mulheres também gostam de ver miúdas giras’, ok, é um facto. Mas sim, eles querem nos fazer pensar que é para um público geral, mas nós sabemos bem quem é o público, não é...”, continua.

Para Carolina Couto, a razão pela qual o público-alvo continua a ser perpetuado para o masculino se explica pelo fato de “termos menos mulheres em posição de chefia”. De acordo com a jornalista, essa falta de mulheres em posições de poder é refletida nos conteúdos televisivos que assistimos, uma vez que “as decisões são tomadas única e exclusivamente por homens, quer seja na apresentação dos programas, na maneira de vestir”, entre outras situações. Couto, inclusive, conta que tenta sempre quebrar esta barreira e “chamar a atenção” dos colegas para o que pode ser mudado. Porém, nem sempre é tão bem recebida com suas ideias:

“Imagina, eu sou uma mera jornalista no *Canal 11*, não tenho qualquer tipo de influência na cadeia hierárquica. Mas, nesse aspeto em si, as opiniões acabam por sair em saco roto, porque ou não dá jeito de falar sobre isso agora, ou porque ‘lá estás tu com as tuas coisas de gaja’. Por exemplo, para mim um assunto que era mais do que notícia foi, nas Olimpíadas de Tóquio, ter tido pela primeira vez uma mulher transgénero a jogar futebol. Isso para mim era notícia instantânea, mas não se falou disso aqui, apesar de eu ter dado essa dica. Ok, não era portuguesa, era do Canadá, mas não deixa de ser notícia. Portanto, isso ainda está a ser construído aos pouquinhos”.

IV.4 O balanço e o legado das Olimpíadas de Tóquio

O último ponto desta entrevista era, justamente, sobre as Olimpíadas de Tóquio, realizadas em agosto de 2021. Era relevante para esta tese, além de dar um toque de atualidade sobre o assunto, saber qual foi o balanço das jornalistas sobre o espaço que tiveram para trabalhar com os Jogos. Todas as entrevistadas consideraram ter um balanço positivo deste evento, sendo considerado o mais igualitário de todas as edições, mesmo com todas as ressalvas em relação a participação das mulheres.

Joana Miranda lamentou que, como já havia previsto, os correspondentes enviados para Tóquio foram dois homens, afirmando ainda que “na *RTP*, na *SIC*... eram todos homens. E aí que notas logo a diferença, e a *Bola* não foge disso”. Ela ainda acrescentou que, em Portugal, não há praticamente nenhuma mulher a comentar desporto: “Não há. Aliás, a única mulher conhecida em Portugal porque comenta é a Helena Costa, e isso porque ela não é jornalista, é treinadora de futebol. Mas, se a percentagem de homens é sempre maior, faz sentido que essas questões não avancem, não é? Porque o trabalho cai sempre para cima deles... é triste”.

Bruna Dealtry, que é ex-atleta de um esporte olímpico, diz estar “muito orgulhosa” da quantidade de mulheres repórteres que foram enviadas para Tóquio, mas que ainda estamos caminhando para alcançar a igualdade.

“Eu acho que cresceu muito, assim como a igualdade entre os atletas também foi maior, acho que a igualdade no jornalismo também foi. Tem, ainda, a questão do narrador, que definitivamente é uma barreira a ser quebrada, assim como foi das repórteres no passado. Acho que estamos indo um passo de cada vez, as narradoras estão começando a chegar agora, já temos uma ou outra, mas ainda precisamos chegar lá”.

Rayssa Moura também se sentiu com “um pouco mais de esperança” após os Jogos, sendo o único caso destas entrevistas que respondia a não só uma, como duas mulheres em cargo de chefia durante as Olimpíadas. A jornalista afirma que por detrás das câmeras tinham diversas mulheres envolvidas na *TV Globo*, mas, assim como Dealtry, também realçou a falta das narrações femininas.

“Sim, ainda não tivemos, por exemplo, nenhuma mulher narradora nessas Olimpíadas. Tivemos um foco em comentaristas, mas voltado para ex-atletas, e não jornalistas de fato. Infelizmente, a maioria dos comentaristas e narradores eram compostos por homens, então não vimos muito desse reflexo na frente das câmeras. Porém, mesmo assim, eu achei que foi uma Olimpíada feita e liderada por mulheres, a *Globo* tinha muito essa missão. A Olimpíada de Tóquio por si só foi um evento sobre igualdade de gênero, as últimas finais foram sempre femininas... então, a premissa da Olimpíada foi ter equidade entre os gêneros, desde o início”.

Marta Grácio e Cristiane Dias comentaram sobre o quanto esta Olimpíada deu a oportunidade de temas, que nunca são abordados, serem discutidos, como foi o caso da ginasta Simone Biles, que desistiu da final de vários equipamentos para priorizar a sua saúde mental.

“Foi a Olimpíada mais equiparada da história em termos de gênero. Em 2024, em Paris, vai ser totalmente equiparado... eles estão planejando colocar mais modalidades para ter total equidade entre homens e mulheres. Essas Olimpíadas de Tóquio foram mesmo especiais, rolaram várias alterações e conseguimos esse marco pela primeira vez. (...) Por isso, eu acho que o balanço foi positivo. A gente tem falado muito sobre isso, porque a Olimpíada, em números, mostrou que está mais de igual para igual, e isso inclui a cobertura jornalística também. Inclusive, a grande heroína desses Jogos foi uma mulher, a Simone Biles, por mais que não tenha trazido a medalha de ouro, ela trouxe uma luz para outro assunto importantíssimo, que foi a saúde mental”.

Este tópico foi onde encontramos a maior disparidade entre os dois países. Mesmo sendo Brasil e Portugal países muito conectados e dedicados ao futebol, as Olimpíadas são o momento de outras modalidades tomarem os holofotes das manchetes e dos noticiários desportivos. Por causa disso, houve uma diferenciação nas respostas dadas pelas entrevistadas de cada país, uma vez que o Brasil, por ser muito maior em quantidade de habitantes, tem a possibilidade de se dedicar a mais

modalidades durante os 4 anos de preparação para as Olimpíadas. Portugal, por outro lado, levou apenas 19 atletas em sua Comissão, com pouca representação e destaque no que participou, enquanto o Brasil contou uma delegação com mais de 300 atletas.

Carolina Couto, inclusive, comenta que este ponto é um dos seus objetivos e algo que luta para que mude em Portugal. “Aqui, há o interesse, mas é um interesse mais voltado para o ‘olha que giro, deixa-me ver’ e não mais para um ‘eu gosto muito desta modalidade ou deste atleta x’, não é tanto por aí. Infelizmente, isto também é algo que eu luto, somos um país de futebol e ponto. Apenas o futsal e o handball é que, ultimamente, tem ganhado algum espaço. Mas, de resto, é como se nada existisse”, lamenta.

Em consequência, é evidente que as jornalistas brasileiras, em comparação às portuguesas, tenham tido, não só respostas com maior embasamento, como uma visão mais positiva e otimista sobre as Olimpíadas de Tóquio. Isso pode ser explicado pelo fato de o Brasil ter uma cobertura desportiva de alta relevância quando se trata deste evento, enquanto Portugal ainda não investe na cultura dos Jogos Olímpicos.

Conclusão

Quando chegou a altura de escolher um tema para esta dissertação, havia diversos assuntos que poderiam ser discutidos, mas apenas um que realmente me motivou a trabalhar: a falta de representatividade feminina nos veículos televisivos desportivos em Portugal e no Brasil, área do jornalismo na qual eu tenho o sonho de seguir.

Diferente de alguns anos atrás, em que diversas pesquisadoras apontavam para o fato de não terem encontrado muitos estudos sobre o assunto, foi possível encontrar mais material para fazer a revisão de literatura e embasamento teórico deste tema, algo que faz desta investigadora um pouco mais esperançosa.

É claro que, sendo o assunto que é, ainda o considero pouco falado e difundido para o ano e sociedade em que vivemos. Principalmente porque, há pouco tempo, “era uma imprensa de homens, escrita por homens, feita para homens, e em que eles eram os únicos intervenientes e a única origem dos temas” (Pinheiro, 2009). Porém, sendo pequenos ou grandes passos, é importante andarmos para frente. Acredito que estamos no caminho.

Esta dissertação teve como objetivo analisar as condições laborais e a percepção das jornalistas desportivas nas redações televisivas, tanto do Brasil quanto em Portugal, além de mostrar dados sobre a cultura do desporto e jornalismo em ambos os países.

É possível afirmarmos que os *media* desportivos, em geral, estão condicionados a divulgar informação futebolística, uma vez que o futebol é a principal modalidade para os brasileiros e portugueses. Entretanto, após o estudo realizado, podemos entender que o Brasil tem a tendência a incentivar outros desportos além do futebol, enquanto Portugal ainda mantém seu foco apenas neste jogo.

O cenário atual deu continuação aos estereótipos mencionados e, no que se refere ao objetivo dessa dissertação, podemos afirmar que a inserção da mulher no jornalismo desportivo nos dois países foi muito próxima, acompanhando as primeiras revoluções feministas no final do século XX, principalmente depois da tentativa de “aniquilamento simbólico” das mulheres promovido pelos *media* (Tuchman, 1987).

Mesmo que possamos concordar que a “feminização” da profissão de jornalista, especialmente no jornalismo desportivo, seja uma afirmação clara na atualidade, ainda não é possível afirmarmos que essas profissionais possuem representatividade. Ou seja, as mulheres estão, sim, ocupando cada vez mais espaço nas emissoras desportivas, mas isso não significa que as mesmas têm liberdade para trabalhar e expressar suas opiniões sobre o desporto.

Além disso, mesmo as mulheres sendo a maioria dos licenciados nos cursos de Jornalismo, quando olhamos para os dados atualizados de uma pesquisa feita pela Universidade de Coimbra, Universidade de Lisboa e a Universidade do Minho, com a colaboração da Comissão de Carteira Profissional de Jornalistas, realizada em 25 de maio e 8 de junho de 2020, a conta não fecha: “dos 6.678 jornalistas, 63,31% são homens e 36,67% são mulheres” (Camponez, et al., 2020).

Por causa disso, foi necessário entender qual é o papel e quais são as condições laborais em que as jornalistas portuguesas e brasileiras têm no âmbito do jornalismo desportivo. Considerando sempre os dois países em comparação neste estudo, algumas hipóteses foram apontadas nesta tese: o jornalismo desportivo, nos dias atuais, continua a ser um território masculinizado; há uma maior facilidade de um homem conseguir uma vaga numa redação desportiva do que uma mulher; essas que conseguem chegar às redações, afirmam que conseguem se adaptar e se integrar com os pares, além de entender que há cada vez mais mulheres interessadas no desporto; e as jornalistas ainda não possuem voz nem representação dentro do exercício de suas funções.

Todas as entrevistadas acreditam que a área do desporto no jornalismo ainda é um território masculino, estando os homens ainda em maior número nas emissoras estudadas. Contudo, os testemunhos das jornalistas são de que o número de mulheres nas redações aumentou consideravelmente nos últimos anos, principalmente no Brasil. Além disso, o número de mulheres em cargo de chefia também teve um crescimento, sendo inclusive responsáveis por grandes eventos desportivos, como as Olimpíadas de Tóquio. Rayssa Moura relatou que:

“A diretora de eventos da *Globo*, a que lidera os eventos desportivos, é uma mulher. Então, a *Globo* estava sendo liderada por uma diretora mulher e, também, por uma gerente mulher. Nos bastidores, tinham muitas mulheres, e isso eu acredito que tenha sido um ganho para a emissora”.

As jornalistas também comentam que o ambiente das redações não é tão hostil quanto costumava a ser, mas sentem que agora é um pouco mais “velado”. Ou seja, trabalham bem com seus colegas, lhes são delegadas tarefas de forma igual, entretanto, acabam por sentir uma pressão para não cometerem erros, porque acreditam que, caso cometam, o motivo principal seria “porque era mulher”. Rayssa Moura recorda que, ao sair do seu antigo trabalho no *Esporte Interativo* – que era um local de trabalho mais jovial – e entrar na *TV Globo*, a recepção por homens mais velhos foi um pouco mais arisca.

Outro ponto importante para esta tese é não só a falta de representatividade, mas a forma como as – poucas – jornalistas que estão ocupando este espaço são tratadas dentro das emissoras. Carolina Couto foi a primeira mulher a narrar um jogo de futebol na categoria sub-19 em Portugal, um marco histórico para o país. Ela conta que sentiu os seus diretores e toda a equipe muito cuidadosos com a sua preparação, para que não houvesse margem de erro e para que a jornalista estivesse bem preparada para o seu desafio. Todavia, quando relata a experiência, afirma que com os seus colegas, o tratamento diferente:

“A grande disparidade que eu encontro é, por exemplo, eu comecei a narrar sem nenhum tipo de experiência prévia, e quando vi colegas meus, homens, que nunca tinham narrado também, começaram a narrar sem esse mesmo tipo de preocupação. Ou seja, eu, até hoje, estou a dar passinhos de bebê, enquanto, se calhar, colegas meus homens deram passos normais”.

As jornalistas envolvidas nesta pesquisa relevaram terem sempre sido apaixonadas pelo desporto, admitindo terem tido influência de seus familiares e amigos. Todas chegaram a praticar esportes, mesmo de forma amadora, e nunca tiveram dúvidas de que o gosto pelo desporto as seguiria durante o seu percurso profissional.

Em suma, esta dissertação chega a conclusão de que o espaço para mulheres no jornalismo desportivo aumentou de maneira exponencial nos últimos anos, no qual podemos ver cada vez mais mulheres dentro das redações e na frente das câmeras. Suas funções, hoje em dia, podem variar de emissora para emissora, mas as entrevistadas acreditam que “não tem muito a ver com o conteúdo que ela possa trazer, e sim pelo ‘sexo frágil’”.

Com esta tese em mente, por mais que a “feminização” esteja ocorrendo de forma acelerada nesta área, ainda não estamos tão avançados na representatividade. Ou seja, ainda vemos muitos programas e peças informativas totalmente voltadas para o público masculino, uma vez que eles ainda são a maior parte da audiência desportiva. Além disso, quando abordamos o preconceito contra as mulheres no jornalismo desportivo, muitas das entrevistadas sentem essa discriminação e falta de credibilidade por parte do público, onde a cultura de “mulher não gosta nem entende de desporto” continua a ser nutrida e enraizada na sociedade.

Bibliografia

- Aguiar, A. d. (2015). *Evolução da Imprensa Desportiva Portuguesa (1946-2006). Estudo de caso: O Jornal A Bola e a Volta a Portugal em bicicleta*. Mestrado, Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Alcoba, A. (1979). *El Periodismo Deportivo en la sociedad moderna*. Madrid: Augusto Pila Teleña.
- Alcoba, A. (2005). *Periodismo Deportivo*. Madrid, Espanha: Síntesis.
- Alexandrino, V. A. (2011). *A Mulher no Jornalismo Esportivo: Análise da Participação Feminina no Telejornalismo Brasileiro*. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade Cristo Rei.
- Alvarez, T. (2013). *As primeiras mulheres repórteres: Portugal nos anos 60 e 70*. Lisboa: Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres.
- Alves, B. M., & Pitanguy, J. (1982). *O que é Feminismo* (2ª Edição ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Andújar, C. S. (2013). Orígenes de la prensa diária deportiva: El Mundo Deportivo. *Materiales para La Historia del Deporte*(11), p. 21.
- Antunovic, D. (2018). "We wouldn't say it to their faces": online harassment, women sports journalists, and feminism. *Feminism Media Studies*(19), pp. 1-15.
- Bahia, J. (1990). *Jornal, História e Técnica - História da Imprensa Brasileira*. São Paulo: Ática.
- Beauvoir, S. d. (1970). *O Segundo Sexo: Fatos e Mitos*. Difusão Européia do Livro.
- Bessa, C. (2006). *Mulheres de Atenas*.
- Betti, M. (2002). *Esporte na Mídia ou Esporte da Mídia?*
- Betti, M. (2003). *Educação Física e Mídia: novos olhares, outras práticas*. São Paulo: Hucitec.
- Bezerra, P. R. (2008). *O Futebol Midiático: Uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos*. Tese de Mestrado, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo.
- Borges, F. V. (2017). *Benfica TV: Taking Control of the Communication Process*.
- Borges, F. V. (2019). *Os clubes de futebol e novas formas de produzir a informação desportiva*. Universidade Lusófona.
- Boyle, R. (2006). *Sports Journalism: Context and Issues*. Londres: SAGE.
- Boyle, R. (2006). *Sports Journalism: Context and Issues*. Londres: SAGE.
- Boyle, R., & Hayes, R. (2009). *Power Play: Power Play: Sport, the Media, and Popular Culture*.
- Bravo, D. (2009). *Elas assumiram o comando. As mulheres jornalistas no mundo do telejornalismo esportivo*. Tese de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Viçosa.
- Brin, C., Charron, J., & de Bonville, J. (2004). *Nature et Transformation du Journalisme: Théorie et recherches empiriques*. Québec: Presses de l'Université Laval.
- Bruhns, H. T. (2000). *Futebol, carnaval e capoeira: Entre as gingas do corpo brasileiro*. Campinas, São Paulo: Papirus.
- Camargo, V. R. (2005). *O pensamento de Antonio Alcoba e sua importância na Trajetória dos Estudos e Pesquisas sobre o Jornalismo Esportivo no Brasil. V Encontro de Núcleos de Pesquisa da Intercom*.
- Chambers, D., Steiner, L., & Fleming, C. (2004). *Women and Journalism*. Londres: Psychology Press.

- Coelho, J. N. (2001). *Portugal, A Equipa de Todos Nós - Nacionalismo, Futebol e Media*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento.
- Coelho, J. N. (2004). “Vestir a camisola” – Jornalismo desportivo e a Selecção Nacional de Futebol. *Media & Jornalismo*, 4(4).
- Coelho, J. N., & Pinheiro, F. (2002). *A Paixão do Povo: História do Futebol em Portugal*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento.
- Coelho, P. V. (2004). *Jornalismo Esportivo* (2ª Edição ed.). São Paulo: Contexto.
- Conde, M. R. (2005). *Periodismo Especializado*. Madrid, Espanha: Ediciones Universitarias Internacionales.
- Dalfovo, M. S., Lana, R. A., & Silveira, A. (2008). *Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico*.
- Dantas, D. (2017). *O infotainment enquanto expressão do jornalismo desportivo em Portugal*. Tese de Mestrado, Universidade do Porto.
- Dantas, M. (2015). *Mulheres no Jornalismo Esportivo*. Monografia de Graduação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro.
- DEL RIO, I. L., & PENA, E. F. (2011). *Televisión y Juegos Olímpicos: simbiosis, globalidad y construcción de sentido*. Universitat Autònoma de Barcelona, Centre d’Estudis Olímpics. , Barcelona.
- Duby, G., & Perrot, M. (1990). *A História das Mulheres na história da Antiguidade* (Vol. 1). Porto.
- Ferreira, P. M. (2017). *O Jornalismo Desportivo em Portugal: O caso Record*. Mestrado, Universidade da Beira Interior, Covilhã.
- Ferreira, R. (2004). *Jornalismo Especializado-Jornalismo Científico: análise crítica, estudo de casos e a construção de novos paradigmas e de um novo currículo disciplinar*. UNESP, São Paulo.
- Frandsen, K. (2016). Sports Organizations in a New Wave of Mediatization. *Communication & Sport*, 4(4), pp. 385-400.
- Frank, S., & O'Neill, D. (2016). Women reporting sport: Still a man's game? *Journalism - theory, practice and criticism.*, 4(17).
- Klafs, C. (1981). *A mulher atleta: Guia de Condicionamento e Treinamento Físico*. . L, M. S. (s.d.).
- L, M. S. (s.d.).
- Latas, R. (2020). *O Jogo*. Fonte: <https://www.ojogo.pt/futebol/noticias/jornalista-da-polemica-com-jorge-jesus-faz-historia-em-portugal-13109013.html>
- Léon, M. S. (2013). *Presente y futuro en el periodismo especializado*. Madrid: Fragua.
- Markina, I. (2010). *La especialización en el periodismo – Formarse para informar*. Comunicación Social.
- Martins, C., & Cerqueira, C. (Maio de 2018). As Jornalistas de desporto em Portugal: minoritárias e com pouco poder. *Revista Estudos em Comunicação*, 1(26).
- Martins, S., & Monteiro, E. (2008). Peculiaridades do Telejornalismo Esportivo: Um olhar sobre o Bom Dia Brasil. *VI Congresso Nacional de História da Mídia*.
- Matos, M., & Gitahy, R. (2007). A Evolução dos Direitos da Mulher. *Colloquium Humanarum*, 4(1), pp. 74-90.
- Miranda, J. (2014). Notas sobre o papel e a situação da mulher no processo de profissionalização do jornalismo português e no decurso da desregulação profissional. . *Revista Media & Jornalismo*.

- Miranda, J. (2017). Contributos para o estudo sobre a feminização do jornalismo português. *Media & Jornalismo*, 30(17).
- Monteiro, D. A. (2018). *O Jornalismo Desportivo: a (im)parcialidade na abordagem aos principais clubes de futebol em Portugal. Análise nos programas "Jornal da Tarde" e "Telejornal"*. Tese de Mestrado, Universidade do Porto.
- Neves, J. L. (1996). *Pesquisa qualitativa – características, uso e possibilidades*.
- Neveu, E. (2005). *Sociologia do Jornalismo*. Porto: Porto Editora.
- Oliveira, A., & Oliveira, N. L. (2017). A Mulher no Jornalismo Esportivo. *Revista Observatório*, 3(5).
- Organista, N., & Mazur, Z. (2019). "You either stop reacting or you don't survive. There's no other way": the work experience of Polish women sports journalists. *Feminist Media Studies*.
- Pedroza, C. L. (2017). *Mulheres no Jornalismo Esportivo: os desafios e dificuldades da profissão*. Monografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Pereira, L. (1980). *Esportes - Biblioteca, Educação e Cultura*. Rio de Janeiro: Bloch.
- Pereira, P. M. (2013). *Marketing Desportivo Digital: A importância do marketing digital para os clubes desportivos – Estudo de caso F. C. Porto*. Minho.
- Pinheiro, F. (2009). *História da Imprensa Periódica Desportiva Portuguesa (1875-2000)*. Tese de Doutoramento, Universidade de Évora, Évora.
- Pontes, J. (1944). *O curriculum-vitae do Dr. José Pontes*. Lisboa, Portugal.
- Prado, F. (1996). *Ponto Eletrônico: dicas para fazer telejornalismo com qualidade*. São Paulo: Limiar.
- Quesada, M. (2012). *Curso de periodismo especializado*. Madrid, Espanha.
- Ramirez, F. E. (2010). Fundamentos de la especialización periodística. *La especialización en el periodismo - Formarse para informar*.
- Ramos, R. H. (2010). *Mulheres Jornalistas - A grande Invasão*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Ribeiro, A. (2007). *Os donos do Espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.
- Righi, A. F. (2006). *As Donas da Bola - Inserção e atuação das mulheres no jornalismo esportivo televisivo*. Trabalho de Conclusão de Curso, Centro Universitário Franciscano, Santa Maria.
- Rocha, P. M. (2004). *As mulheres Jornalistas no Estado de São Paulo: O processo de profissionalização e Feminização da Carreira*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos.
- Rowe, D. (2007). Sports journalism: Still the 'toy department' of the news media? *Journalism*, 8 (4), pp. 385-401.
- Saraiva, M. M. (2019). *Jornalismo Desportivo: Mulheres (in)visíveis quando a bola rola*. Tese de Mestrado, Universidade da Beira Interior, Covilhã.
- Silva, C., & Júnior, W. (2008). COMUNICAÇÃO TELEVISIVA: REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES SOBRE O TELEJORNALISMO ESPORTIVO.
- Silva, I. F. (2019). *Jornalismo Desportivo: A Participação das Mulheres na Imprensa Generalista Portuguesa*. Mestrado, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Ciências Humanas, Lisboa.
- Silveira, N. E. (2009). *Jornalismo Esportivo: conceitos e práticas*. Monografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

- Siqueira, S. C. (2005). *Jornalismo Esportivo: A inserção da mulher jornalista no núcleo esportivo das emissoras de TV de Belo Horizonte*. Monografia de Graduação, Centro Universitário de Belo Horizonte.
- Slater, J. (1998). *Changing Partners: The Relationship Between the Mass Media and The Olympic Games*. Artigo acadêmico, Western Carolina University.
- Soares, E. (1994). *A Bola do Ar*. São Paulo: Summus .
- Sousa, J. P. (2008). *Uma história do jornalismo em Portugal até ao 25 de Abril de 1974*. Universidade Fernando Pessoa.
- Sousa, L.-C. S. (2005). *Cobertura Esportiva na Televisão: Jornalismo ou Entreterimento?* Tese de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco.
- Stycer, M. (2009). *História do Lance! – Projeto e Prática do Jornalismo Esportivo*. . São Paulo: Editora Alameda.
- Stycer, M. J. (2007). *Jornalismo Esportivo: 110 Anos Sob Pressão (Uma história de acusações de sensacionalismo, suborno, invenção de notícias e relações promíscuas com fontes e anunciantes)*. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*.
- Subtil, F. (1995). *As mulheres jornalistas*. Lisboa: Instituto Politécnico de Lisboa.
- Subtil, F., & Silveirinha, M. (2017). *Caminhos da Feminização da profissão de Jornalista em Portugal: da chegada em massa à desprofissionalização*. Porto: Deriva.
- Tuchman, G. (1978). Introduction: The Symbolic Annihilation of Women by the Mass Media.
- Women in Banking & Finance. (2021). *The Good Finance Framework*. London School of Economics.

Anexos

ENTREVISTAS

Rayssa Moura

Como iniciou sua carreira no jornalismo desportivo?

R: No meu primeiro trabalho, eu tive a sorte de começar com um projeto chamado “Bendito seja o Futebol!”, uma espécie de *blog* totalmente esportivo e praticamente todo produzido por mulheres, apenas o CEO era homem. Aliás, o *blog* era o projeto de tese de Mestrado dele, que tinha um sonho de construir um veículo de comunicação em que as mulheres pudessem escrever sobre o esporte. Então, eu admito que tive uma primeira experiência muito boa. Foi apenas quando eu passei para o *Esporte Interativo* que eu percebi que o buraco era mais embaixo.

E quando ingressou na televisão?

R: Depois de uns 7, 8 meses editando somente para o online, após muita insistência minha, consegui passar para a TV e começar a editar os VTs para alguns programas. Entrei na *TV Globo* em 2018, como estagiária na parte das redes sociais. Hoje, eu vejo o quão importante passar por esta fase para poder abrir minha mente nas minhas funções atuais. Entender como o público da *Globo* funciona, qual é a nossa voz, o que queremos passar.

Foi difícil ingressar nesta especialização?

R: O veículo que comecei era um veículo muito jovem. Embora fosse um veículo, em sua maioria, composto por homens, ainda era um veículo muito jovem. Por isso, a chance de homens jovens entenderem que as mulheres também têm seu espaço no jornalismo esportivo era um pouco maior do que com homens mais velhos. Eu só fui encontrar mais dificuldade quando entrei para a *Globo*, quando me deparei com homens mais velhos e com uma cabeça mais fechada. Ali eu pude entender que o problema era muito maior do que eu imaginava, porque tive uma experiência

privilegiada no meu primeiro contato com o jornalismo esportivo. Hoje em dia, a maioria da minha equipe é composta por mulheres. Mas, falando especificamente do esporte, as lideranças das equipes e das redações ainda são totalmente masculinas... só nesse momento que eu percebi algum tipo de impasse. Não verbal, ainda bem, porque estamos em 2021. Esse impasse virou algo velado, existe, mas é velado.

E quais funções você realiza hoje?

R: Hoje em dia, eu trabalho com o planejamento dos eventos esportivos e com a análise dos conteúdos do portfólio esportivo da *Globo*. É um trabalho relacionado à área de eventos e também relacionado a todos os programas da grade esportiva da emissora: *Esporte Espetacular*, *Globo Esporte* e hoje em dia, também, o *Segue o Jogo!*.

O que pensa sobre a igualdade de gênero na informação desportiva no Brasil?

R: Eu acho que a gente já caminhou muito, muito mesmo. Eu lembro que em 2017, quando eu era estagiária do *Esporte Interativo*, teve uma super campanha para as mulheres, chamada *#DeixaElaTrabalhar*, uma campanha que aconteceu aqui no Brasil e foi muito forte entre as jornalistas que trabalham com conteúdo esportivo. Não sei se você lembra.

Sim, lembro perfeitamente.

R: Pois é. Então, desde ali, eu conseguia perceber que as mulheres eram muito afastadas. Porque, mesmo antes de eu trabalhar com jornalismo esportivo, eu já tinha uma vivência do futebol, dos estádios, eu sempre via que existia uma resistência dos homens com as mulheres. Eu sempre via essa resistência até de amigos, que não estavam acostumados a ver uma mulher falando e gostando de futebol. Hoje em dia, eu vejo que crescemos muito aqui no Brasil desde essa experiência. Não sei se a pandemia teve alguma coisa a ver com esse crescimento, porque deixamos de ver notícias de jornalistas sendo assediadas durante o seu período de trabalho, porque não temos mais torcedores nos estádios. Acredito que seja até uma boa análise para

ser feita no futuro. Enfim, por mais que tenham sido passos muito pequenos, eu sinto diferença. Já vejo muito mais mulheres e, não só, mas muitas meninas interessadas na prática esportiva, e isso é muito bacana.

É verdade. E nessa área, que ainda é dominada por homens, você acha que teve alguma dificuldade acrescida por ser mulher, em comparação aos seus colegas do sexo masculino?

R: Com certeza. Quando um homem erra, o homem errou por descuido, porque se confundiu, não tava num dia bom. Se uma mulher erra, é porque ela não sabe, porque ela é burra. Por exemplo, se eu falar que o campeão da Copa do Mundo de 2002 foi a Itália, é porque eu não sei, porque eu sou despreparada, porque eu sou burra. Se um homem comete o mesmo erro e falar que foi a Itália ao invés do Brasil, foi porque ele se confundiu na hora, estava tenso, entendeu? Então, é muito perceptível essa diferença.

Ainda existe a crença de que as mulheres não sabem do que elas estão falando, não é? Como se não fosse algo natural.

R: Exatamente. A sensação que eu tenho é que as pessoas acreditam que os homens aprendem sobre futebol por osmose, então ele não precisou estudar para aquilo. Se ele sabe, é pela experiência dele. A mulher, ela tem que estudar para saber. Se ela não sabe de uma informação, é porque ela não estudou, não se esforçou para procurar saber. Eu, ainda bem, trabalho numa equipe em que a minha referência de esporte sou eu mesma, eu sou a única analista de esporte. O que eu sinto é mais receio de falar, de dar a minha opinião. Eu tenho medo de errar, sabe? Por causa desse ciclo vicioso que eu sei que se eu errar, eles vão entender que eu não sou suficiente para aquele cargo.

Na sua opinião, como se explica o fato de as mulheres continuarem em minoria no jornalismo desportivo?

R: Eu acredito que um grande causador deste efeito seja, ainda, a falta de representatividade. Eu tive uma experiência que, numa turma de 30 pessoas na faculdade, sendo umas 20 mulheres, apenas eu e mais 2 colegas queríamos algo a ver com o esporte. Não porque nós éramos especiais, mas eu sentia que as outras meninas tinham uma repulsa pelo jornalismo esportivo do que uma indiferença. Porque elas não se viam ali, não gostavam do esporte, não queriam falar de alguma coisa que claramente não eram bem-vindas. Eu acho que a bolha do jornalismo esportivo é muito maior do que vivemos no mundo profissional, vêm desde casa, desde a sociedade não aceitando mulheres dentro dos estádios, ou que pratiquem esportes... é muito maior do que só a redação. A partir do momento que tivermos mais mulheres praticando esportes, mulheres narrando, comentando, dando sua opinião na televisão, com certeza terá mais representatividade. Ainda é muito embrionária a fase que nos encontramos.

Na redação, quando as notícias de desporto são escritas, elas ainda são escritas para um público masculino?

R: Sim, com certeza. Eu acho que a imprensa, a televisão e todos os veículos ainda tem uma mentalidade muito voltada para o dinheiro, isso não deixa de ser um negócio. Quando a gente fala de televisão, as pessoas precisam vender o *break* e, quando falamos de *online*, elas precisam vender publicidade. E para quem elas estão vendendo? Por enquanto, o público majoritário dos programas esportivos na *Globo* ainda são homens, e eu tenho um lugar de fala para dizer esta informação justamente por eu ser analista de conteúdos esportivos. E eu digo no modo macro, não só a manchete, mas o programa que está sendo feito pensando num público masculino, porque sabe-se que ele ainda é assistido por homens. Então, ainda tem muito interesse comercial pela situação. Quando a chave virar de que as mulheres também assistem, aí talvez mude um pouco. A primeira Copa do Mundo feminina transmitida na *Globo* foi em 2019, olha isso! Foi apenas há 3 anos. Existem marcas que querem investir nesse tipo de conteúdo, e a partir do momento que existe gente pagando, vai ter gente fazendo.

E acho que conseguimos enxergar o como essa escrita na redação ainda é pensada para homens, quando a gente vê as jornalistas que são escolhidas para apresentarem os programas.

R: Geralmente são bonitas e tem cabelo grande.

Exatamente. Elas ainda são regidas e escolhidas pelo padrão de beleza, e isso é muito claro. Então, fica nítido que o conteúdo é pensado para homens: não só vou ver um conteúdo que eu gosto, mas vejo uma mulher padrão falando sobre isso.

R: Isso é verdade. Não só no jornalismo esportivo, que realmente acontece de forma mais explícita, mas acredito que no jornalismo como um todo. Homens calvos, mais velhos, totalmente fora do padrão social são muito mais aceitos do que uma mulher fora do padrão. A mulher tem que ser jovem, bonita, um corpo dentro de um padrão... isso realmente é muito perceptível.

Você conhece mulheres em cargos de chefia na secção desportiva?

R: Curiosamente, eu respondo para duas jornalistas, as minhas duas diretoras são mulheres. Por isso, eu acredito que na minha equipe, não me senti menosprezada até agora. Mas, sei que outras equipes de esporte dentro da *Globo* são bem difíceis de trabalhar.

Qual foi o seu balanço na cobertura das Olimpíadas de Tóquio 2020? Você sente que teve espaço para mais mulheres jornalistas comentarem os eventos esportivos?

R: A diretora de eventos da *Globo*, a que lidera os eventos desportivos, é uma mulher. Então, a *Globo* estava sendo liderada por uma diretora mulher e, também, por uma gerente mulher. Por trás dos bastidores, tinham muitas mulheres, e isso eu acredito que tenha sido um ganho para a emissora. Eu consigo afirmar que por trás das câmeras tinham muitas mulheres envolvidas. Mas, sim, ainda não tivemos, por

exemplo, nenhuma mulher narradora nessas Olimpíadas. Tivemos um foco em comentaristas, mas voltado para ex-atletas, e não jornalistas de fato. Infelizmente, a maioria dos comentaristas e narradores eram compostos por homens, então não vimos muito desse reflexo na frente das câmeras. Porém, mesmo assim, eu achei que foi uma Olimpíada feita e liderada por mulheres, a *Globo* tinha muito essa missão. A Olimpíada de Tóquio por si só foi um evento sobre igualdade de gênero, as últimas finais foram sempre femininas... então, a premissa da Olimpíada foi ter equidade entre os gêneros, desde o início. Acho que seria muita hipocrisia da *Globo* ter feito toda essa parte comercial e não ter feito nada disso dentro de casa. Por isso, eu digo que essa Olimpíada me deu um pouco de esperança. Digo que, por pouco, os homens foram maioria nas redações e na frente das câmeras, mas é uma vitória ter tido tantas mulheres envolvidas.

Cristiane Dias

Como iniciou a carreira no jornalismo desportivo?

R: Olha, foi por acaso. Eu estava fazendo faculdade de Jornalismo e estagiei muito nessa época. Eu comecei na *TV Cultura*, trabalhava na editoria do Rio, por isso eu fazia tudo. Quando eu me formei, eu fui convidada para cobrir as férias de um repórter na parte de esporte, e aí eu cobri as férias dele, consegui um quadro de esportes radicais, depois cobri férias da apresentadora e virei apresentadora desse programa... e fiquei uns dois anos na *TV Cultura* até ser chamada para a *Globo* para fazer um piloto pro *Esporte Espetacular*. Fui lá, fiz, passei e estreei no *EE* na *Globo* em 2006.

Então, antes da faculdade você não tinha esse sonho do jornalismo esportivo, você se encontrou lá dentro?

R: É, não era um desejo consciente, digamos. O esporte sempre fez muito parte da minha vida. Eu me lembro que na minha época de faculdade, 80% da minha turma

queria fazer jornalismo esportivo. E eu me lembro que eu pensava “poxa, que bacana! Mas todo mundo quer...” Então, eu decidi ir para um jornal, escrever sobre tudo, ainda não tinha esse negócio de internet, por isso a minha ideia era mais escrever para um jornal, revista e a TV veio por acaso. Mas, como sempre foi algo que eu me interessei, acabou sendo super orgânico. Eu fui pro esporte e não saí nunca mais.

Quais as funções que realiza hoje?

R: Hoje, eu sou apresentadora e repórter, basicamente. E como a gente faz um programa ao vivo, ele entra e sai por conta das transmissões que a gente tem, então a gente acaba fazendo muita coisa na hora. Eu, junto com o meu chefe, temos muita liberdade de mudar a ordem de tudo, de acordo com o tempo que sobra. Porque, em TV ao vivo, é tudo meio matemática. Às vezes, a gente perde tempo, ganha tempo... mas, hoje em dia sou apresentadora, faço os programas ao vivo no estúdio, mas como eu gosto muito de ir pra rua fazer reportagem, eu faço isso em paralelo também.

O que pensa sobre a igualdade de gênero na informação desportiva no Brasil?

R: Eu vou abranger outros aspectos para falar do esporte. Eu faço parte da Comissão da Mulher, uma comissão organizada por advogadas no Rio de Janeiro. Eu entrei justamente para fazer um trabalho de audiovisual, com todas as informações e dar palco para essa causa. A pandemia aumentou em 50% o feminicídio aqui no Brasil, uma coisa horrorosa.... É um tema que a gente já lida há muito tempo, mas acredito que na pandemia ficou bastante sublinhado. E que bom, que bom que hoje em dia nós podemos falar mais abertamente, temos Lei Maria da Penha e, aos poucos, estamos conseguindo debater mais, colocar mais isso em pauta. Agora, eu vou chegar no esporte. No esporte, sempre teve essa cultura, principalmente no meu meio, que lida muito com a imagem, sempre teve isso de você estar ali, trabalhando com um colega homem, mas você ganha 3x menos só pelo fato de você ser mulher. Ao mesmo tempo, você vira um objeto, um chamariz, porque se você parar para reparar, pode ser uma coisa fútil, mas no fim das contas não é, porque o machismo é totalmente estrutural.

Eu sempre tive que provar muito mais vezes que eu não era só bonitinha, e ao mesmo tempo eu sabia que eu estava lá porque eu era bonitinha. O meu chefe não precisava nem falar, era claro. Eu te pago menos, você aparece bonitinha para a minha audiência, que é majoritariamente homens e agrada todo mundo. Então, durante muito tempo isso foi... na verdade, até hoje eu acredito que isso não mudou. Se você reparar os apresentadores homens, você vê que eles não se encaixam em padrão nenhum, podem ser carecas, barrigudos, que ninguém vai dizer nada. As meninas, no geral, precisam ter alguma presença, ser bonita, de preferência, para ingressar nessa carreira. Então, essa seria a primeira parte, a questão da aparência. No resto, são as questões estruturais: o trato diferenciado, o fato de você ter que provar um milhão de vezes mais que você é tão boa quanto o colega do lado, o fato de você ser diminuída na cara... O futebol traz mais retorno, né? É o esporte mais popular e, conseqüentemente, é o esporte que as pessoas consomem mais. Por isso, sempre teve muito homem para falar de futebol. Eu sempre fui para os esportes mais radicais, porque sempre foi a minha essência. Isso é só uma pontinha do que eu posso demonstrar para você do que a gente passa dentro da editoria do esporte. Além de tudo, não só no esporte mas em outros meios que são masculinos também, quando a gente tenta adentrar um meio desse, você enfrenta todos esses problemas de uma forma mais densa... é bem complicado. Eu tenho um milhão de histórias para demonstrar, infelizmente.

Por acaso, minha próxima pergunta tem a ver com isso. Você acha que, pelo fato de ser mulher e ingressar na área do desporto, que é uma área muito dominada pelos homens, que teve alguma dificuldade acrescida relativamente aos seus colegas do sexo masculino?

R: Eu vivenciei isso há pouco tempo, já com mais de 20 anos de carreira. Com homens mais velhos, então, a situação fica pior. Uma coisa que está acontecendo é, de tanto a gente falar e as leis evoluírem, eu vejo que essa geração mais nova está ficando mais desconstruída. Eu acho que quanto mais a gente falar, melhor ainda. Os homens mais velhos são impressionantes, porque eles fazem coisas que eles não conseguem sequer perceber. Um exemplo: eu estava apresentando as Olimpíadas agora com um outro

jornalista, legal, gente boa, narrador e apresentador das antigas. A gente teve uma boa parceria, mas ele falava umas coisas que dava para ver que era para agradar, mas que foram completamente desnecessárias e ele não conseguia entender. Começamos a falar sobre gueixas no intervalo, e ele já veio com uma piada totalmente torta, fazendo perguntas do tipo “você já se vestiu de gueixa, Cris?”. Eu falei que não e que jamais me vestiria, além de mandar todo o discurso feminista do porque eu nunca faria. Ok, assim que voltamos para o ao vivo, ele fez exatamente a mesma pergunta no ar. Ao vivo! Eu logo disse “eu não vou nem te responder porque eu já falei no intervalo”. Ele ficou sem graça e pagou um mico desnecessário, porque sabia que não ia ser uma pergunta bem-recebida.

E ainda te deixa mal na situação, como se você fosse grossa ou mal-educada.

R: Me deixou totalmente constrangida. Eu passo pela pessoa do “nossa, muito feministinha!”. E teve mais! Teve um dia que eu estava com o mesmo uniforme já há vários dias e ele já não estava arrumado, eu não queria apresentar em pé justamente por isso. Chegou um atleta no estúdio para explicar sobre canoagem, a diferença das pás, essas coisas, e eu já sabia que não queria levantar por conta da minha roupa. O que aconteceu? No ar, claro, ele já falou “Levanta aí, Cris!”. E aí, obviamente, para não ficar chato para o convidado, para não virar um desprestígio ao atleta, eu me levantei para fazer a demonstração. Ok, seguimos em frente e, durante uma das demonstrações, eu estava pedindo auxílio ao atleta em como se fazia o movimento certo, e o meu colega vira e fala “é como se você estivesse varrendo, Cris”. Em rede nacional! Foi tudo errado, desprestigiou o esporte do convidado, ainda foi machista, além de ter sido extremamente deselegante, porque eu claramente tinha pedido para não fazer as demonstrações. Então, a gente entra na onda do *mansplanning*, do *maninterrupting*, ninguém liga pro que você pensa. Ele não ouve nem vai ouvir... Ou até ouve, mas continua fazendo do jeito que quer. E o principal de tudo: ele não me deixava falar. Teve vários comentários no Twitter, inclusive, de homens mais jovens reclamando disso. Isso foi agora, tá? Só para você ter uma ideia.

Na sua opinião, como se explica o fato de as mulheres continuarem em minoria no jornalismo desportivo?

R: Porque isso é um reflexo da nossa sociedade. A luta não é em nichos, sabe? Não tem uma mulher que trabalha com jornalismo esportivo que não tenha uma história dessas pra contar, ou de chefe, na rua, em qualquer lugar. É isso, eu acho que acontece muito dentro do esporte porque é um reflexo da nossa sociedade, nós ainda somos muito machistas, além de ser uma sociedade patriarcal, ainda temos que quebrar isso pela raiz. As mulheres não podiam jogar bola até 1980, por lei mesmo. Hoje em dia, eu tenho no meu programa semanal só uma comentarista mulher, porque eu tenho um chefe - que é homem - mas não é *esquerdomacho*, ele é, de fato, um homem desconstruído. Se não fosse por ele, eu não teria espaço. Você entende como ainda estamos muito presas na estrutura? E o problema é esse, se deixarem a gente chegar junto, se deixarem a gente estudar, jogar bola, falar sobre esporte... não tem pra ninguém! A partir do momento que você tem a mesma oportunidade de estudo e trabalho, a gente chega e chega ainda mais.

Você conhece mulheres em cargos de chefia na secção desportiva?

R: São poucas, de fato. A gente é muito competente para diversas funções... mas ainda são muito poucas.

Qual foi o seu balanço na cobertura das Olimpíadas de Tóquio 2020? Você sente que teve espaço para mais mulheres comentarem os eventos esportivos?

R: Eu acho que o balanço foi superpositivo, porque uma coisa puxou a outra. Foi a Olimpíada mais equiparada da história em termos de gênero. Em 2024, em Paris, vai ser totalmente equiparado... eles estão planejando colocar mais modalidades para ter total equidade entre homens e mulheres. Essas Olimpíadas de Tóquio foram mesmo especiais, rolaram várias alterações e conseguimos esse marco pela primeira vez. Puxando o foco para o Brasil, nós vimos quem realmente trouxe medalhas: 75% das medalhas foram trazidas por mulheres. Isso é um reflexo do que nós falamos aqui, né?

Se deixar a gente chegar, nós não só chegamos a uma igualdade como temos total capacidade de superar, talvez por isso que nós tenhamos sido oprimidas por tanto tempo. Mas, eu acho que o problema não é uma questão de disputa, vai ser muito melhor um mundo em que o homem possa chorar também, que possa mostrar suas fragilidades. Por isso, eu acho que o balanço foi positivo. A gente tem falado muito sobre isso, porque a Olimpíada, em números, mostrou que está mais de igual para igual, e isso inclui a cobertura jornalística também. Inclusive, a grande heroína desses Jogos foi uma mulher, a Simone Biles, por mais que não tenha trazido a medalha de ouro, ela trouxe uma luz para outro assunto importantíssimo, que foi a saúde mental.

Carla Matera

Como iniciou a carreira no jornalismo desportivo?

R: Foi em 1999. Eu trabalhava na *Rádio Tropical*, ainda não tinha pensado em fazer nada relacionado a esporte, não entendia nada de futebol. Mas, a *Rádio Tropical* era conhecida como uma rádio bem popular, além de ser uma das melhores audiências do Rio de Janeiro. Foi a primeira rádio a colocar o futebol em FM, até me lembro que o slogan era “samba, pagode e futebol”, e tinha uma equipe bem famosa também, com narradores e repórteres bem importantes. No Brasil, na época, não tinha nenhuma mulher que cobria futebol em rádio. O dono da rádio, seu Armando, no Dia Internacional da Mulher daquele ano me chamou, no meu dia de folga, e falou “olha, amanhã você vai pro Maracanã”. Eu na hora perguntei “o que eu vou fazer no Maracanã?” e ele respondeu: “Vai ter um jogo feminino por causa do Dia Internacional da Mulher e a inauguração dos banheiros femininos do Maracanã”. Ou seja, até quase os anos 2000 não tinha, sequer, banheiro feminino dentro do maior e mais conhecido estádio do Brasil. Inacreditável, né? Foi um ano que eles estavam mesmo investindo muito no futebol feminino. E aí, eu falei para o meu chefe: “Seu Armando, eu não sei nada de futebol. Como que eu vou lá?” Ele me respondeu com uma frase que eu levo até hoje: “Você não já entrevistou bandido? Você é bandida? Já entrevistou médico,

sabe alguma coisa de medicina? Já entrevistou políticos, sabe alguma coisa sobre a política deles? Então, vai lá, entrevista jogadores de futebol e não enche meu saco”. E eu fui, nunca tinha ido ao Maracanã sequer, não sabia nada, mas eu fui. Entrevistei as mulheres que inauguraram o banheiro feminino, ganhei rosas, fiz tudo que tinha para fazer... Na segunda, quando voltei para o trabalho, eu era noticiarista e locutora da *Tropical*, o meu chefe me chamou e falou “a partir de hoje você vai pro esporte”. Foi assim que eu comecei.

Foi difícil ingressar nesta especialização?

R: Foi por vários motivos. Primeiro que eu não tinha o gosto pelo futebol antes. A minha sorte é que eu amo aprender, então quando eu fui convocada para essa área, eu não sabia nada, mas pensei “agora eu vou aprender”. E aí, eu tive muita gente que me ajudou. Tem muita gente que atrapalha? Sim. Mas, eu fui aprendendo... nunca tive vergonha de perguntar também. Meu pai ainda era vivo e me ajudou muito também, então, assim, foi muito difícil, mas eu só entrava para dar os resultados do futebol feminino, ou no máximo um plantão, sabe? A primeira vez que eu entrei em campo para cobrir um jogo foi um tempo depois, quando um colega meu faltou e eu tive que entrar. Eu me lembro que eu não sabia nada sobre a escalação dos jogadores, o que dizer, nada. Um grande amigo meu fez questão de escrever tudo, exatamente como eu tinha que reportar depois. Enfim, foi difícil, mas foi um desafio gostoso.

Quais as funções que realiza hoje?

R: Hoje, eu sou repórter da *Flu TV* e sou uma das apresentadoras do *Giro Flu*, que é um produto da *Flu TV*. Todo dia de jogo do profissional, a gente faz uma espécie de noticiário, pegando todas as informações importantes do time naquele dia. Fazemos também outras modalidades sem ser o futebol, mas todos voltados para os times do Fluminense.

O que pensa sobre a igualdade de gênero na informação desportiva no Brasil?

R: Bom, eu acho que hoje é muito mais equilibrado do que 20 anos atrás. Eu lembro que quando eu comecei no futebol, eu era a única mulher que fazia cobertura de futebol em rádio no Brasil. Eu não fui a primeira, a primeira foi em 1973, com uma equipe feminina lá em São Paulo, mas, na época, eu era a única. Então, quando eu comecei a viajar com os times, era engraçado porque parecia que eu era um ponto turístico. As pessoas se questionavam, perguntavam “o que aquela mulher está fazendo em campo?”. A primeira impressão era que eu podia ser acompanhante de um dos jogadores, depois que viam que eu tinha um microfone na mão, ainda ficavam na dúvida do que eu estava fazendo ali. Hoje em dia, eu acho que está muito equilibrado, sinceramente. Outro dia, eu ouvi uma repórter que falou em se envolver e se afetar, parecem coisas similares mas são diferentes. O preconceito me afetou, mas não me deixou envolver a ponto de me vitimizar. Enfim, já aconteceram coisas absurdas, que se acontecessem hoje poderiam virar manchete, processo...

A minha próxima pergunta tem a ver com isso, inclusive. Você acha que, pelo fato de ser mulher e ingressar na área do esporte, que é uma área muito dominada pelos homens, que teve alguma dificuldade acrescida relativamente aos seus colegas do sexo masculino?

R: Sim, com certeza. Eu tinha duas opções: ou eu gritava e ficava irritada com toda situação que acontecia, ou eu me armava para seguir com os meus objetivos de cabeça erguida. Por exemplo, eu conseguia exclusivas com os jogadores, isso acontecia várias vezes. Eu sempre gostei de puxar pelo lado humano, sempre defendi a teoria de que se você mostrar que aquele homem não é uma máquina, que aquele atleta tem família, tem limitações, tem os fantasmas dele, na hora que as pessoas fossem fazer um comentário maldoso dele, iam lembrar que ele é ser humano. Então, eu sempre tentei fazer matérias especiais. Invariavelmente, uma coisa impressionante, me dá até nojo de lembrar, eu acabava a matéria e meus colegas diziam “lá vem a Carla com as matérias de menina dela”, o que hoje é supervalorizado, né? A matéria mais humana era matéria de menina. Pior, quando eu conseguia uma exclusiva, o que eu ouvia

depois era que eu tinha conseguido essas entrevistas porque eu estava me envolvendo com eles. Ou seja, nunca foi por mérito meu, é porque eu sou mulher.

Na sua opinião, como se explica o fato de as mulheres continuarem em minoria no jornalismo desportivo?

R: Porque ainda tem muita gente ruim nesse mundo, que acha que o gênero vai modificar alguma condição de você entregar uma boa notícia. Eu acho que ainda tem muita gente com a mentalidade de que a mulher é um *bibelot*, porque foi assim que nós começamos a história na televisão esportiva, como *bibelot*. Como eram as mulheres nos programas esportivos? Eram enfeites, uma moça segurando uma camisa de futebol para dar de brinde ao entrevistado. Ela não tinha voz nem opinião, ela tinha as coxas bem definidas, um rosto bonito e um corpo padrão, era mais uma atração para quem consumia o esporte. A grande diferença para mim é essa, a gente era um show a mais, era juntar o útil ao agradável.

Na redação, quando as notícias de esporte são escritas, elas são escritas para um público masculino?

R: Não, acho que hoje é bem menos. Até porque, eu acho que o público masculino e feminino quer a mesma coisa. As mulheres que se interessam por esportes estão tão ligadas quanto os homens. Então, você pensa na construção de uma boa notícia e não se ela é para o público A ou público B. Tem aquelas pessoas que pensam diferente? Tem, mas acredito que a tendência é que elas virem minoria. Eu me lembro que, há uns anos, eu fui entrevistada numa outra rádio, e a pergunta do apresentador foi tão... nem sei te explicar. Ele me perguntou “e aí, já entrou nos vestiários? Já foi ver os jogadores tomando banho?” Eu, bem revoltada, respondi que “eu não entro em vestiário para isso. Ver homem no banho é só no meu tempo livre, ali eu estou trabalhando”. Todo mundo riu, mas foi uma situação chata.

Você conhece mulheres em cargos de chefia na secção desportiva?

R: Agora você me pegou... não. Deve até ter, mas não me vem ninguém na cabeça. Conheço mulheres que se destacam, que tem sucesso profissional na área, mas em cargo de chefia... não.

Qual foi o seu balanço na cobertura das Olimpíadas de Tóquio 2020? Você sente que teve espaço para mais mulheres comentarem os eventos esportivos?

R: Não sei se teve mais espaço, mas as mulheres invadiram de qualquer forma. Fiquei até arrepiada. As mulheres chegaram, se apresentaram, mostraram para o que vieram, não só as jornalistas como as próprias atletas. Eu acho que o espetáculo da cobertura esportiva nas Olimpíadas foi dada, também, por mulheres. Isso eu achei muito bonito de ver, muito legal, muito justo, principalmente.

Bruna Dealtry

Como iniciou a carreira no jornalismo desportivo?

R: Eu sempre amei esportes. Meus pais me incentivaram muito, eu fiz natação, ginástica artística... e no vôlei de praia eu me encontrei, fui atleta profissional até os 25 anos. Meu sonho era ir para uma Olimpíada, muito. Mas, naquele momento de decidir o que eu ia fazer, eu sabia que gostava muito de ler, de escrever, de ver programas esportivos e comecei a fazer faculdade de Jornalismo. Quando eu vi que eu não ia ser uma atleta de ponta como eu queria, eu fiz essa transição de carreira e com o Jornalismo eu consegui alcançar meu sonho de cobrir uma Olimpíada, me apaixonei muito. Por isso, decidi seguir na TV, que foi onde eu me encontrei mais e fui crescendo ano após ano. Tive a oportunidade de cobrir campeonato brasileiro, Libertadores, Copa do Brasil, Copa do Mundo... então, sou muito realizada como jornalista e trabalhando com esporte, porque eu consegui juntar duas paixões da minha vida: o esporte, o jornalismo e, de bônus, a TV.

Foi difícil ingressar nesta especialização?

R: Eu acho que tive sorte. Na primeira vez que eu tentei a prova de estágio da *Esporte Interativo*, eu passei porque eu achava que eu encaixava muito na vaga que eles estavam procurando. Eles precisavam de alguém que conhecia muito de esportes Olímpicos, eu era ex-atleta olímpica, fiz muitos cursos de jornalismo esportivo... Quando eu decidi o que eu queria, eu fui de cabeça. Então, eu sabia a direção da onde eu queria chegar, fui fazendo várias especializações e, quando eu soube da vaga, me escolheram. Então, entrar foi até fácil, porque consegui na primeira tentativa, mas, me tornar uma repórter conhecida foi bem mais complicado. Eu tive vários desafios no início, precisei fazer muita fonoaudióloga, não acreditavam que eu ia conseguir dar conta... o início das entradas ao vivo também foi um momento muito desafiador da minha vida, eu ficava nervosa, queria imitar outras pessoas até eu entender que eu precisava ser eu mesma demorou, sabe? Foi um processo, eu tive muitos desafios dentro da profissão.

Quais as funções que realiza hoje?

R: Sou repórter, mas ajudo muito na produção, edição, eu gosto de participar de todas as etapas. Eu converso muito com os produtores, dou ideias de reportagens e discutimos as ideias deles, tento melhorar ou criar um roteiro que faça mais sentido para a gente. Ajudo, também, na decoupage, escrevo muito e depois passa por um editor de texto, a gente vai ajustando o texto junto... a edição de vídeo eu gosto muito de participar, dar várias ideias de imagem, eu acho que um repórter tem que participar de todas essas etapas. Agora, também tenho feito muito conteúdo para as redes sociais, que é algo bem novo aqui. A gente está tentando ingressar o esporte nesse mundo virtual, até para atrair um público mais jovem para acompanhar o esporte com a gente.

O que pensa sobre a igualdade de gênero na informação desportiva no Brasil?

R: É um processo, né? Um processo que começou com uma diferença muito grande, uma desigualdade enorme. No passado, nem tinham mulheres para começar, e depois as que tinham tiveram muita dificuldade para abrir portas. Eu conheço essas jornalistas pioneiras e elas contam histórias assustadoras de machismo, de preconceito, de assédio... a minha geração, eu acho que veio para fincar uma bandeira de “aqui é o nosso lugar” sim, e não estamos querendo roubar o lugar de ninguém, aqui é direito nosso também. Tem uma outra dificuldade, que existe um preconceito muito velado. A gente conseguiu quebrar isso, principalmente com a campanha #DeixaElaTrabalhar, uma campanha que aconteceu em 2018 depois que eu sofri assédio. Antes de um jogo do Vasco, na porta do Maracanã, eu estava ao vivo e um homem me beijou. A partir dali, aquilo me incomodou tanto, me deixou tão sentida e impotente naquela situação... eu fui nas redes sociais e desabafei, falei muito do assunto e o quanto aquilo era completamente surreal, como eu não iria aceitar aquilo mais e que eu não estava de brincadeira, além de ser inimaginável alguém fazer uma coisa dessa enquanto outra pessoa está trabalhando. Depois dessa situação, eu comecei a receber muito apoio de outras emissoras, outras jornalistas me abraçaram, a gente começou a conversar sobre esse assunto e percebemos que todas as jornalistas já tinham passado por uma situação parecida, ou outra situação de assédio e preconceito. Dali, a gente aprendeu a não colocar as coisas para debaixo do tapete e se fazer de vítima. A gente queria se fazer de forte, de alguém que aguenta tudo e não se abala por nada, e por causa disso a gente acabou por deixar passar muitas situações como essa. A gente entendeu que precisávamos mostrar pros homens, para os nossos colegas de trabalho, para os jogadores, pros assessores de imprensa o quanto aquilo incomodava e o quanto nós não aguentávamos mais passar por aquilo. Foi um divisor de águas muito importante, que foi a nossa geração que iniciou e que eu acho que vamos deixar as portas ainda mais abertas para as jornalistas que ainda estão por vir.

A minha próxima pergunta tem a ver com isso, inclusive. Você acha que, pelo fato de ser mulher e ingressar na área do desporto, que é uma área muito dominada pelos homens, que teve alguma dificuldade acrescida relativamente aos seus colegas do sexo masculino?

R: Muitas! Quando eu estava trabalhando com os esportes olímpicos era tranquilo, mas quando eu passei a falar de futebol foi quando começou a ficar tenso. Já vi gente me perguntando como eu consegui entrevista com jogadores de peso, o que eu tinha feito, já que outro jornalista não tinha conseguido. Já recebi cantada de assessor de imprensa, de jogador até... Já sofri assédio né, esse foi o mais forte, a gota d'água para mim. Já passei situações constrangedoras em estádios com os torcedores e também nas redes sociais. Eu fazia entradas ao vivo no Facebook do *Esporte Interativo*, então eu mostrava o treino dos times ao vivo e reagia às mensagens, e era assustador a quantidade de mensagem que eu recebia, do tipo “vira de costas que eu quero ver a sua bunda”, “mulher não tem que estar aí falando de futebol, vai lavar uma louça”, nossa, foram muitas. Sem contar as piadas machistas dentro da redação que as pessoas nem se davam conta, então eu acho que a partir do momento que a gente começou a falar, tudo foi mudando. Mas, acho que é muito importante esse debate saudável da gente mostrar as situações, mas sem brigar, sabe? Eu me peguei, também, tendo atitudes machistas nesse processo de desconstrução. É um processo mesmo.

Na sua opinião, como se explica o fato de as mulheres continuarem em minoria no jornalismo desportivo?

R: Olha, o futebol feminino era proibido até a década de 80. As mulheres não podiam jogar futebol, não podiam entrar em estádios, não podiam assistir... tinham até médicos que falavam que era uma questão fisiológica, que as mulheres serviam para reproduzir e que se elas jogassem futebol, iam estragar o papel delas na sociedade. Isso é muito recente! É uma mudança radical em pouco tempo, então é natural, infelizmente, que seja um processo da gente mostrar que esse é o nosso lugar, sabe? Meu pai era um homem extremamente machista e eu precisava mostrar muitas coisas para ele. Tinha que sempre falar “pai, não é assim. Uma mulher que usa uma saia mais curta não dá o direito de olhar”, ou seja, é natural que as gerações mais antigas tenham uma resistência para aceitar novas ideias, em relação a muitos assuntos. Mas, acho que temos que ser pacientes, não precisamos chegar chutando a porta. A gente tem que mostrar, com a nossa capacidade, nosso talento, a gente já conquistou o

nosso espaço, então agora é só a gente fixar cada vez mais, mostrando que tem capacidade. Toda vez que eu vou fazer uma reportagem, eu penso que é por mim e por todas que estão vindo.

Na redação, quando as notícias de esporte são escritas, elas são escritas para um público masculino?

R: Totalmente. Tem que ter paciência, por mais que a gente tenha cada vez menos paciência com esse assunto. Por exemplo: já fiz reportagens com atletas de alto nível, que eu escrevi o texto do meu jeito e, quando foi ao ar, me creditaram como “musa do esporte”. A atleta que foi 4 vezes campeã mundial. Já vi vários programas serem criados e não colocarem uma mulher no meio, já vi emissoras que até tinham mulheres contratadas, mas que nunca podiam fazer transmissão de futebol. Isso mudou há pouquíssimo tempo, só os homens podiam tocar nesse assunto como se fosse exclusivamente masculino. Até pouco tempo também, tinham programas que a mulher só podia ler as mensagens das redes sociais, ela não podia opinar, ela ficava no mesmo estúdio mas com instruções totalmente separadas. Nas redações, a gente vem buscando cada vez mais a nossa voz, a gente vem participando... acho que já entenderam que eles têm que dar essa voz para a gente, mas ainda precisamos mostrar algumas coisas que eles não conseguem ver.

Você conhece mulheres em cargos de chefia na secção desportiva?

R: Não. Infelizmente, não.

Qual foi o seu balanço na cobertura das Olimpíadas de Tóquio 2020? Você sente que teve espaço para mais mulheres comentarem os eventos esportivos?

R: Eu acho que está crescendo cada vez mais. A cobertura em locução foi feita pela *Globo* e a quantidade de repórteres que foram pra lá foi enorme e isso me deixou muito orgulhosa. Foram várias amigas minhas competentes, repórteres que eu admiro muito e que fizeram um trabalho brilhante. Eu acho que cresceu muito, assim como a

igualdade entre os atletas também foi maior, acho que a igualdade no jornalismo também foi. Tem, ainda, a questão do narrador, que definitivamente é uma barreira a ser quebrada, assim como foi das repórteres no passado. Acho que estamos indo um passo de cada vez, as narradoras estão começando a chegar agora, já temos uma ou outra, mas ainda precisamos chegar lá. Acho que as mulheres precisam ter exemplos, para que outras se capacitem mais para essa função também. Mas, eu achei que essa melhora foi notória e me agradou bastante.

Carolina Couto

Como iniciou a carreira no jornalismo desportivo?

R: Quando eu estava a estudar na faculdade, eu tinha duas áreas que gostava muito no jornalismo: economia e o desporto. Áreas completamente diferentes, entretanto, percebi que, se calhar, era mesmo o desporto que eu queria. Sabia das dificuldades que iria ter, principalmente comparado ao jornalismo económico, mas agarrei nas minhas pernas e fiz-me a vida. Comecei a faculdade e fui trabalhar para um bar, algo que eu fazia para conseguir pagar as minhas contas, e no meio tempo fui mandando emails. Alguns deles, 3 anos depois, ainda não foram respondidos, mas houve um meio de comunicação que, finalmente, me respondeu. Então, foi assim que eu consegui ser entrevistada e passei por todo o processo de recrutamento do *Jornal Record Desportivo*.

E quando ingressou na televisão?

R: Tive a sorte na altura de estarem precisando de uma pessoa para trabalhar com televisão de imediato, porque o *Record* tem um programa à noite, que se chama o *Hora Record*, e estavam a precisar de alguém para esta equipa. Eu fui a primeira entrevista, eles gostaram do meu perfil e, entretanto, fui fazendo testes de televisão. Eu, que nunca tinha feito nada parecido! Eles acabaram por gostar de mim e acabei

por ser contratada. Por isso, comecei a trabalhar no início de janeiro e no final de fevereiro já estava a apresentar.

Quais as funções que realiza hoje?

R: Hoje em dia, eu faço um pouco de tudo. Se for preciso, eu consigo apresentar, mas, essencialmente, faço muito trabalho de redação dentro da televisão, faço muitas reportagens no exterior, quer em direto ou gravadas, e faço também narrações de jogos. Portanto, tudo que há para se fazer dentro da redação de desporto na televisão, eu faço.

O que pensa sobre a igualdade de género na informação desportiva em Portugal?

R: Penso que estamos a começar a evoluir, mas ainda estamos um bocado longe. Eu explico: no Canal 11, nós somos 50/50 no que toca aos jornalistas. E acho que vai além da quantidade de mulheres nas redações, o que acontece é que as poucas mulheres que estão lá não entram nas grandes decisões. Por exemplo, se existe um grande evento desportivo, ainda não se pensa em “vamos enviar a jornalista tal”. Acho que ainda se olha muito para as mulheres no jornalismo desportivo associado à beleza. E isso é um facto, o público alvo do jornalismo desportivo é maioritariamente masculino, contra isso nada a discutir. Mas ainda se olha muito para esse lado, o lado do “é bonita, então faz-se um bom boneco na televisão”. Por isso que eu acho que temos muito a evoluir. Não quero que chamemos mulheres porque é preciso chamar para bater uma quota, a questão é que nem se coloca em possibilidade de mulheres irem fazer correspondências, mesmo ela tendo capacidade. E sinceramente, às vezes, elas têm muito mais capacidade do que os homens que, de facto, vão.

Então, você acha que ainda existem muitos obstáculos para entrar nesta área?

R: Sim, ainda existe um entrave muito grande. Há órgãos de comunicação social que estão a evitar contratar mulheres porque, por exemplo, no momento em que a mulher

escolhe que quer seguir com a maternidade, a qual tem direito, elas acabam por desistir da profissão. Isso acontece, talvez, porque a maioria das modalidades são realizadas à noite e no fim de semana. Isso faz com que as mulheres não vejam os filhos. Portanto, nós, às vezes, desistimos da nossa carreira para passar mais tempo com os nossos filhos.

Acha que, pelo fato de ser mulher e ingressar na área do desporto, que é uma área muito dominada pelos homens, que teve alguma dificuldade acrescida relativamente aos seus colegas do sexo masculino?

R: Sim, e consigo te dar um exemplo da minha experiência pessoal com a narração. Eu fui a primeira mulher a narrar um jogo de futebol masculino em Portugal. Foi um jogo sub-19, na altura. Quando eu comecei a me preparar para a narração, eu estava a sentir um grande cuidado por parte dos meus colegas e dos meus chefes. Ou seja, tinha de treinar muito porque toda a gente sabe, e eu também tenho essa consciência, de que uma mínima falha seria interpretada como “não sabe porque é mulher”. Infelizmente, isso ainda é verdade. Portanto, sempre me foram gerindo as expectativas com muito cuidado. Mas, a grande disparidade que eu encontro é, por exemplo, eu comecei a narrar sem nenhum tipo de experiência prévia, e quando vi colegas meus, homens, que nunca tinham narrado também, começaram a narrar sem esse mesmo tipo de preocupação. Ou seja, eu, até hoje, estou a dar passinhos de bebé, enquanto, se calhar, colegas meus homens deram passos normais. E nesse momento, só há eu e mais uma colega, de outro canal desportivo, a fazerem narrações em jogos de futebol. Ainda muito tem que acontecer.

É verdade. E na sua opinião, como se explica o fato de as mulheres continuarem em minoria no jornalismo desportivo?

R: Muito honestamente, eu acho que a culpa não é só das empresas e dos patrões. Eu acho que ainda há muito pouco gosto pelo desporto na maioria das mulheres. Quando eu estudava, eu lembro-me que, no ano em que eu entrei havia quase 100 pessoas,

apenas duas ou três colegas minhas gostavam de futebol. Há aqui, também, uma grande diferença. Ainda há pouquíssimas mulheres que gostam de futebol, de desporto em si. Depois, há outro aspeto que é: as mulheres têm a tendência de gostarem de desportos que não tem tanta expressividade na televisão... e lá está, nós não somos assim tantas a gostar da área. Sinceramente, essa questão de estarem aparecendo cada vez mais mulheres a gostar, de facto, estão, mas temos de separar as coisas. Muitas mulheres começam a gostar, mas não são jornalistas, por isso entram na posição de comentadoras e, nesse ponto, é ainda mais apertado, porque praticamente 100% dos comentadores em Portugal são homens. Enfim, claramente é uma questão de mudança de mentalidade.

Na redação, quando as notícias de desporto são escritas, elas são escritas para um público masculino?

R: Sim, definitivamente. Isso e não só, por exemplo: o facto de termos menos mulheres em posição de chefia. Há mulheres que têm mais sensibilidade do que outras, mas, na larga maioria, somos mais sensíveis que os homens, e somos sensíveis a determinados assuntos. Então, onde é que se vê a falta dessas mulheres em cargos de chefia? Em diversas coisas que se vê em antena, porque são decisões que são tomadas única e exclusivamente por homens, quer seja na apresentação dos programas, na maneira de vestir, podem ser muitas coisas. Mas, o que é certo é que: eu sendo claramente feminista, há muitas situações aqui dentro, seja a nível jornalístico ou não, que eu tento chamar a atenção, seja porque eu achei que não está escrito de uma forma com cuidado ou por qualquer outro motivo. Uma das situações que nós lutamos muito é dar importância para as transferências dos jogadores, seja no futebol masculino seja no feminino... portanto, lá está, talvez se não existissem tantas mulheres nas redações, também não iria existir essa sensibilidade de assuntos que nos interessam, e não iriam chegar a evoluir.

E você acha que, quando tenta dar esse *feedback*, você sente que a sua opinião é ouvida? A sua opinião importa dentro da redação?

R: Não [risos]. Até porque, imagina, eu sou uma mera jornalista no Canal 11, não tenho qualquer tipo de influência na cadeia hierárquica. Mas, nesse aspeto em si, as opiniões acabam por sair em saco roto, porque ou não dá jeito de falar sobre isso agora, ou porque “lá estás tu com as tuas coisas de gaja”. Por exemplo, para mim um assunto que era mais do que notícia foi, nas Olimpíadas de Tóquio, ter tido pela primeira vez uma mulher transgénero a jogar futebol. Isso para mim era notícia instantânea, mas não se falou disso aqui, apesar de eu ter dado essa dica. Ok, não era portuguesa, era do Canadá, mas não deixa de ser notícia. Portanto, isso ainda está a ser construído aos pouquinhos.

Era sobre as Olimpíadas que queria comentar a seguir. Qual foi o seu balanço na cobertura das Olimpíadas de Tóquio 2020? Você sente que teve espaço para mais mulheres comentarem os eventos esportivos?

R: É assim, na verdade, o Canal 11 pertence à Federação Portuguesa de Futebol. Para nós, e até mesmo para Portugal, tem muito mais importância um Campeonato na Europa ou o Campeonato Mundial de Futebol do que uns Jogos Olímpicos. Esse equilíbrio existe mais no Brasil do que propriamente cá. Aqui, há o interesse, mas é um interesse mais voltado para o “olha que giro, deixa-me ver”, e não mais para um “eu gosto muito desta modalidade ou deste atleta x”, não é tanto por aí. Infelizmente, isto também é algo que eu luto, somos um país de futebol e ponto. Apenas o futsal e o handball é que, ultimamente, tem ganhado algum espaço. Mas, de resto, é como se nada existisse. As outras modalidades existem quando ganhamos medalhas, nessas alturas, Portugal é de todas as modalidades. Ou seja, enquadrando a sua pergunta para o Campeonato da Europa, que ocorreu antes das Olimpíadas, posso dizer que finalmente tivemos mulheres jornalistas numa fase final. Na Rússia, em 2018, não tivemos nenhuma representante portuguesa, enquanto neste campeonato tivemos pelo menos 3. É uma pequena vitória, e colocar as pessoas para perceber que nós também podemos fazer este tipo de trabalho.

Joana Miranda

Como iniciou a carreira no jornalismo desportivo?

R: Eu escolhi o Jornalismo precisamente para trabalhar em desporto. Acho que foi mais o jornalismo que escolheu a mim do que eu propriamente ter escolhido o jornalismo, porque eu queria trabalhar com desporto, não sabia bem o que fazer... eu sabia que gostava de escrever, então acabei por associar dois mais dois. Desde cedo que eu percebi que gostaria de trabalhar em jornalismo desportivo. Quando eu estava na universidade, nós podíamos fazer reportagens e eu sempre escolhia os jogos de futebol, ou tudo que era desporto, então, para mim foi muito fácil. Quando chegou a época de escolher um estágio, eu acabei por escolher um jornal generalista, mas que tinha como foco o desporto, então eu já sabia que se eles gostassem de mim, eu eventualmente poderia ficar... e foi isso que aconteceu.

Foi difícil ingressar nesta especialização?

R: Olha... eu acho que não. Óbvio que há histórias, mas para mim não foi difícil. Eu comecei a ver futebol e ir aos estádios quando eu tinha 7 anos, portanto, pessoalmente, entrar nesta área não foi difícil, foi sempre a minha vida. Em relação a como me receberam, se olhavam para mim como mulher e desconfiavam dos meus conhecimentos e daquilo que eu era capaz, eu propriamente não senti. Mas, sei que há muitas histórias de mulheres que se calhar não tiveram a mesma facilidade que eu tive e isso depende um bocado dos chefes e diretores que eu fui tendo ao longo da minha carreira. Isso eu acho que é uma questão cultural, não é? Só hoje em dia que olhamos para o feminino de uma maneira mais séria, comparado a uns anos atrás.

E quando ingressou na televisão?

R: Eu entrei n'A Bola há 10 anos. Eu passei por dois estágios, também em jornalismo

desportivo, estive 5 anos na redação em que fazia peças informativas, ia à rua, fazia diretos e há 5 anos que estou na programação, em que tenho uma equipa de redação, faço os alinhamentos dos telejornais e coordeno os jornais em direto da régie.

O que pensa sobre a igualdade de género na informação desportiva em Portugal?

R: Eu acho que está muito melhor, há cada vez mais mulheres no jornalismo. Vemos muito mais mulheres a apresentar, mulheres na rua a fazer reportagens... isso não se passava há 20 anos, mesmo antes de eu começar minha carreira sequer. Mas, ao longo dos meus 10 anos de jornalismo, também fui vendo cada vez mais mulheres a entrar. Para te dar um exemplo, acabamos de fazer um processo de recrutamento aqui n' *A Bola TV* e as duas pessoas contratadas foram mulheres. Lá está, não queremos saber se são homens ou mulheres, quem foi bem nas entrevistas conseguiu a vaga. Elas, inclusive, foram muito melhores do que vários rapazes que aqui já estiveram. Agora, sinto que quando eu entrei na emissora, eram muito mais homens... hoje em dia continua a ser assim, atenção, não vamos dizer que chegou em um ponto de equilíbrio, porque isso não existe ainda. Mas, já vem acontecendo algo mais... aceitável. Eu acho que o jornalismo desportivo em Portugal, hoje, se for 65% homens e 35% mulheres já é muito, talvez. Eu acho que as mulheres já são mais aceitas. Embora, aqui em Portugal é muito comum, por exemplo, alguém fazer uma asneira na rua e logo dizerem “tinha que ser gaja” e às vezes no jornalismo desportivo acontece exatamente a mesma coisa.

Acha que, pelo fato de ser mulher e ingressar na área do desporto, que é uma área muito dominada pelos homens, que teve alguma dificuldade acrescida relativamente aos seus colegas do sexo masculino?

R: Na minha experiência, não. O que eu sinto é que eles acham que nós somos “frágeis”. Imagina, nas festas dos títulos, quando há uma decisão de campeonato e muita confusão, às vezes olha-se para as jornalistas de duas formas, ou é vamos meter a jornalista na confusão porque os torcedores malucos vão ter mais respeito porque não vão bater nela, logo, se calhar, é melhor mandarmos uma mulher, ou então tens o

outro lado a dizer que é melhor não metermos lá uma mulher porque senão ela vai sofrer no meio daquilo tudo... e isso vai muito da percepção de quem manda. Entendes? Eu acho que hoje em dia é mais isso, olharem para a mulher como um ser frágil, que não pode ser colocada em certas situações. Ou seja, não tem muito a ver com o conteúdo que ela possa trazer, e sim pelo “sexo frágil”.

Na sua opinião, como se explica o fato de as mulheres continuarem em minoria no jornalismo desportivo?

R: Eu acho que é uma questão cultural, sabes? No primeiro jogo de futebol que eu fui, tinha 7 anos, ou seja, eu cresci com o desporto. E eu acho que na maneira como nós crescemos, tanto meninas quanto rapazes, existe uma distinção na forma como educamos. Porque, mais tarde, modifica as nossas escolhas.

Na redação, quando as notícias de desporto são escritas, elas são escritas para um público masculino?

R: Talvez, até no tipo de imagens que são usadas na televisão. Tem muito a mentalidade do “mete aí umas miúdas giras na imagem”, isso sim. E a desculpa é sempre “ah, mas as mulheres também gostam de ver miúdas giras”, ok, é um facto. Mas sim, eles querem nos fazer pensar que é para um público geral, mas nós sabemos bem quem é o público, não é... Eu acho que quem trabalha com jornalismo desportivo teve de crescer a ver o desporto, porque eu acho que uma pessoa consegue trabalhar numa área de economia sem ter crescido nisso, aprende-se. Agora, o desporto é difícil de aprender, porque tem tudo a ver com a emoção, e se não crescestes assim, fica muito mais complicado, ou tu gostas ou não gostas. Além da questão cultural também, se alguém tem um filho e uma filha, é mais provável que a pessoa leve o filho para ver os jogos, portanto é normal que a rapariga não fique ligada ao desporto.

Você conhece mulheres em cargos de chefia na secção desportiva?

R: Podem considerar que eu sou um cargo de chefia, eu coordeno uma redação, eu

coordeno uma equipa. Quando eu estou perante eles, eu tenho um cargo superior. Por isso, sim, eu me considero uma mulher em cargo de chefia. Em Portugal, mulheres na chefia... não há muitas. Há uma que foi a primeira jornalista de desporto conhecida em Portugal, que é a Cecília Carmo, ela esteve em desporto por muito tempo e, se não estou em erro, ela chegou a um cargo de chefia na *RTP*. Agora, chefia mesmo de desporto... se houver meia dúzia em Portugal é muito. Na minha equipa de coordenação, nós somos 5 e eu sou a única mulher, e às vezes eu rebato com argumentos de uma forma completamente diferente e eles já rebatem tipo “nossa, nunca ia pensar nesse sentido”, porque é sobre isso, mulheres e homens pensam de formas muito afastadas. Por isso que eu acho que era importante haver mais mulheres em cargos de chefia até por esse tipo de discussão, porque eu farto de dizer que o jornalismo não é matemática. Portanto, ouvir várias opiniões faz com que se construa um tema, faz com que avancemos mais para frente... acho mesmo que deveriam haver mais mulheres nessas posições.

Qual foi o seu balanço na cobertura das Olimpíadas de Tóquio 2020? Você sente que teve espaço para mais mulheres comentarem os eventos esportivos?

R: Na *Bola*, especificamente, os dois jornalistas que foram enviados para Tóquio foram homens. Mas, na *Bola*, a quantidade de mulheres que escrevem para o jornal são duas ou três, num universo de talvez 40 homens. Portanto, escolher duas pessoas para ir a Tóquio sempre foi claro que seriam dois homens. Aqui n’*A Bola TV*, vamos sempre rodando, por exemplo: há jornais que escrevem só do Benfica, outros só do Sporting, Porto, etc. Na TV, nossa redação não é muito grande, então, o que queremos fazer é que toda a gente saiba de tudo, ou seja, tanto podia ser hoje um rapaz a fazer um resumo dos Jogos Olímpicos quanto poderia ser uma mulher. Mas acho que tendencialmente foram sempre mais homens, até comparando com as outras televisões. O que aconteceu foi: todos os repórteres que foram para lá são homens. Na *RTP*, na *SIC*... eram todos homens. E aí que notas logo a diferença, e a *Bola* não fuge disso. Em termos de comentários, não há mulheres jornalistas a comentar. Não há. Aliás, a única mulher conhecida em Portugal porque comenta é a Helena Costa, e isso porque ela não é jornalista, é treinadora de futebol. Mas, se a percentagem de

homens é sempre maior, faz sentido que essas questões não avancem, não é? Porque o trabalho cai sempre para cima deles... é triste. Pode vir a mudar nos próximos anos, mas, por enquanto, não mudou.

Marta Grácio

Como iniciou a carreira no jornalismo desportivo?

R: O desporto sempre esteve presente na minha vida, até porque eu pratiquei por muito tempo o futebol de salão, também fazia futebol, basquetebol, portanto, sempre estive muito ligada ao desporto. Depois, eu já seguia o futebol, porque meu pai sempre incentivou e via muitas vezes os jogos com ele. Eu acho que era a minha forma de me aproximar dele, mas como eu também gostava, sempre foi presente na minha vida. O jornalismo já foi um bocado diferente, eu nunca quis ser jornalista de fato. Eu até queria ser professora de história, mesmo nada a ver. O jornalismo acontece por causa de um colega meu, nós tínhamos vagas para preencher quando estávamos a acabar o décimo segundo ano, e como última opção eu coloquei Ciências da Comunicação. Mas, no fim, entrei. Depois, no último ano, nós tínhamos as opções de escolher os vários ramos do jornalismo, e por mais que eu sempre quisesse televisão, optei pela imprensa escrita. Na primeira aula, eu sentei na aula e já pensei “isto não é para mim”. Saí da sala e fui direto para o atelier de jornalismo televisivo. Consegui um estágio na *TVI*, e quando disseram que queriam me colocar na área de sociedade eu já reivindiquei e disse que queria mesmo o desporto, não tinha outra opção.

Foi difícil ingressar nesta especialização?

R: Na *TVI* não, tive muitas oportunidades, fiz mais de 80 peças num estágio de 6 meses, fiz treinos, conferências... e já havia algumas mulheres. Quando eu cheguei, não havia muitas, mas já existiam. Claro que, hoje em dia, acho que há mais. Em 2005, quando eu comecei, achei que as mulheres só podiam falar de certas modalidades.

Quais as funções que realiza hoje?

R: Hoje, além de jornalista, sou também coordenadora dos programas e conteúdo. Também sou repórter de rua... nós fazemos de tudo um pouco!

O que pensa sobre a igualdade de género na informação desportiva em Portugal?

R: Daquilo que eu percebo e das pessoas que eu tenho contato no mundo televisivo, as coisas tem se mantido mais ou menos equilibradas, não acho que haja tanta disparidade. Nós, lá na *BTV*, obviamente há mais homens, mas ao nível de quantidade de mulheres, acho que estamos bem representadas.

Então, você ainda encontra obstáculos para entrar nesta área?

R: Se pode haver entraves ao início, sim, com certeza. Mas, se tu provares o teu valor e se mostrares que sabes e que queres mesmo estar ali para aprender, fizer tudo igual aos homens, acredito que não tenha muita dificuldade.

Acha que, pelo fato de ser mulher e ingressar na área do desporto, que é uma área muito dominada pelos homens, que teve alguma dificuldade acrescida relativamente aos seus colegas do sexo masculino?

R: Eu não sei se houve diferença, mas eu demorei um tempo para fazer a parte dos repórteres de pista. Há sempre o narrador e o comentarista no estúdio, e um repórter atrás das balizas. Eu demorei muito até chegar nesse patamar. Não sei, não sei se era por uma questão das pessoas em casa não estarem acostumadas a ouvir uma voz feminina durante um jogo de futebol, pode ser por aí. Mas, se eu já fazia os jogos da equipa B, porque não poderia fazer os da equipa A? Hoje eu já faço, mas demorei muito mais do que eu estava a espera.

Na redação, quando as notícias de desporto são escritas, elas são escritas para um público masculino?

R: Eu acredito que não, acho que é escrito da mesma forma. Vou te dar um exemplo que acabei de receber: nós sempre recebemos a grelha dos programas adiantados, e

tivemos de mudar tudo em cima da hora. Isso porque estava a passar um jogo de handball masculino, num campeonato particular, e seria um Benfica contra o Sporting, jogo importante. Mas, recebemos a informação de que a equipa feminina de futebol ia jogar na mesma hora, e nós preferimos passar o jogo de futebol feminino do que passar o de handball masculino. Ou seja, um dérbi importantíssimo pro canal, mas que foi escolhido passar um jogo feminino. Eu acredito que nós somos o canal que mais passa modalidades femininas, inclusive.

Você conhece mulheres em cargos de chefia na secção desportiva?

R: Sinceramente, acho que não. A maioria dos diretores sempre é homem. A nível de coordenação, já existe sim.

Qual foi o seu balanço na cobertura das Olimpíadas de Tóquio 2020? Você sente que teve espaço para mais mulheres comentarem os eventos esportivos?

R: Eu acho que houve abertura para falar de alguns temas, esses temas que ninguém falava. Saúde mental foi, com certeza, o mais mediático. Teve, inclusive, uma nadadora do Benfica que admitiu, depois de anos, que tinha distúrbios alimentares... acho que, no fundo, a pandemia acabou por fazer com que as pessoas falassem tudo que pudesse estar engasgado nelas. Também tivemos a Patrícia Mamona, que bateu recordes e conseguiu levar a medalha de prata... Então, acho que teve um balanço bem positivo.